

II – NOVA BASE TERRITORIAL PARA O PROGRAMA FAIXA DE FRONTEIRA

A. AS TRÊS FRONTEIRAS

Os estudos apontam para a macrodivisão da Faixa de Fronteira em três grandes Arcos. O primeiro é o Arco Norte, compreendendo a Faixa de Fronteira dos Estados do Amapá, Pará, Amazonas e os Estados de Roraima e Acre (totalmente situados na Faixa de Fronteira). O segundo é o Arco Central, que compreende a Faixa de Fronteira dos Estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O terceiro é o Arco Sul, que inclui a fronteira dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A-1 Arco Norte

A-1.1 Caracterização Geral

O Arco Norte abrange a Faixa de Fronteira dos Estados do Amapá, Pará, Roraima, Amazonas e Acre. Apesar de também fazer parte da Amazônia Legal, a base produtiva e outros indicadores sócio-econômicos apontaram no sentido de deslocar a Faixa de Fronteira de Rondônia para o Arco Central (observação igualmente válida para Mato Grosso, outro Estado componente da Amazônia Legal).

Diferenças na base produtiva, posição geográfica e predomínio de população indígena foram os principais critérios para a definição das sub-regiões do Arco Norte. Apesar de fluxos imigratórios procedentes de outras regiões do país (principalmente nordestina), a Faixa de Fronteira Norte constitui um “*arco indígena*”, tanto do ponto de vista do território (presença de grandes áreas de reserva) como da identidade territorial (importância étnico-cultural indígena mesmo fora das áreas de reserva). As sub-regiões identificadas são: (I) Oiapoque-Tumucumaque; (II) Campos do Rio Branco; (III) Parima-Alto Rio Negro; (IV) Alto Solimões; (V) Alto Juruá; (VI) Vale do Acre-Alto Purus.

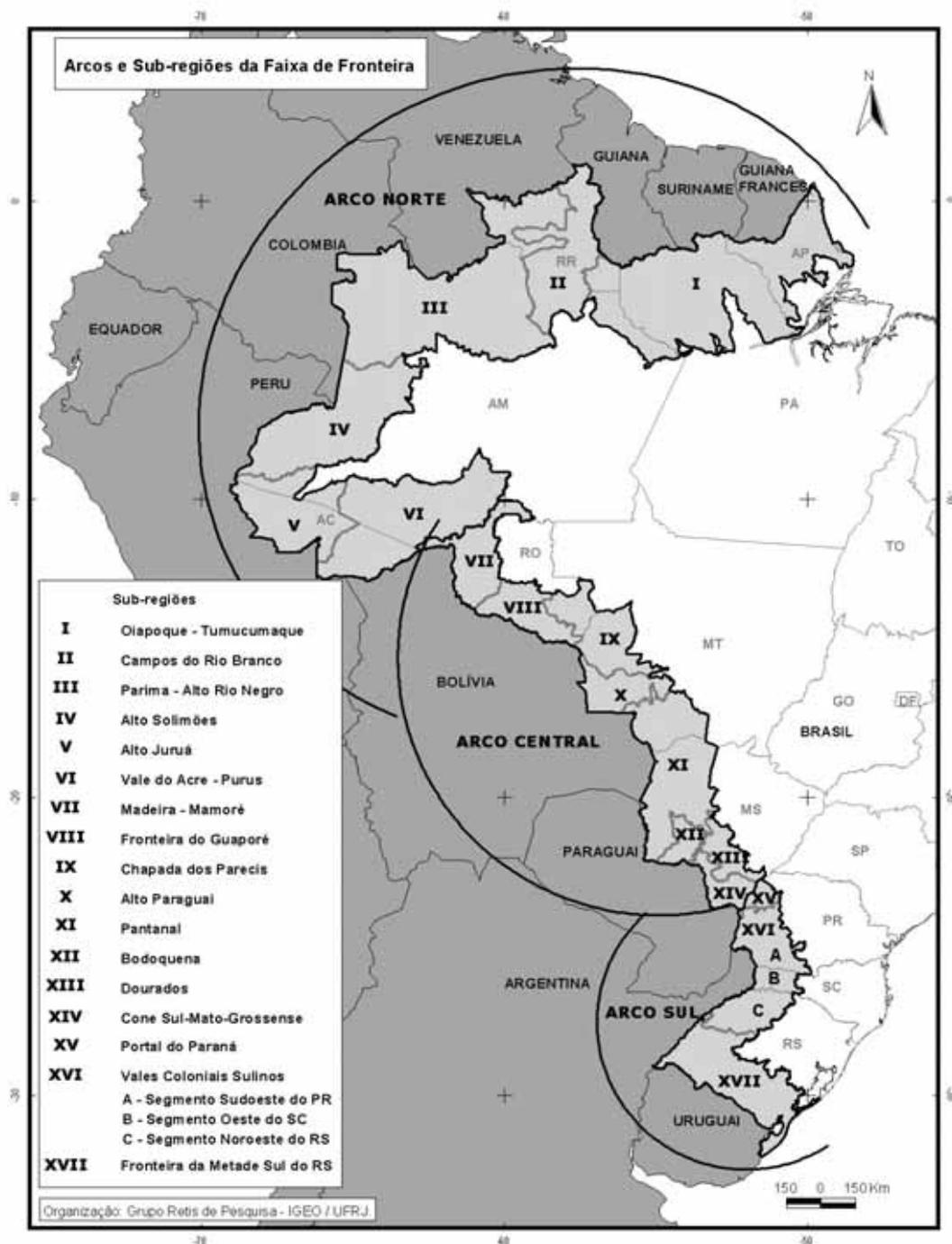


FIGURA 7: ARCOS E SUB-REGIÕES DA FAIXA DE FRONTEIRA

É importante ressaltar que o tamanho desmesurado dos municípios amazônicos não só é um indicador de baixa densidade demográfica como é responsável pela maior largura da Faixa de Fronteira brasileira no Arco Norte (em alguns trechos, mais de 700 km do limite internacional), o que dificulta sobremaneira o reconhecimento de diferenças internas da base econômica. Dois Estados, Roraima e Acre, têm seus territórios totalmente incluídos na Faixa de Fronteira, fato que tem provocado repetidas reclamações de seus governos a respeito das limitações impostas a todo o território estadual pela legislação que instituiu a Faixa de Fronteira. Curiosamente não é aventada a possibilidade de redução do tamanho dos municípios pela alteração da malha municipal, prerrogativa devolvida aos governos estaduais pela atual Constituição e que colocaria vários municípios fora do polígono de 150 km, tanto no Acre como em Roraima.

Se nas últimas décadas a questão ambiental atraiu a atenção nacional e internacional para a proteção das florestas nativas amazônicas e de seu patrimônio biogenético, o Arco Norte Amazônico tem atraído recentemente a atenção nacional em termos de conflitos envolvendo terras indígenas, tráfico internacional de cocaína e movimentos guerrilheiros atuantes em países limítrofes, principalmente na Colômbia.

A-1.2 Aspectos Geoeconômicos

O Rio Amazonas permanece importante como eixo estruturador do povoamento, assim como seus grandes afluentes da margem esquerda e direita. Além de constituírem eixos de povoamento, a maioria dos vales amazônicos são vias naturais de integração e comércio com diversos países vizinhos. Somente em três lugares do Arco Norte a dependência em relação à rede fluvial foi reduzida pela construção de rodovias: no Acre, principalmente no Leste acreano (BR-364 e BR-317); em Roraima, com a conexão de Manaus e Boa Vista ao Caribe através da Venezuela (BR-174) e Guiana (BR-401); e no Amapá a estrada (precária) que liga Macapá à Guiana Francesa (BR-156), sendo previsto no PPA 2003-2007 do Ministério dos Transportes a construção de uma ponte sobre o Rio Oiapoque e de trecho rodoviário entre Ferreira Gomes e Oiapoque.

Desde antes do início da colonização européia (século XVII), a Faixa de Fronteira Norte tinha como principais meios de subsistência a pesca, o extrativismo vegetal e o cultivo da mandioca (*complexo indígena da mandioca*). Essas atividades até hoje constituem a “identidade produtiva” da maioria das sub-regiões em termos de extensão territorial, porém não em valor da produção. Hoje, a mineração da bauxita em Oriximiná e a silvicultura em Almeirim/PA e Laranjal do Jarí/AP e mesmo a piaçava em Barcelos/AM apresentam valores de produção incomparavelmente maiores do que qualquer outro produto do Arco Norte. No entanto, a natureza dessas atividades e a inexistência de

cadeia produtiva levam a que seu potencial como indutor de desenvolvimento regional seja ínfimo.

As “frentes pioneiras” que avançaram sobre a floresta, desmatando grandes áreas nos últimos trinta anos, foram deixando atrás de si grandes áreas de pastagens para rebanhos bovinos de qualidade irregular. Mais importante, a substituição da agricultura itinerante dos indígenas pelos cultivos de subsistência das frentes pioneiras e destas por grandes fazendas de gado levaram não só à concentração fundiária como ao seu corolário, a urbanização.

Grande parte das atividades que geram emprego e renda no Arco Norte tem base urbana, o que não significa dizer que sejam empregos exigentes de mão-de-obra qualificada e bem remunerada. As próprias cidades carecem de infra-estrutura básica e as dificuldades de comunicação e circulação entre elas desencorajam investidores potenciais e frustram aqueles que investem. Mais recentemente, um mercado local e regional para produtos agrícolas e de leite e derivados tem se desenvolvido em função do adensamento urbano crescente no entorno das capitais estaduais de Rio Branco (Sub-região Vale do Acre) e Boa Vista (Sub-região Campos do Rio Branco), pólos principais de atração imigratória e de investimentos no Arco Norte. Essas sub-regiões são as que apresentam maior potencial para implantação de arranjos produtivos locais (APL) vinculados à bovinocultura de leite, à farinha de mandioca (uma das melhores da Amazônia é produzida em Cruzeiro do Sul), às frutas tropicais e ao palmito.

Afora algumas possibilidades de APLs aventadas no estudo de caso do Alto Solimões (pesca artesanal, piscicultura, movelaria, mandioca) e que serão discutidas adiante, é possível que a capacitação gerencial e a alteração da forma de organização da produção de piaçava em Barcelos possam incentivar agregação de valor às duas matérias primas locais, piaçava e madeira, com a introdução de unidades industriais de artefatos domésticos bastante simples de manufaturar.

Na rota do Caribe que liga Manaus e Boa Vista a Georgetown na Guiana encontram-se duas pequeninas cidades-gêmeas, Bonfim e Lethem, prestes a serem articuladas por uma ponte sobre o Rio Tacuru. Faz uns vinte anos que Bonfim é Área de Livre Comércio (SUFRAMA) sem que essa condição tenha contribuído de forma significativa para o desenvolvimento de ambas as cidades, muito menos da sub-região. Considerando o potencial comercial da rota do Caribe, e de modo que não continue o predomínio absoluto de Manaus na exploração dessa rota, Bonfim, Normandia e Boa Vista poderiam constituir uma futura Zona de Integração Fronteiriça (ZIF). Se levada a sério, a proposta das ZIFs pode, no futuro, substituir o modelo ‘zona franca’ de Manaus, altamente concentrador do ponto de vista territorial.

A-1.3 Aspectos Culturais

O aspecto cultural mais importante do Arco Norte e que lhe confere identidade territorial é abrigar o maior contingente de população indígena do país diferenciado em variadas etnias e culturas. A relevância territorial das tribos indígenas foi reconhecida e legitimada pelo Governo Federal sob a forma de reservas ou Terras Indígenas, a maior parte delas já demarcadas, homologadas ou em processo de homologação. Esse fato não foi aleatório e sim efeito de uma política federal deliberada, de criar *zonas-tampão* no limite internacional amazônico. Em muitos trechos do Arco Norte, os países vizinhos também criaram do outro lado do limite internacional suas próprias zonas-tampão, institucionalizando terras indígenas e parques nacionais. As principais etnias indígenas do Arco Norte, ianomâmi e macuxis, tucanos (Sub-região Parima-Alto Rio Negro), tikunas (Sub-região Alto Solimões) e panos (Sub-regiões Alto Solimões e Alto Juruá) ocupam territórios dos dois lados do limite internacional.

Quatro aspectos devem ser ressaltados sobre as terras indígenas fronteiriças por caracterizar uma situação encontrada em outros segmentos da Faixa de Fronteira brasileira: a) a livre mobilidade transfronteira dos grupos indígenas, em função de antigos laços de parentesco, redes de escambo, ou presença do mesmo grupo étnico-cultural tende a estimular a continuidade física das reservas indígenas, superpondo-se à linha divisória entre os países; b) a invasão de terras indígenas por frentes mineradoras, madeireiras e agrícolas gera sérios conflitos; c) o direito indígena à terra (e sua extensão territorial) é objeto de visões divergentes (estratégica, desenvolvimentista, ambientalista, indigenista, etc.) tanto no âmbito federal, estadual e municipal, como nas comunidades indígenas e não-indígenas; d) a crise identitária de muitos grupos indígenas é uma questão de cidadania extremamente importante; resulta tanto da hostilidade com que geralmente são tratados por outros grupos, como de conflitos internos a respeito do grau e os caminhos de integração à sociedade não-indígena.

Considerando tais aspectos, uma das principais diretrizes do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira no Arco Norte é respeitar os direitos adquiridos dos povos indígenas e, ao mesmo tempo, criar condições para sua integração nas áreas ocupadas por grupos não-indígenas.

A-2 Arco Central

A-2.1 Caracterização Geral

O Arco Central abrange a Faixa de Fronteira dos Estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Oito sub-regiões foram identificadas, um indicador de

grande diversidade nos tipos de organização territorial. A unidade do Arco deriva do caráter de transição entre a Amazônia e o Centro-Sul do país e de sua posição central no subcontinente. É nele que se encontram as duas grandes bacias hidrográficas sul-americanas, a Bacia Amazônica e a Bacia do Paraná-Paraguai.

Como nos outros Arcos, diferenças na base produtiva e identidade cultural foram os critérios para a divisão em sub-regiões: (VII) Madeira-Mamoré; (VIII) Fronteira do Guaporé; (IX) Chapada dos Parecis; (X) Alto Paraguai; (XI) Pantanal; (XII) Bodoquena; (XIII) Dourados; (XIV) Cone Sul-mato-grossense, os últimos quatro em Mato Grosso do Sul.

A-2.2 Aspectos Geoeconômicos

Grosso modo, o Arco Central apresenta quatro “modelos” de organização do sistema produtivo. O primeiro bastante difundido no país é o de frentes pioneiras. Pequenos e grandes produtores rurais vivem em simbiose, os pequenos com produção agrícola de baixo valor, porém alta diversificação (em terra própria ou de terceiros), e os grandes produtores ocupando grandes trechos de terra com gado de corte. A simbiose deriva principalmente da formação de pastagens no regime de parceria, com o plantio de milho, arroz, mandioca, etc. As Sub-regiões Fronteira do Guaporé e Alto Paraguai são exemplares, nesse sentido, sendo este modelo muito similar ao de Dourados da década de 1930, quando o governo central lá localizou uma série de colônias agrícolas povoadas por imigrantes nordestinos e sulistas.

O segundo “modelo” de organização do sistema produtivo é o “pantaneiro”: grandes propriedades de gado de corte, criado de forma extensiva em pastagens naturais, geralmente tocadas por administradores e capatazes, os proprietários vivendo no Brasil Atlântico. Os municípios de Corumbá, Aquidauana, Miranda, Porto Murtinho, este último com características ligeiramente diferentes, representam o “modelo pantaneiro”.

O terceiro “modelo” de organização foi introduzido pelos “colonos sulistas” ou “gaúchos”, termos genéricos que podem designar gaúchos, paranaenses e mesmo paulistas. A identidade produtiva deste modelo é a soja, explorada com sofisticadas maquinarias e pouca absorção de mão-de-obra. A borda sul da grande Chapada dos Parecis/MT é o exemplo mais claro deste modelo no Arco Central. A expansão da soja, porém, não se limita à Chapada, estendendo-se do Paraná em direção ao Norte de Mato Grosso do Sul, passando por Dourados. O nexos capitalista domina nessas regiões, embora existam vários casos de decadência das plantações de soja por pragas e esgotamento do solo. No momento atual um fato interessante acontece na faixa: a valorização da mandioca nos últimos dois anos para a fabricação de fécula (amido) está “roubando” para si a tradicional associação entre a mandioca e a cultura indígena e cabocla.

O quarto “modelo” é o industrial-comercial. Embora vinculado ao anterior em termos de redes de secagem e armazenamento da soja, tem ímpeto próprio, exemplificado no aparecimento recente de pequenas unidades de produção de amido em meio aos campos de soja e mandioca. O ‘modelo’ engloba as pequenas e médias cidades, por onde se expandem redes de firmas comerciais, principalmente do Paraná, unidades da AVIPAL, da SEARA, frigoríficos de carne bovina e de pescado, etc.

A-2.3 Aspectos Culturais

O Arco Central constitui, culturalmente, uma grande área de transição entre o Arco Sul claramente identificado com a cultura européia de descendentes de imigrantes (“colonos”), principalmente italianos e alemães, e o Arco Norte, onde predomina a cultura dos diversos grupos indígenas amazônicos. Trata-se assim de um espaço bastante diversificado em termos culturais, tendo ao centro a grande área ou “sub-arco” cultural pantaneiro, uma continuidade das áreas do Chaco boliviano e paraguaio. No Pantanal aliam-se a identidade do ‘pantaneiro’, produto histórico da criação extensiva de gado, e a herança indígena, presente direta (em reservas indígenas como a dos índios kadiwéu) ou indiretamente (através de hábitos culturais como o tereré).

Paralelo e parcialmente integrado ao grande Arco fronteiro Central estende-se uma espécie de Arco interior vinculado à modernização agrícola, do Cone Sul-mato-grossense/MS à Chapada dos Parecis/MT, com alguns intervalos (como o do Alto Paraguai), e por onde se propaga a influência da colonização sulista. Áreas culturais mais específicas carregam traços da contribuição negra (como nos remanescentes de quilombos na área de Vila Bela da Santíssima Trindade, no Mato Grosso), indígena (várias reservas no Mato Grosso do Sul e outras, com maior continuidade física, em Rondônia) e paraguaia (em cidades do Mato Grosso do Sul).

A-2.4 Interações Transfronteiriças

O principal entrave ao desenvolvimento das interações fronteiriças no Arco Central é o tráfico de *Cannabis sativa* e cocaína, procedentes, respectivamente, do Paraguai e da Bolívia, e o contrabando de madeira em tora e soja na fronteira paraguaia. O que torna a questão mais complicada é que grande parte do tráfico e das zonas produtoras de *Cannabis sativa* no Paraguai está na mão de brasileiros, que também controlam as redes de contrabando. É certo que empresários vinculados aos agronegócios da soja, incluindo produtores rurais e grandes redes de firmas de armazenamento e secagem também se expandiram em terras paraguaias e mesmo bolivianas de forma legal, comprando terras e atraindo levas de imigrantes brasileiros atrás. Porém, essa mistura heterogênea de interesses dificulta sobremaneira os esforços dos órgãos de vigilância e imprime uma

nefasta “imagem de marca” aos municípios lindeiros do Arco Central (Coronel Sapucaia, Ponta Porã, Corumbá, etc.).

Os negócios ligados às atividades ilegais estimulam da pior maneira possível a economia urbana das localidades fronteiriças, uma vez que atraem indivíduos de todas as regiões do país sem comprometimento nenhum com o lugar. Curiosamente, no caso das Sub-regiões do Cone Sul-mato-grossense e Dourados, municípios não-lindeiros como Dourados e Amambaí, não “contaminados” pela imagem negativa dos municípios lindeiros, são os mais importantes núcleos logísticos do tráfico e do contrabando, e talvez os que mais capitalizaram de forma produtiva seus ganhos. Na Faixa de Fronteira de Rondônia (Sub-região Fronteira do Guaporé) ocorre situação similar, Rolim de Moura, Vilhena e outras municipalidades na retaguarda da Faixa capitalizaram os ganhos com o tráfico, enquanto que a imagem negativa permanece associada aos municípios lindeiros (Cabixi, Pimenteiras do Oeste, Costa Marques).

A-3 Arco Sul

A-3.1 Caracterização Geral

O Arco Sul compreende a Faixa de Fronteira dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, correspondente à área mais meridional do país. Embora com importantes diferenciações intra-regionais, trata-se do espaço com a mais intensa influência do legado sócio-econômico e cultural europeu ao longo da faixa, e aquele mais intensamente afetado pela dinâmica transfronteiriça decorrente do projeto de integração econômica promovida pelo Mercosul. Sua diferenciação interna exige a distinção de pelo menos três sub-regiões principais: o Portal do Paraná, no Noroeste paranaense; os Vales Coloniais Sulinos, subdivididos em três segmentos, Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul; e o segmento de fronteira da Mesorregião Metade Sul do Rio Grande do Sul (segmento de fronteira conhecido culturalmente como Campanha Gaúcha).

A ocupação da Faixa de Fronteira do Arco Sul decorreu de processos territoriais distintos. Na época colonial, a colonização se deu por portugueses e espanhóis. Os portugueses chegaram ao atual porto de Rio Grande e se expandiram pela Campanha Gaúcha no século XVIII. Os espanhóis, especialmente as missões jesuíticas, chegaram dois séculos antes, e ocuparam o atual Noroeste do Rio Grande do Sul a partir do território das Missões, que chegou a estender-se até o Oeste do atual Estado do Paraná.

Interrompida a experiência missioneira (meados do século XVIII), e limitada a expansão lusa às áreas de campo do Extremo-Sul, a colonização só teve seqüência com a estratégica ocupação das áreas de mata a partir da imigração européia, principalmente

de alemães e italianos, no século XIX, de onde emergiu a chamada “Colônia Nova” do Noroeste Gaúcho nas primeiras décadas do século XX. A partir daí, seguindo o mesmo processo baseado na pequena propriedade de produção familiar, foram ocupados o Oeste Catarinense e o Sudoeste do Paraná (décadas de 1940 e 1950).

Por sua vez, a ocupação do Noroeste do Paraná representou o encontro da “frente pioneira” vinda do Rio Grande do Sul e do Oeste Catarinense com a “frente” cafeicultora vinda de São Paulo a partir de Londrina e Maringá. Daí a área aqui denominada de Portal do Paraná representar o espaço de passagem da colonização sulista em direção ao Mato Grosso do Sul, no Arco Central. A influência dos sulistas na expansão da soja e os capitais e tecnologias provenientes principalmente do Paraná e de São Paulo na difusão de unidades industriais em Mato Grosso do Sul apontam no sentido de crescente diferenciação entre o Sul e o Norte deste Estado da Federação.

A-3.2 Aspectos Geoeconômicos

O legado da imigração européia, principalmente através dos descendentes de alemães e italianos, é uma das marcas fundamentais da sociedade e da economia regionais características do Arco Sul. Estes migrantes, conhecidos regionalmente como “*colonos*”, realizaram a ocupação das áreas de mata subtropical em férteis terrenos de terra-roxa, que se estendem desde o Noroeste do Rio Grande do Sul até o Sudoeste do Paraná. A rica e densamente ocupada Sub-região faz parte do Planalto Meridional, cuja dissecação pela erosão fluvial foi responsável pela formação de uma série de vales intensamente cultivados.

A estrutura fundiária moldada por pequenas e médias propriedades, especialmente na Sub-região dos Vales Coloniais, deu origem a uma próspera e relativamente diversificada base produtiva, concentrada na agroindústria, e com forte presença de pequenas propriedades baseadas no trabalho familiar, que se dedicam à criação de aves e suínos, ao cultivo do milho, e à fruticultura. Mais recentemente, a expansão territorial do cultivo da soja, com o arrendamento de terras por grandes empresas agroindustriais, e o desenvolvimento de uma compacta rede urbana conectada por densa malha rodoviária explicam a forte imigração da população do campo para as pequenas cidades, apesar de a estrutura fundiária ter permanecido relativamente estável. Expansão semelhante do cultivo de soja ocorreu no Sudoeste do Paraná, sem redução da diversidade produtiva. Também aqui se difundiu a indústria, tanto aquela vinculada ao agronegócios (mercado externo e nacional) como a que atende à demanda de mercados urbanos e rurais, regionais e nacionais.

Entre o Noroeste Gaúcho e o Sudoeste Paranaense, o Oeste Catarinense apresenta características próprias, embora a estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades

e agricultura familiar continuar dominante. Se comparada aos vizinhos ao Norte e ao Sul, a Sub-região apresenta menor diversificação produtiva e produtos de menor valor (milho e fumo). Por outro lado, a introdução da soja (Xanxerê, Faxinal do Oeste) e a difusão espacial de unidades industriais no Oeste Catarinense, principalmente do setor de alimentos (complexo da SADIA), permitiram a manutenção de uma economia regional sustentável e situação social invejável.

A Campanha Gaúcha, sensivelmente distinta em termos de base produtiva, compreende, ao contrário, médias e grandes propriedades de criação de gado bovino e ovino e, mais recentemente, com o arrendamento de terras por “colonos” migrantes da Região Serrana, a expansão da rizicultura.

A-3.3 Aspectos Culturais

O Arco Sul, apesar de ter recebido a maior contribuição da cultura européia na Faixa de Fronteira brasileira, não constitui um espaço culturalmente homogêneo. Enquanto nos Vales Coloniais, que constituem a sub-região mais populosa e a mais densamente povoada, há um claro domínio da cultura de origem italiana e alemã, na Campanha Gaúcha os traços culturais dominantes são referentes mais estritamente à “cultura gaúcha” e suas raízes lusas e indígenas. No Portal do Paraná, por sua vez, a contribuição do migrante nordestino e de outras nacionalidades (italiana, alemã, japonesa) é responsável por um maior pluralismo cultural.

Um traço comum, entretanto, e que deve ser destacado, é a superposição da ‘cultura gaúcha’, que acompanhou o avanço da migração sulista a partir dos anos 1940-50. Partindo de sua área mais tradicional – a Faixa de Fronteira com o pampa uruguaio-argentino – o “gauchismo” acabou se reproduzindo com igual ênfase dentro das áreas de colonização ítalo-germânica, e hoje encontramos CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) lado a lado de manifestações das identidades italiana e alemã ao longo de toda a Faixa de Fronteira do Arco Sul.

A-3.4 Interações Transfronteiriças

O Arco Sul tem uma das fronteiras mais permeáveis e de interações mais intensas com os países vizinhos, que vem de longa data, mas que estão sendo reestruturadas desde a criação do MERCOSUL. Os laços com os países vizinhos derivam de um processo historicamente bastante antigo de ocupação das áreas de campo naturais por grandes estâncias de gado (especialmente na fronteira com o Uruguai e com a Província argentina de Corrientes) e da influência religiosa e indígena (guarani) das missões jesuíticas do século XVIII. A forte presença militar motivada por antigas rivalidades entre Brasil e Argentina não rompeu esses antigos laços econômicos e culturais.

Atualmente, as interações com os países vizinhos são fortemente regidas pela expansão de interesses e de imigrantes brasileiros nos países limítrofes, incluindo desde o processo de arrendamento de terras por empresários brasileiros ligados à rizicultura no Uruguai até a “frente” de brasiguaios nos Departamentos do Alto Paraná e Canindeyú (Paraguai). No Paraguai vivem atualmente cerca de 350 mil brasileiros e seus descendentes. Menos intensas tem sido as interações ao longo da linha de fronteira argentina (Província de Misiones), devido a implantação pelos argentinos de reservas naturais como zonas-tampão para dificultar a imigração e a compra de terras por brasileiros. Essa “linha de defesa” é quebrada por algumas cidades-gêmeas (Uruguaiana/Paso de los Libres; São Borja/Santo Tomé, etc.) e por novas iniciativas de integração da infra-estrutura rodoviária no âmbito do MERCOSUL, por exemplo, a recente carta de intenções entre a Província de Corrientes e o município de São Miguel do Oeste/SC para a construção de um trecho de rodovia na Argentina, que conectaria o porto catarinense de São Francisco do Sul ao porto de Valparaíso no Chile, passando pela província argentina e o município catarinense.

B. A ESCALA SUB-REGIONAL

B-1 Desenvolvimento Regional e Identidade Cultural: Síntese da Tipologia de Sub-regiões

A elaboração da Tipologia de Sub-regiões resultou da análise e posterior ajuste dos dois vetores principais da pesquisa, que fundamentam a proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF), Desenvolvimento Regional e Identidade Cultural.

O Vetor Desenvolvimento Regional reúne fatores constituintes de processos de desenvolvimento econômico: Densidades Econômicas (Base Produtiva Local, Mercado de Trabalho, Serviços a Produção, Índice de Conectividade); Densidade Técnico-Tecnológica, Social, Institucional, além da proposição de dois índices de avaliação do grau de instabilidade local, o Índice de Estabilidade Municipal e o Índice de Desequilíbrio Interno Local, medidos por município. Também a análise das especializações produtivas (Base produtiva local) foi elemento essencial para a definição das sub-regiões.

O Vetor Identidade Cultural fundamentou-se em dados quantitativos (migração, etnia, práticas religiosas) e elementos qualitativos capazes de ajudar na identificação das sub-regiões culturais na Faixa de Fronteira (espaços de referência identitária, referenciais históricos de identidade, identidade étnico-cultural). Um desses elementos, o *espaço de referência identitária*, sugere a importância para a formação da identidade regional das *regiões-paisagem* e das *paisagens-símbolos*. Tendo em vista as múltiplas e instáveis referências identitárias associadas à vida social e econômica coletiva e a maior estabilidade das *regiões-paisagem* como referência identitária dos habitantes de um território, foram elas que deram nome a cada sub-região.

Os municípios da Faixa de Fronteira foram então classificados segundo as sub-regiões propostas. A seguir encontram-se breves sumários das características gerais do povoamento, e das potencialidades e problemas das sub-regiões por sua vez agrupadas por Arco (Norte, Central e Sul).

ARCO NORTE

I. Sub-região Oiapoque-Tumucumaque (*Sub-região Cultural Arco Indígena Oiapoque-Tumucumaque*)

Inclui os municípios de: Oiapoque, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amapari, Serra do Navio, Ferreira Gomes, Pracuúba, Calçoene, Amapá no Estado do Amapá; Alenquer,

Almeirim, Faro, Oriximiná, Óbidos no Estado do Pará; Urucará, Nhamundá no Estado do Amazonas; Caroebe, São João da Baliza e São Luiz do Anauá no Estado de Roraima.

II. Sub-região Campos do Rio Branco (*Sub-região Cultural Campos do Rio Branco*)

Inclui os municípios de: Boa Vista, Bonfim, Cantá, Caracará, Mucajaí, Normandia, Rorainópolis, Pacaraima e Uiramutã (dentro da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol) no Estado de Roraima.

III. Sub-região Parima–Alto Rio Negro (*Sub-região Cultural Arco Indígena Parima–Pacaraima/RR e Sub-região Cultural Arco Indígena Alto Rio Negro/AM*)

Inclui os municípios de: Alto Alegre, Amajari, Iracema no Estado de Roraima; Barcelos, Japurá, São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro no Estado do Amazonas.

IV. Sub-região Alto Solimões (*Sub-região Cultural Alto Solimões*)

Inclui os municípios de: Tabatinga, Benjamim Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Iça, Jutai, Tonantins no Estado do Amazonas [Fonte Boa, situada fora da Faixa de Fronteira, faz parte da Mesorregião do Alto Solimões].

V. Sub-região Alto Juruá (*Sub-região Cultural Alto Juruá-Javari*)

Inclui os municípios de: Envira, Guajará, Ipixuna no Estado do Amazonas; Cruzeiro do Sul, Feijó, Jordão, Mâncio Lima, Manoel Urbano, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter, Rodrigues Alves, Santa Rosa do Purus e Tarauacá no Estado do Acre.

VI. Sub-região Vale do Acre–Alto Purus (*Sub-região Cultural Vale do Acre–Alto Purus*)

Inclui os municípios de: Acrelândia, Assis Brasil, Brasiléia, Bujari, Capixaba, Epitaciolândia, Plácido de Castro, Porto Acre, Rio Branco, Sena Madureira, Senador Guiomar e Xapuri no Estado do Acre; Boca do Acre, Canutama, Lábrea e Pauini no Estado do Amazonas.

ARCO CENTRAL

VII. Sub-região Madeira-Mamoré (*Sub-região Cultural Madeira-Mamoré*)

Inclui os municípios de: Campo Novo de Rondônia, Buritis, Guajará-Mirim, Nova Mamoré e Porto Velho no Estado de Rondônia.

VIII. Sub-região Fronteira do Guaporé (*Sub-região Cultural Alto Paraguai/MT e Vale do Guaporé/RO*)

Inclui os municípios de: Costa Marques, Seringueiras, São Miguel do Guaporé, Alvorada, Nova Brasilândia d'Oeste, Novo Horizonte do Oeste, Rolim de Moura, Alta Floresta d'Oeste, São Francisco do Guaporé, Alto Alegre dos Parecis, Corumbiara, Cerejeiras, Pimenteiras do Oeste e Cabixi no Estado de Rondônia.

IX. Sub-região Chapada dos Parecis (*Sub-região Cultural Chapada dos Parecis*)

Inclui os municípios de: Chupinguaia, Colorado do Oeste, Parecis, Pimenta Bueno, Primavera de Rondônia, Santa Luzia d'Oeste, São Felipe do Oeste e Vilhena, no Estado de Rondônia; Comodoro, Conquista d'Oeste, Campos de Júlio, Sapezal, Nova Lacerda e Tangará da Serra, no Estado de Mato Grosso.

X. Sub-região Alto Paraguai (*Sub-região Cultural Alto Paraguai/MT e Vale do Guaporé/RO*)

Inclui os municípios de: Araputanga, Barra do Bugre, Curvelândia, Figueirópolis d'Oeste, Glória d'Oeste, Indiavaí, Jauru, Lambari d'Oeste, Mirassol d'Oeste, Pontes e Lacerda, Porto Esperidião, Porto Estrela, Reserva do Cabaçal, Rio Branco, Salto do Céu, São José dos Quatro Marcos, Vale de São Domingos, Vila Bela da Santíssima Trindade no Estado de Mato Grosso.

XI. Sub-região Pantanal (*Sub-região Cultural Chaquenha-Pantaneira*)

Inclui os municípios de: Barão de Melgaço, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento e Poconé, no Estado de Mato Grosso; Aquidauana, Anastácio, Corumbá, Ladário, Miranda, Porto Murtinho no Estado de Mato Grosso do Sul.

XII. Sub-região Bodoquena (*Sub-região Cultural Chaquenha-Pantaneira*)

Inclui os municípios de: Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Nioaque, no Estado de Mato Grosso do Sul.

XIII. Sub-região Dourados (*Sub-região Cultural Cone-sul-matogrossense*)

Inclui os municípios de: Caarapó, Deodápolis, Dois Irmãos do Buriti, Douradina, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Jateí, Laguna Carapã, Maracajú, Novo Horizonte do Sul, Rio Brillhante, Sidrolândia, Taquarussu e Vicentina no Estado de Mato Grosso do Sul.

XIV. Sub-região Cone Sul-mato-grossense (*Sub-região Cultural Cone Sul-mato-grossense*)

Inclui os municípios de: Amambaí, Antônio João, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Japorã, Juti, Mundo Novo, Naviraí, Paranhos, Ponta Porã, Sete Quedas e Tacuru, no Estado de Mato Grosso do Sul.

ARCO SUL

XV. Sub-região Portal do Paraná (*Sub-região Cultural Portal do Paraná*)

Inclui os municípios de: Altônia, Cafezal do Sul, Cidade Gaúcha, Cruzeiro do Oeste, Douradina, Esperança Nova, Guaíra, Icaraíma, Ivaté, Maria Helena, Nova Olímpia, Perobal, Pérola, Querência do Norte, Rondon, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí, Santa Mônica, São José do Patrocínio, Tapejara, Tapira, Umuarama, Vila Alta e Xambrê, no Estado do Paraná.

XVI. Sub-região Vales Coloniais Sulinos (*Região Cultural dos Vales Coloniais*)

- Segmento Sudoeste do Paraná

Inclui os municípios de: Altamira do Paraná, Alto Piquiri, Ampére, Anahy, Assis Chateaubriand, Barracão, Bela Vista da Caroba, Boa Esperança, Boa Esperança do Iguaçu, Boa Vista da Aparecida, Bom Jesus do Sul, Bom Sucesso do Sul, Braganey, Brasilândia do Sul, Cafelândia, Campina da Lagoa, Campo Bonito, Candói, Capanema, Capitão Leônidas Marques, Cascavel, Catanduvas, Céu Azul, Chopinzinho, Clevelândia, Corbélia, Coronel Domingos Soares, Coronel Vivida, Cruzeiro do Iguaçu, Diamante do Sul, Diamante d'Oeste, Dois Vizinhos, Enéas Marques, Entre Rios do Oeste, Espigão Alto do Iguaçu, Flor da Serra do Sul, Formosa do Oeste, Foz do Iguaçu, Francisco Alves, Francisco Beltrão, Goioerê, Guaraniaçu, Honório Serpa, Ibema, Iguatu, Iporã, Iracema do Oeste, Itaipulândia, Itapejara d'Oeste, Janiópolis, Jesuítas, Juranda, Laranjal, Laranjeiras do Sul, Lindoeste, Manfrinópolis, Mangueirinha, Marechal Cândido Rondon, Mariluz, Mariópolis, Maripá, Marmeleiro, Matelândia, Medianeira, Mercedes, Missal, Moreira Sales, Nova Aurora, Nova Esperança do Sudoeste, Nova Laranjeiras, Nova Santa Rosa, Nova Prata do Iguaçu, Ouro Verde do Oeste, Palmas, Palotina, Pato Bragado, Pato Branco, Pérola d'Oeste, Pinhal de São Bento, Planalto, Porto Barreiro, Pranchita, Quarto Centenário, Quatro Pontes, Quedas do Iguaçu, Ramilândia, Rancho Alegre d'Oeste, Realeza, Renascença, Rio Bonito do Iguaçu, Salgado Filho, Salto do Lontra, Santa Helena, Santa Izabel do Oeste, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha de Itaipu, Santo Antônio do Sudoeste, São João, São Jorge d'Oeste, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Saudade do Iguaçu,

Serranópolis do Iguaçu, Sulina, Terra Roxa, Toledo, Três Barras do Paraná, Tuneiras do Oeste, Tupãssi, Ubiratã, Vera Cruz do Oeste, Verê e Vitorino no Estado do Paraná.

- Segmento Oeste de Santa Catarina

Inclui os municípios de: Abelardo Luz, Águas de Chapecó, Águas Frias, Anchieta, Arabutã, Arvoredo, Bandeirante, Barra Bonita, Belmonte, Bom Jesus, Bom Jesus do Oeste, Caibi, Campo Erê, Caxambu do Sul, Chapecó, Concórdia, Cordilheira Alta, Coronel Freitas, Coronel Martins, Cunha Porã, Cunhataí, Descanso, Dionísio Cerqueira, Entre Rios, Faxinal dos Guedes, Flor do Sertão, Formosa do Sul, Galvão, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Guatambu, Iporã do Oeste, Ipuçu, Ipumirim, Iraceminha, Irati, Ita, Itapiranga, Jardinópolis, Jupiá, Lajeado Grande, Maravilha, Marema, Modelo, Mondai, Nova Erechim, Nova Itaberaba, Novo Horizonte, Ouro Verde, Paial, Palma Sola, Palmitos, Paraíso, Pinhalzinho, Planalto Alegre, Princesa, Quilombo, Riqueza, Romelândia, Saltinho, Santa Helena, Santa Terezinha do Progresso, Santiago do Sul, São Bernardino, São Carlos, São Domingos, São João do Oeste, São José do Cedro, São Lourenço do Oeste, São Miguel da Boa Vista, São Miguel do Oeste, Saudades, Seara, Serra Alta, Sul Brasil, Tigrinhos, Tunápolis, União do Oeste, Vargeão, Xanxerê, Xavantina e Xaxim no Estado de Santa Catarina.

- Segmento Noroeste do Rio Grande do Sul

Inclui os municípios de: Ajuricaba, Alecrim, Alegria, Almirante Tamandaré do Sul, Alpestre, Ametista do Sul, Aratiba, Augusto Pestana, Barão de Cotegipe, Barra do Guarita, Barra do Rio Azul, Barra Funda, Benjamin Constant do Sul, Boa Vista das Missões, Boa Vista do Buricá, Boa Vista do Cadeado, Bom Progresso, Bossoroca, Bozano, Braga, Caibaté, Caiçara, Campina das Missões, Campinas do Sul, Campo Novo, Cândido Godói, Carazinho, Catuípe, Cerro Grande, Cerro Largo, Chapada, Chiapetta, Condor, Constantina, Coqueiros do Sul, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Crissiumal, Cristal do Sul, Cruz Alta, Cruzaltense, Derrubadas, Dezesseis de Novembro, Dois Irmãos das Missões, Doutor Maurício Cardoso, Engenho Velho, Entre-Ijuís, Entre Rios do Sul, Erechim, Erval Grande, Erval Seco, Esperança do Sul, Eugênio de Castro, Faxinalzinho, Frederico Westphalen, Giruá, Gramado dos Loureiros, Guarani das Missões, Horizontina, Humaitá, Ibirubá, Ijuí, Independência, Inhacorá, Irai, Itatiba do Sul, Jaboticaba, Jacutinga, Jóia, Lajeado do Bugre, Liberato Salzano, Mato Queimado, Miraguaí, Nonoai, Nova Boa Vista, Nova Candelária, Nova Ramada, Novo Machado, Novo Tiradentes, Novo Xingu, Novo Barreiro, Palmeira das Missões, Palmitinho, Panambi, Paulo Bento, Pejuçara, Pinhal, Pinheirinho do Vale, Pirapó, Planalto, Pontão, Ponte Preta, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Porto Xavier, Quatro Irmãos, Redentora, Rio dos Índios, Rodeio, Bonito, Rolador, Ronda Alta, Rondinha, Roque Gonzáles, Sagrada Família, Saldanha Marinho, Salvador das Missões, Santa Bárbara do Sul, Santa Rosa, Santo Ângelo, Santo

Antônio das Missões, Santo Augusto, Santo Cristo, São José das Missões, São José do Inhacorá, São Luiz Gonzaga, São Martinho, São Miguel das Missões, São Nicolau, São Paulo das Missões, São Pedro das Missões, São Pedro do Butiá, São Valentim, São Valério do Sul, Sarandi, Seberi, Sede Nova, Senador Salgado Filho, Sete de Setembro, Taquaruçu do Sul, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três de Maio, Três Palmeiras, Três Passos, Trindade do Sul, Tucunduva, Tuparendi, Ubiretama, Vicente Dutra, Vista Alegre, Vista Gaúcha, Vitória das Missões no Estado do Rio Grande do Sul.

XVII. Sub-região Fronteira da Metade Sul do Rio Grande do Sul (*Sub-região Cultural Campanha Gaúcha*)

Inclui os municípios de: Aceguá, Alegrete, Arroio do Padre, Arroio Grande, Bagé, Barra do Quaraí, Caçapava do Sul, Cacequi, Candiota, Canguçu, Capão do Sipó, Capão do Leão, Cerrito, Chuí, Dom Pedrito, Encruzilhada do Sul, Garruchos, Herval, Hulha Negra, Itacurubi, Itaquí, Jaguarão, Jaguari, Jarí, Lavras do Sul, Maçambará, Manoel Viana, Morro Redondo, Nova Esperança do Sul, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Quaraí, Rio Grande, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, Sant'Ana do Livramento, Santiago, São Borja, São Francisco de Assis, São Gabriel, São José do Norte, São Lourenço do Sul, São Sepé, São Vicente do Sul, Tupanciretã, Turucu, Unistalda, Uruguaiana e Vila Nova do Sul no Estado do Rio Grande do Sul.

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

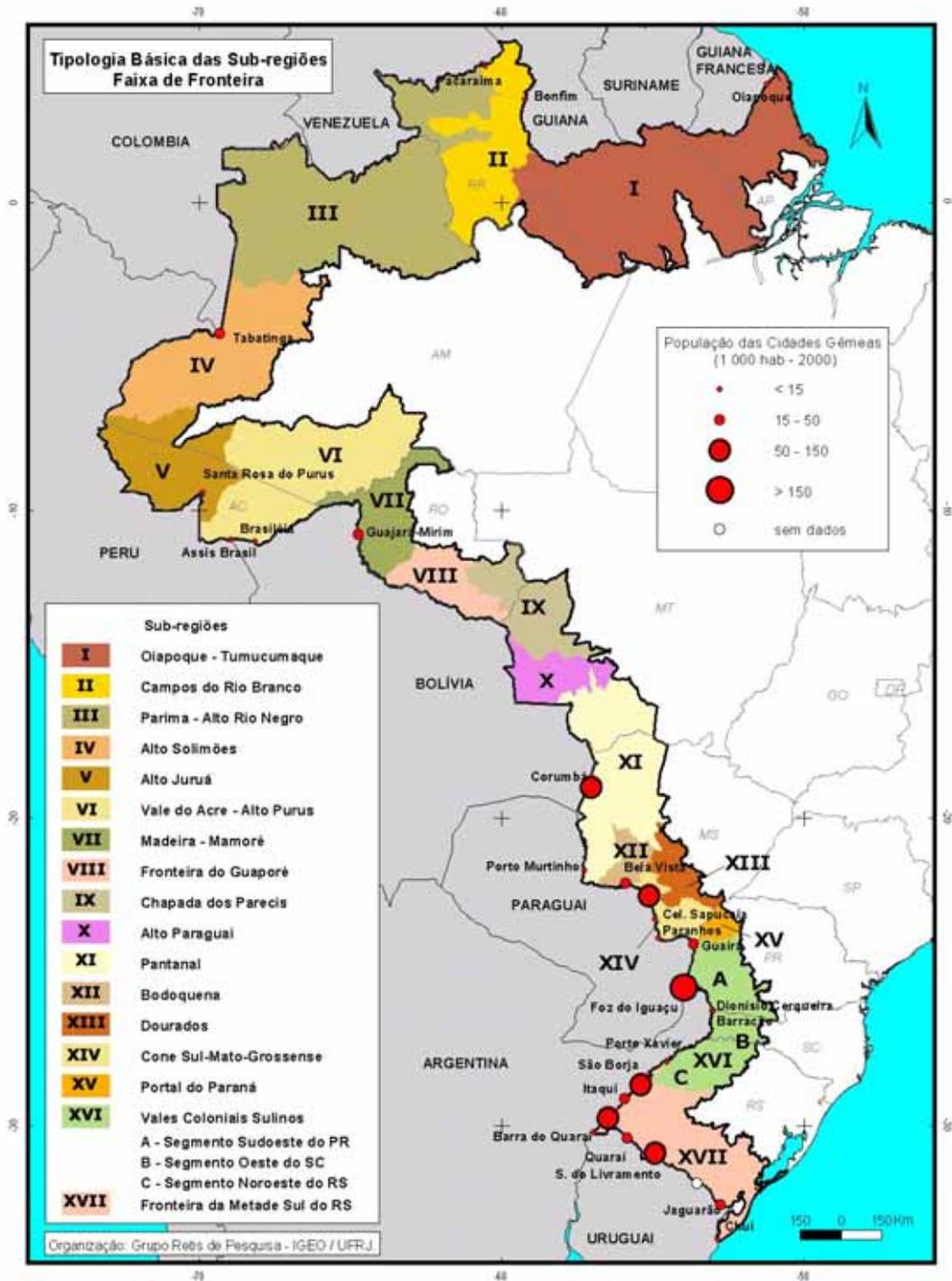


FIGURA 8: TIPOLOGIA BÁSICA DAS SUB-REGIÕES DA FAIXA DE FRONTEIRA

B-1.1 Sub-regiões do Arco Norte

O Arco Norte é composto por 71 municípios representando 12% do total de municípios da Faixa de Fronteira. Foi subdividido em seis sub-regiões.

I - Sub-região Oiapoque-Tumucumaque

A Sub-região Oiapoque-Tumucumaque, a Nordeste do Arco Norte, compreende dezoito municípios pertencentes aos Estados do Amapá, Pará e Amazonas, uma imensa área com mais de 350 mil km² e uma população total de 298.823 habitantes (2000), a maior parte concentrada nas sedes municipais. Localizada ao longo da vertente Sul do Maciço da Guiana, na linha divisória entre o Brasil, as Guianas e o Suriname, é cortada pelos Rios Oiapoque, Jarí e Trombetas. A Sub-região engloba uma grande extensão da floresta equatorial amazônica além de áreas de campos e savana, estendendo-se desde a Foz do Oiapoque até o Sul do Estado de Roraima e Noroeste do Estado do Amazonas. É a sub-região de maior superfície da Faixa de Fronteira, devido à grande extensão territorial dos municípios componentes. Estes se estendem da linha de fronteira (ao Norte) até as margens do Baixo Amazonas (ao Sul), concentrando-se a população nas pequenas aglomerações urbanas ao longo do grande Vale. A Sub-região engloba também o município de Laranjal do Jarí/AP, que praticamente cruza o Estado no sentido longitudinal.

As sedes municipais de Óbidos, Oriximiná, Alenquer, Almeirim e Laranjal do Jarí são os núcleos urbanos mais populosos, distantes mais de 400 km do limite internacional, o que explica a baixa interação com os países vizinhos. Apenas no extremo Norte, as cidades-gêmeas de Saint-Georges e Oiapoque definem um segmento fronteiriço com interações mais intensas, de tipo *capilar*, com a Guiana Francesa. Apesar de antigas e contínuas relações entre as populações, até hoje não foi construída a ponte sobre o Rio Oiapoque.

A baixa densidade do povoamento e a ausência de infra-estrutura de conexão transfronteiriça mascaram uma das mais importantes peculiaridades do sistema de povoamento do Arco Norte, a forte mobilidade transfronteiriça intermitente de grupos indígenas. Grande parte da população desta Sub-região é composta por população cabocla e indígena, vivendo em áreas rurais (cerca de 40% da população total da Sub-região).

A maior parte da linha de fronteira nas sub-regiões do Arco Norte, e a Sub-região do Oiapoque–Tumucumaque não é exceção, pode ser classificada como *zona-tampão natural* (montanhas, florestas) e *zona-tampão indígena*. Aproveitando-se das características fisiográficas e fitogeográficas do território e a presença de importantes grupos indígenas, o Governo Federal criou unidades de conservação e terras indígenas, várias delas já demarcadas.

Na Sub-região destacam-se na Faixa de Fronteira as terras indígenas. No extremo Norte da Sub-região, (fronteira do Pará com o Suriname) encontra-se o “Parque Indígena do Tumucumaque” (municípios de Óbidos, Oriximiná, Alenquer, Almeirim) e a “Terra Indígena Rio Paru d’Este”, habitados pelos povos indígenas *Waiana-Apalai*, *Tiriyó*, *Kaxuyana* e *Akurio*, totalizando cerca de 1.400 indígenas. Entre os Estados do Pará e Amazonas, a Terra Indígena Nhamundá-Mapuera dos índios *Xeréu*, *Karafawyána*, *Katwena* e outros povos, com cerca de 2.400 indígenas localiza-se nos municípios de Oriximiná, Faro e Nhamundá, estando prevista a construção em suas proximidades de três hidrelétricas. Na tríplice fronteira ‘interna’, entre os Estados do Pará, Amazonas e Roraima, a Terra Indígena Trombetas-Mapuera abriga os índios *Wai-Wai* e *Karafawyána* (municípios de Urucará, Faro, São João da Baliza, Nhamundá)

No município de Laranjal do Jarí, Oeste do Amapá encontra-se a Terra Indígena Waiãpi, com cerca de 530 indígenas. No extremo Nordeste, no município de Oiapoque (limite com a Guiana Francesa) encontram-se as Terras Indígenas Uaçã I e II, que abrigam os povos *Galibi Marworno*, *Palikur* e *Karipuna do Amapá*, com cerca de 3.600 indígenas. Assinala-se, ainda, a presença de comunidades negras remanescentes de antigos quilombos nos municípios paraenses de Oriximiná, Óbidos e Alenquer e no Estado do Amapá, a maioria sem terras demarcadas.

Especialização produtiva

A estrutura produtiva da Sub-região I está fortemente calcada na extração florestal (madeira e lenha) e mineral (complexo da bauxita em Oriximiná), nos cultivos de mandioca e banana e na pecuária (bubalinos e bovinos). A silvicultura ligada à indústria do papel e celulose (em Laranjal do Jarí/AP) é a mais importante do Arco Norte e uma das principais do Brasil.

A pecuária mais expressiva é de bubalinos, com 97% do rebanho total da Sub-região. Na agricultura, destaca-se a produção de mandioca, a segunda em importância no Arco Norte, com 34% do total produzido em seus municípios. A produção agropecuária, no entanto, é de baixo valor. Somente os setores extrativos (mineral e vegetal) e silvicultor voltados para o mercado interno e externo garantem alto valor da produção (Laranjal do Jarí, Almeirim, Oriximiná).

Problemas e potencialidades

A extração de madeira em tora e lenha nos municípios da Sub-região é um problema tanto para as áreas indígenas como para as atuais e futuras florestas nacionais, intermitentemente invadidas pelas frentes madeireiras. O valor da madeira e o fato de que se destina ao mercado internacional interessa a balança de pagamentos do país. Interesses importantes em conflito também estão presentes na extração mineral do ouro por garimpeiros (Amapá). Importante fonte de renda para a população não-indígena de baixa renda, os garimpeiros com frequência invadem áreas indígenas ou de floresta (Alenquer e Almeirim). A Terra Indígena Parque Tumucumaque é a única limitada pela linha divisória.

Predominam na Sub-região o emprego urbano e o trabalho por conta própria (trabalhadores autônomos), em áreas urbanas e rurais. Apesar do relativamente elevado grau de diversificação da produção e da importância da indústria extrativa, o grau de desenvolvimento regional é baixo, com reduzido grau de empresariamento, pequena disponibilidade de serviços de apoio à produção e baixa densidade técnico-tecnológica, esta última se refletindo na mão-de-obra pouco qualificada exceto aquela empregada nas grandes empresas da região. A baixa densidade social, com elevada proporção de população analfabeta e chefes de domicílio vivendo abaixo da linha de pobreza indicam a situação socialmente ambígua da população, principalmente da população indígena. A institucionalização das terras indígenas (Estatuto do Índio, Lei 6001/73), outras iniciativas de proteção e apoio às comunidades, assim como o projeto de lei que estabelece o Estatuto das Sociedades Indígenas, embora importantes, não conseguem por si só impedir que os indígenas permaneçam à margem da sociedade não-indígena, manifesta na dificuldade em desenvolver sistemas produtivos mais adaptados às suas novas expectativas.

A economia dos municípios da sub-região apresenta ainda baixo índice de estabilidade de diversos indicadores sócio-econômicos (imigração, PIB, emprego) e afluxo populacional intermitente, o que sugere alta vulnerabilidade dos sistemas produtivos locais. O desequilíbrio interno municipal (que mede a concentração de renda e fundiária) varia entre médio (Óbidos, Oriximiná, Faro), médio-alto (grande parte dos municípios do Amapá), alto (Urucará) e muito alto (Almeirim, Laranjal do Jarí, Serra do Navio). Neste

último caso os níveis mais elevados de desequilíbrio interno municipal podem ser explicado pela presença dos grandes empreendimentos extrativistas e silvicultores.

A diversificação da produção é característica dos municípios de Almeirim, Óbidos e Oriximiná, voltados para a agropecuária e o extrativismo vegetal e mineral (frutas, grãos, castanhas, madeira, silvicultura e bauxita). A presença de pequenas indústrias (processamento de alimentos, ração e moagem, frigoríficos e laticínios, serrarias, pasta/celulose em Laranjal do Jarí, movelaria, piscicultura, maquinário e equipamentos, cerâmica, construção, têxtil/confecção) voltadas para o mercado interno e externo sinaliza certo potencial de desenvolvimento industrial da região, caso cresça a oferta de energia com a expansão de redes de distribuição. É o que se pretende com a construção prevista da hidrelétrica de Cachoeira Porteira. Pode-se ainda apontar o elevado potencial turístico da sub-região, sobretudo nos municípios do Estado do Amapá, o qual apresenta grande diversidade de paisagens e localização privilegiada em relação à Europa e ao Caribe.

Finalmente, os campos naturais do Amapá, em terrenos propícios e localização privilegiada em relação ao mercado externo, têm potencial para a produção de grãos.

Os Arranjos Produtivos Locais de maior potencial estão nos setores da agroindústria, movelaria e bovinocultura, principalmente na criação de búfalos associada à indústria de laticínios, além do turismo.

II - Sub-região Campos do Rio Branco

Localizada na porção Leste do Estado de Roraima, fronteira com a Guiana e Venezuela, *região-paisagem* caracterizada pelo Vale e Campos do Rio Branco, a Sub-região II do Arco Norte apresenta uma paisagem diferenciada em relação às demais. As savanas e os campos são forragens naturais (lavrado) para a criação de gado e tem alto potencial para a agricultura. Outro aspecto diferenciador da Sub-região é sua maior conectividade, a malha rodoviária sendo a mais desenvolvida do Arco Norte, encontrando-se em bom estado de conservação. A malha tem como principal eixo a rodovia asfaltada BR-174, que liga Manaus a Boa Vista e segue em direção à Venezuela (passando pela cidade de Pacaraima), onde se conecta à rede viária deste país e à costa do Caribe. Uma bifurcação em Boa Vista estabelece um segundo eixo rodoviário em direção ao Caribe (BR-401), atravessando a Guiana.

Outro aspecto a destacar na Sub-região é a presença da capital estadual Boa Vista e seu robusto mercado urbano. A população total de *Campos do Rio Branco* é de 280.321 habitantes, cerca de 70% dos quais se concentra em Boa Vista. Importante pólo regional, a cidade de Boa Vista projeta sua área de influência para além dos limites nacionais. As demais sedes municipais não ultrapassam os 15 mil habitantes. Nestes

municípios a população rural tem maior peso, aproximadamente 52 mil habitantes (19% da população sub-regional). Grande parte dessa população é composta por indígenas distribuídos em mais de vinte reservas, muitas das quais ainda não reconhecidas.

Os principais povos indígenas da Sub-região são os *Macuxi*, *Wapixana*, *Ingarikô* e *Taurepang* que vivem nos campos e serras entre os Rios Surumu e Mau (formadores do Rio Branco), no extremo nordeste do Estado. A maior parte deles vive na Terra Indígena Raposa/Serra do Sol, um território de 1,67 milhões hectares, onde habitam mais de quinze mil índios (municípios de Uiramutã, Normandia e Pacaraima, este último na Sub-região III). Criada em 1998 e já demarcada, sua homologação está sendo objeto de disputas judiciais que espelham a diversidade de interesses não só entre indígenas e não-indígenas (criadores de gado, posseiros e garimpeiros), como também entre os próprios grupos indígenas, alguns deles já ‘capturados’ por colonos e posseiros locais através da oferta de emprego.

A linha de fronteira da Sub-região é caracterizada principalmente por *zonas-tampão* (reservas indígenas) cortadas por “corredores” de comunicação (BR-174 e BR-401), onde ocorre uma interação transfronteiriça do tipo *capilar* (em Pacaraima, Bonfim e Normandia).

Especialização Produtiva

De modo geral, a Sub-região apresenta alta vocação para a agricultura, em especial do arroz (53% da produção de todo Arco Norte), mandioca (34%) e milho (23%). A produção de tomate e banana é significativa, sendo que a laranja está presente em toda a região, destacando-se os municípios de Mucajaí, Boa Vista, Bonfim, Cantá e Normandia.

Entretanto, ainda é muito baixo o valor da produção, se comparado ao de outras regiões do país. O reduzido grau de empresariamento, aliado às baixas densidades técnico-tecnológica, social e institucional contribuem para o pequeno dinamismo econômico sub-regional verificado, com médio grau de diversificação produtiva e predominância de emprego rural diversificado. São exceções os municípios de Boa Vista (cidade bastante dinâmica e diversificada), Mucajaí e Caracarái.

Em Boa Vista concentra-se o setor industrial da Sub-região, com agroindústria de alimentos, bebida, fumo, moagem, amido, ração, laticínios e calçados, bem como um variado comércio atacadista. Os ramos madeireiro e moveleiro também se fazem presentes nesta cidade, e em menor escala em Rorainópolis, Caracarái, Mucajaí, Cantá e Pacaraima. O setor industrial se beneficia ainda com o estreitamento das relações e a facilidade de acesso aos países vizinhos, Venezuela e Guiana.

No setor metal-mecânico, construção civil, ‘concretagem’ e cerâmica destaca-se Boa Vista, município que concentra ainda a infra-estrutura turística da Sub-região.

Problemas e potencialidades

A Sub-região Campos do Rio Branco tem a possibilidade de desenvolver Arranjos Produtivos Locais nos setores de madeira e movelaria, agroindústria, construção civil e turismo. Conta com um expressivo mercado em Boa Vista e uma infra-estrutura viária que permite acesso ao mercado do Norte do continente pela conexão com a Venezuela, Guiana e, a partir destes países, ao Caribe. O custo de manutenção das estradas, a captura do comércio legal e ilegal por Boa Vista e Manaus, a falta de recursos e uma possível falta de interesse da Guiana em asfaltar a continuação da BR-401 até Georgetown são fatores restritivos à plena realização do potencial da conexão caribenha.

Apresenta como principais problemas os conflitos de terras entre indígenas e não indígenas, o tráfico de drogas (*Cannabis sativa*) com a Guiana e as rotas de contrabando com o Caribe.

III - Sub-região Parima–Alto Rio Negro

A terceira Sub-região do Arco Norte foi denominada de ***Parima-Alto Rio Negro***. Compreende o segmento da Faixa de Fronteira que se estende desde as Serras de Pacaraima e Parima (Nordeste da Sub-região) e a Terra Indígena Ianomâmi (divisa Brasil-Venezuela) até os Vales do Rio Negro e Japurá a Oeste, na região conhecida como “Cabeça do Cachorro” (divisa com a Colômbia). Formada por paisagens de serras e vales cobertos por floresta equatorial densa (Floresta Amazônica) é a sub-região de mais difícil acesso (para outras regiões do Brasil) e pior conectividade, dependendo exclusivamente dos transportes aéreo e fluvial (exceto pela estrada precária que liga São Gabriel da Cachoeira a Cucuí na divisa com a Colômbia). Entretanto, compartilha importantes rios navegáveis com a Colômbia (Rios Japurá-Caquetá e Uaupés-Vaupés, e o próprio Rio Negro, que atravessa a tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Venezuela, onde se encontra o povoado de Cucuí).

Sub-região de grande extensão territorial e povoamento rarefeito (102.972 habitantes), a menor entre as Sub-regiões do Arco Norte, abriga diversas reservas indígenas ao longo dos rios. Não apresenta nenhuma cidade com mais de 12 mil habitantes, sendo São Gabriel da Cachoeira a maior aglomeração (11.499 habitantes), onde está instalada uma grande base militar. Na divisória com a Colômbia existem dois povoados, Iauaretê (Rio Vaupés-Uaupés) e Vila Bittencourt (Rio Japurá-Caquetá), a primeira na Terra Indígena Alto Rio Negro. Iauaretê tem sua correspondente do lado colombiano, Yavarate, assim como La Pedrera para Vila Bittencourt, separadas por largo trecho de rio. É a Sub-região com maior proporção de população rural e indígena da Faixa de Fronteira brasileira (cerca de 70% da população total é indígena).

Também possui as maiores extensões contínuas de terras indígenas. A Terra Indígena Ianomâmi (municípios de Alto Alegre/RR, Boa Vista/RR, Caracará/RR, Mucajaí/RR, Barcelos/AM, São Gabriel da Cachoeira/AM, Santa Isabel do Rio Negro/AM), com 9.664.975 hectares tem população estimada de 11.386 indígenas. A Terra Indígena Alto Rio Negro (municípios de São Gabriel da Cachoeira e Japurá no Estado do Amazonas) com 7.999.381 hectares e população estimada em 15 mil índios abriga diversos povos (*Tukano, Baniwa, Baré, Karapanã, Maku, Miriti Tapuia, Makuna*, entre outros).

Várias unidades de conservação foram criadas pelo Governo Federal (*zonas-tampão* naturais promovidas) e estão superpostas às terras indígenas - Parque Nacional do Pico da Neblina e as Florestas Nacionais do Içanã, Piraiuara, Cubaté, Taracuai, Pari-Cachoeira I e II, entre outras.

Especialização Produtiva

A estrutura produtiva desta Sub-região está voltada basicamente para a agricultura da mandioca, arroz e milho, e a extração vegetal, com destaque para a produção de piaçava (município de Barcelos no Rio Negro, Estado do Amazonas). O valor da produção do setor primário é muito baixo e, em relação ao total do Arco Norte, representa apenas 5% da produção de grãos, 5% da produção de lavouras temporárias e 9% da produção do extrativismo vegetal, floresta e silvicultura.

A Sub-região III é uma das mais pobres do Arco Norte. O grau de empresariamento, a disponibilidade de serviços de apoio à produção, as densidades técnico-tecnológica e social são muito baixos, estando ausente qualquer tipo de dinamismo econômico. A densidade institucional é favorecida pela presença na Sub-região da base militar de São Gabriel da Cachoeira e dos Pelotões de Fronteira localizados em Vila Bittencourt e Iauaretê (divisa com Colômbia). As atividades agrícolas são os maiores empregadores, predominando o trabalho por conta própria (autônomo e informal), como são classificados os trabalhadores indígenas.

O grau de estabilidade da economia é alto, devido ao baixo dinamismo. Registra-se, contudo, alto afluxo populacional para os pequenos núcleos urbanos da Sub-região, o que sugere êxodo rural, inclusive da população residente em áreas indígenas. Aqui é preciso cuidado. Os critérios para avaliar o 'desenvolvimento econômico' ou o 'dinamismo econômico' dessas áreas não deveriam ser os mesmos utilizados para outras sub-regiões da Faixa de Fronteira. No longo prazo, ações institucionais (FUNAI, ONG's, programas federais e estaduais) que já estão sendo implementadas talvez consigam chegar a um 'modo de desenvolvimento' (e respectivos indicadores) mais adaptado às características culturais da população indígena. O desequilíbrio interno municipal também é elevado,

principalmente em função da disparidade de renda entre a população indígena e não-indígena.

No que se refere ao setor industrial (formal), concentra-se nos municípios de Iracema/RR, com atividade pouco significativa no ramo da construção, e em São Gabriel da Cachoeira/AM, no ramo da fabricação de estruturas metálicas.

Problemas e potencialidades

À margem das grandes correntes de povoamento da América do Sul, a Sub-região constitui uma imensa *zona-tampão* fronteiriça onde o reconhecimento das terras indígenas e a criação de unidades de conservação atuam no sentido de estabilizar o povoamento e dificultar a entrada de frentes pioneiras internas e externas. Contudo, a Sub-região apresenta vários desafios para os governos. Entre eles, incursões de garimpeiros brasileiros e de outras nacionalidades na zona de fronteira, a ação de redes internacionais de tráfico de cocaína e pasta de coca, a proximidade com as áreas de conflito colombianas (entre as FARC-Forças Armadas Revolucionárias Colombianas e o Estado colombiano) e uma incerteza quanto ao comportamento de alguns grupos indígenas em relação a estas questões. Apesar da implantação quase finalizada de um moderno sistema de controle, o SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia), uma atenção mais consistente em relação a questões de cidadania na escala local (saúde, educação, habitação) é estrategicamente urgente.

Os ramos com maior potencial na formação de Arranjos Produtivos Locais são os da madeira/movelaria, fabricação de artefatos de piaçava (vassouras), e o beneficiamento de frutas regionais. A exploração e beneficiamento de minérios (granito, nióbio, entre outros) não são conducentes com a formação de APLs tendo em vista que é geralmente feita por grandes empresas mineradoras em área de baixo potencial para a formação de cadeias produtivas. Por outro lado, a exploração mineral quando organizada poderia ser fonte de recursos para a área social (via *royalties* ou outras exigências de cooperação).

IV - Sub-região Alto Solimões

A quarta Sub-região - ***Alto Solimões*** - será descrita no capítulo Estudos de Caso.

V - Sub-região Alto Juruá

A quinta Sub-região, ***Alto Juruá***, localiza-se no Extremo Oeste do Brasil, a maior parte no Estado do Acre, na divisa com o Peru, sendo atravessada pelos Vales do Alto Juruá e Ipixuna (AC/AM). Com população de 213 mil habitantes (54% rural), composta principalmente por índios e mestiços, tem como maior cidade Cruzeiro do Sul, com 40

mil habitantes. No entorno de Cruzeiro do Sul, há pequenas aglomerações urbanas que se destacam em uma paisagem predominantemente silvestre.

A linha de fronteira da Sub-região com o Peru apresenta baixíssima densidade de ocupação, sendo quase inteiramente formada por uma *zona-tampão*, correspondente ao Parque Nacional da Serra do Divisor, Acre. Num segmento do Parque (Rio Amônia), uma área triangular, próxima a Foz do Breu (município de Marechal Thaumaturgo/AC), se projeta em direção ao território peruano constituindo a Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, dos povos *Ashaninka*.

Recentemente (2002), o Governo Peruano iniciou uma política mais ambiciosa para a região amazônica peruana, porém seus efeitos têm sido problemáticos, ao incentivar, por exemplo, a concessão da exploração madeireira a grandes firmas, cujas frentes avançam sobre a Terra Indígena Kampa. As frentes madeireiras com frequência têm fachada nacional no terreno, porém pertencem a grandes empresas madeireiras multinacionais (Coreia do Sul, Malásia, Canadá, África do Sul, etc.).

Mais ao Sul, os segmentos de fronteira correspondem ao tipo de fronteira *Margem*, ou seja, uma zona de pouco contacto transfronteiriço, debilidade da infra-estrutura e presença institucional intermitente. Lá estão localizadas diversas terras indígenas oficialmente reconhecidas, abrigando cerca de 3.300 indígenas, sendo predominantes os grupos *Ashaninka*, *Kulina*, *Kaxinawá*.

Tendo como eixo as localidades-gêmeas de Santa Rosa do Purus e Santa Rosa (Peru), interações transfronteiriças do tipo *Frente* podem ser observadas. São interações intermitentes a partir de aglomerações proto-urbanas, com investimentos institucionais restritos à perspectiva tática (prefeitura, aeródromo, batalhões de fronteira, etc.). Próximo a essas localidades encontram-se uma reserva biológica e a Terra Indígena Alto Rio Purus, com cerca de 1.700 indígenas dos grupos *Kaxinawá*, *Jaminawa* e *Kulina*. O território foi incluído no Projeto de Proteção do Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas (PMACI).

Recentemente, a implantação de acampamentos do Exército, um na foz do Rio Amônia (um dos formadores do Rio Juruá com nascente em território peruano), outro a oeste da Serra do Divisor e outro em Foz do Breu (Marechal Thaumaturgo), indicam que superposta à *zona-tampão* uma *frente militar* pode estar em gestação, de modo a monitorar uma zona potencialmente conflituosa.

Especialização Produtiva

A base produtiva tem no extrativismo vegetal (madeira e látex) e na agricultura da mandioca, arroz e milho suas principais atividades. O valor da produção de grãos corresponde a 13% do total do Arco Norte e a de lavouras temporárias, 15%. A pecuária

ocupa lugar destacado na economia regional, principalmente a criação de suínos (a maior do Arco) com 38% do rebanho, e o terceiro maior rebanho bovino do Arco (10% do total). A extração da *Hevea*, por sua vez, ocorre em toda a Sub-região e representa 25% da produção total do Arco Norte. De forma similar ao restante do Arco Norte, as áreas extrativistas são pressionadas pela expansão das grandes propriedades criadoras e pelas madeiras, às vezes com a colaboração dos próprios seringueiros, premidos pelo baixo valor do látex.

A fruticultura tem pouca expressão. A produção de banana para o consumo local é a mais importante e os municípios de Cruzeiro do Sul, Feijó e Tarauacá (laranja) são os que mais se destacam.

No setor industrial destaca-se a fabricação de farinha de mandioca, de excelente qualidade (Cruzeiro do Sul e Tarauacá), exportada para outros estados (inclusive via Internet), e a de moagem e torrefação de café (Cruzeiro do Sul e Tarauacá). O comércio atacadista é mais importante em Cruzeiro do Sul e Envira/AM, pequena aglomeração ribeirinha no Rio Tarauacá. As pequenas indústrias artesanais de movelaria e as serrarias estão situadas nos municípios de Cruzeiro do Sul, Feijó, Santo Rosa e Tarauacá. No setor da construção civil destacam-se Cruzeiro do Sul, Feijó e Tarauacá, que também concentram as atividades de turismo da Sub-região. Contudo, a Sub-região carece de serviços de apoio à produção, densidade técnico-tecnológica e social.

Problemas e potencialidades

A Sub-região apresenta baixa estabilidade econômica com afluxo populacional, sendo elevado o índice de desequilíbrio interno dos municípios em termos fundiários e de distribuição de renda. O tráfico de coca-cocaina com o Peru e a Colômbia aliado à baixa densidade demográfica é um problema antigo da Sub-região. A cidade de Cruzeiro do Sul foi beneficiada até certo ponto com os investimentos oriundos do dinheiro do tráfico, porém à semelhança de outros lugares do país, a maior fatia do bolo ilegal não é investida no espaço local. Quando isso acontece, a escolha mais freqüente é a compra de grandes propriedades criatórias.

Os Arranjos Produtivos Locais de maior potencial são os ligados ao beneficiamento da madeira e movelaria, à agroindústria (poupa de frutas, fecularia, entre outras), à extração e beneficiamento do látex e à construção civil.

VI - Sub-região Vale do Acre–Alto Purus

A sexta e última Sub-região do Arco Norte é a do *Vale do Acre–Alto Purus*. Drenada pelos rios homônimos, a Sub-região se estende, a Sudeste, até a divisa com o

Estado de Rondônia, e ao Sul, até a divisa com o Peru e com a Bolívia. A principal rodovia é a BR-364, que interliga as duas capitais estaduais - Rio Branco e Porto Velho. Em seu entorno se encontra a área mais densamente povoada do Estado do Acre. A zona de fronteira se caracteriza por diferentes tipos de interação com os países vizinhos, desde interações de tipo capilar em Assis Brasil, cidade-gêmea de Iñapari (Peru) e Bolpebra (Bolívia) e em Plácido de Castro (nas proximidades de Rio Branco) até trechos de forte interação (sinapse) em Brasiléia e Epitaciolândia, cidades-gêmeas de Cobija, capital do Departamento boliviano de Pando.

Com população total de 336.895 habitantes, é a Sub-região mais densamente povoada do Arco Norte. Rio Branco é o pólo natural da região e concentra o maior mercado urbano regional. A base produtiva sub-regional é também a mais forte do Arco Norte, tanto no setor primário quanto secundário, abrigando a sub-região a conhecida Reserva Extrativista Chico Mendes (município de Xapuri).

A construção da rodovia federal (BR-317) entre Brasiléia e Assis Brasil (2002) na Sub-região Vale do Acre-Purus, e o acordo bilateral (2004) para construir uma ponte ligando Assis Brasil a Iñapari no Peru (tríplice fronteira Peru-Brasil-Bolívia) sugerem a intenção do governo brasileiro em gradualmente estimular interações de tipo capilar e sináptico em segmentos da fronteira acreana com o Peru.

Especialização Produtiva

As atividades de exploração vegetal, florestal e silvicultura apresentam alguma significância, principalmente no que concerne à extração de madeiras em tora e à extração do látex (reservas extrativistas), que representam, respectivamente, 42% e 74% do total da produção do Arco Norte.

A pecuária é mais significativa em Xapuri, Bujari e Brasiléia, sendo que a sub-região como um todo detém o maior rebanho bovino do Arco Norte, com 58% do efetivo. A Sub-região é a principal produtora de leite do Arco (74% do total) assim como a principal produtora de castanha-do-pará (74% do total). Destaca-se ainda a exploração de metais não-metálicos em Sena Madureira.

A Sub-região é também a maior produtora de mandioca (34%), arroz (23%) e milho (35%) do Arco, aproveitando-se da presença de um mercado urbano importante (a capital estadual Rio Branco e municípios adjacentes), além de exportar para outros estados.

A fruticultura também tem expressão na Sub-região, que é a maior produtora de banana do Arco Norte. Destaca-se na produção de café e palmito. No que concerne ao emprego, predomina o rural ligado à agricultura. Cabe apontar que o município de Rio Branco é um caso à parte.

O setor industrial está concentrado na capital onde estão presentes dez ramos industriais (agroindústria, produtos da pecuária, madeira/movelaria, metal-mecânico, cerâmica, construção, têxtil, turismo, automotiva e química). Outros municípios como Xapuri, Epitaciolândia e Brasiléia apresentam pelo menos cinco ramos industriais instalados formalmente.

Problemas e potencialidades

Apesar da diversificação produtiva, o valor da produção é em geral baixo, bem como o grau de empresariamento, os serviços de apoio à produção e a densidade técnico-tecnológica. As densidades institucional e social são um pouco mais elevadas nos municípios da sub-região, se comparadas ao restante do Arco Norte, porém baixas, se comparadas com os Arcos Sul e Central da Faixa de Fronteira.

A posição excêntrica do Estado do Acre em relação à rede de circulação brasileira tem alimentado propostas de saída para Pacífico através de Assis Brasil, Puerto Maldonado Cuzco, Puno até Ilo na costa peruana, porém os Andes representam um obstáculo decisivo para o futuro do projeto, hoje praticamente abandonado.

Por outro lado, a base produtiva acreana é diversificada, e a quantidade e diversificação de indústrias (de pequeno e médio porte) colocam esta Sub-região bem à frente das demais do Arco Norte, com elevado potencial para o desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais nos ramos da madeira e movelaria, agroindústria e construção civil.

B-1.2 Sub-regiões do Arco Central

O Arco Central é composto por 99 municípios representando 17% do total de municípios da Faixa de Fronteira, e foi subdividido em oito sub-regiões.

VII - Sub-região Madeira–Mamoré

A Sub-região ocupa posição estratégica, de enlace entre o Vale do Amazonas, o Vale do Acre e o Sudeste do país, através da BR-364 e da hidrovía Rio Madeira. Porto Velho é transbordo dos produtos procedentes da Zona Franca de Manaus (por via fluvial) e destinados ao mercado interno brasileiro, e dos carregamentos de soja provenientes de Mato Grosso (via rodovia) e embarcados por via fluvial para o porto de Itacoatiara no Rio Amazonas, com destino ao mercado internacional. A cidade de 261.957 habitantes (2000) é capital do Estado de Rondônia, centro de negócios, pólo atacadista e industrial.

Concentra 20% da população do Arco Central, com 424.000 habitantes distribuídos numa área de 65.897 km², sendo 80% urbana, a maior parte concentrada na capital de Rondônia e, secundariamente, em Guajará-Mirim, cidade-gêmea na fronteira com a Bolívia, no vale do Rio Mamoré. Várias terras indígenas se intercalam com reservas extrativistas. Destacam-se as Terras Indígenas Uru-Eu-Wau-Wau, Pacaanova, Rio Negro-Ocaia (povos *Pakaanova*) e Rio Branco (*Makuráp, Arikapu/Kanoê*).

Apesar de seu histórico como área extrativista (látex), o valor total da indústria extrativa hoje (madeira em tora, castanha-do-pará) representa apenas 1% do total do Arco Central. Segundo dados de 2001, a Sub-região abriga 3,5% do rebanho bovino, 7% da fruticultura e 10% da produção de mandioca (principalmente em áreas indígenas) do Arco Central.

Especialização Produtiva

O perfil produtivo da Sub-região é urbano-industrial, apresentando a terceira maior concentração de empresas agroindustriais do Arco Central (depois das Sub-regiões de Dourados e da Chapada dos Parecis), embora no âmbito da Faixa de Fronteira brasileira tal concentração seja pouco expressiva. Destacam-se em Porto Velho, além das indústrias de alimentos, as indústrias de confecções, desdobramento de madeira, metal-mecânica e de construção, além de importante rede hoteleira (a maior do Arco Central), decorrente do fato de ser centro de negócios e de administração pública. A produção de gêneros alimentícios para o consumo local e exportado para o lado boliviano, tem se desenvolvido em pequena escala no município de Nova Mamoré, e pequenas indústrias de confecção no município de Guajará-Mirim.

Tanto a capital como as pequenas cidades da região atuam como entrepostos de antigas redes comerciais com a Bolívia (Guayaramerín e Riberalta) e com a Sub-região Vale do Acre e Alto Purus.

Problemas e Potencialidades

A polarização exercida por Porto Velho (82% das indústrias de transformação), dificulta o crescimento de empreendimentos industriais no restante da Sub-região. Guajará-Mirim, situada em área antiga de povoamento vinculada à extração transfronteiriça da borracha nativa (início do século XX) tornou-se nas últimas décadas do século importante ponto de passagem para o tráfico de pasta base de coca e de cocaína procedente da Bolívia. O tráfico de drogas estimulou e reforçou correntes de contrabando na fronteira.

A transformação da cidade-gêmea boliviana de Guayaramerín em *porto franco* incentivou o ‘turismo de compra’, até 1999 quando o governo brasileiro reduziu a quota de compras para USD 150,00, ao mesmo tempo em que crescia a exportação de produtos eletroeletrônicos de fabricação brasileira para a Bolívia, prejudicando o comércio de ambas as cidades. Como ocorre em outros segmentos da Faixa de Fronteira, empecilhos fiscais ao trânsito de mercadorias (lícitas) incentivam atividades de contrabando, sendo que no caso da Sub-região produtos extrativos (borracha, pupunha, madeira em tora), gado bovino e cigarro dominam o comércio de contrabando.

Ainda no caso de Guajará-Mirim, a boa qualidade da estrutura urbana e dos serviços de saúde e educação não livrou a cidade da estagnação econômica nem dos efeitos negativos provocados em sua imagem mesmo depois da perda relativa de importância como rota do comércio de cocaína depois de 2000.

A construção de uma estrada entre o Rio Guaporé e a BR-364 a partir da localidade de Nova Mamoré é uma antiga demanda dos produtores locais, porém o fato de que tal estrada atravessaria áreas de reserva natural e terras indígenas tem dificultado sua execução, o que não impediu a abertura de uma picada com incentivo das prefeituras locais.

Também à semelhança de outros segmentos da Faixa, a compra de terras por brasileiros do outro lado da fronteira e empreendimentos privados conjuntos atuam positivamente no estabelecimento de relações institucionais. O principal potencial da Sub-região – a posição geográfica na bacia do Madeira-Mamoré – seria beneficiado pelo asfaltamento da estrada até Riberalta e sua extensão até Yata, Trinidad e Santa Cruz de la Sierra na Bolívia.

VIII - Sub-região Fronteira do Guaporé

Esta Sub-região, inteiramente localizada no Estado de Rondônia, embora seja uma extensão da anterior diferencia-se dela por englobar os antigos projetos de colonização oficial (década de 1970), responsável pela implantação de uma estrutura fundiária de

pequenas e médias propriedades às margens da BR-364. Ao longo do eixo rodoviário e das estradas tributárias surgiram várias aglomerações urbanas, à medida que avançavam as ‘frentes’ pioneiras agropecuárias e madeireiras em direção ao Vale do Guaporé. Atualmente, a frente madeireira extrapola o limite internacional em busca de madeiras nobres no Departamento de Beni na Bolívia.

Ao contrário da Sub-região do Madeira-Mamoré, o perfil regional deste segmento é rural, o único caso do Arco Central nesta situação (53% da população residem na área rural). A Sub-região concentra quase 11% da população total do Arco Central em área menor do que a Sub-região Madeira-Mamoré, sua população de 231.331 habitantes se distribuindo na larga faixa entre o eixo da BR-364 e o vale do baixo e médio Rio Guaporé.

Especialização produtiva

O principal produto comercial é o café, representando 63% do valor total das lavouras permanentes do Arco Central, seguido da extração da madeira em tora e do arroz (17% do valor total dos cultivos temporários do Arco). Abriga 9% do rebanho bovino do Arco, principalmente voltado para a produção de leite *in natura* (18,5% do Arco) destinada ao mercado local e, secundariamente como matéria-prima para os pequenos laticínios dispersos pela região. A Sub-região tem fraco desempenho industrial.

Problemas e potencialidades

Ao contrário da Sub-região Madeira-Mamoré, o tráfico de drogas teve aqui papel importante na construção de estradas, na capitalização local e nas economias urbanas. As antigas estradas vicinais dos projetos de colonização se tornaram eixos de penetração das frentes agrícolas e madeireiras em direção ao Guaporé.

A produção cafeeira é pouco beneficiada na região enquanto a cadeia produtiva da madeira (serrarias, laminação, movelaria) apresenta certo potencial de desenvolvimento. No entanto, a cadeia se assenta em bases instáveis não só porque depende da extração ilegal da madeira em terras indígenas e de proteção ambiental, como na madeira contrabandeada da Bolívia. Por esse motivo, a Sub-região se beneficiaria com a formação de Arranjos Produtivos Transfronteira, que pudessem reduzir entraves à circulação e, ao mesmo tempo, organizasse a cadeia produtiva de modo a incluir o lado boliviano. A indústria moveleira local carece de qualidade, tanto em termos de desenho e aperfeiçoamento técnico, o que restringe seu potencial exportador. Tais restrições se espelham na baixa densidade técnico-tecnológica e de serviços de apoio à produção que caracteriza todos os municípios exceto Rolim de Moura, principal pólo industrial e centro atacadista da Sub-região.

A agroindústria tem razoável potencial de desenvolvimento, tanto a partir do café como da pecuária leiteira. Outro potencial da Sub-região é a estrutura fundiária baseada em pequenas e médias propriedades, que favorece a melhor distribuição de renda, refletindo-se no baixo nível de desequilíbrio interno local em quase todos os municípios, e no elevado grau de diversificação agrícola da Sub-região. Embora ainda incipiente, com pequena especialização em banana e melancia, a fruticultura é um setor que se adapta bem à estrutura de pequena propriedade. A Sub-região tem elevado potencial como zona de abastecimento de gêneros alimentícios para os mercados urbanos e regionais.

Outro potencial a ser explorado é o nível de alfabetização (densidade social), bastante razoável nos municípios da região, e que poderia incentivar serviços urbanos mais especializados. A Sub-região é uma das áreas estratégicas no combate às atividades ilegais, exigindo por parte do poder público estadual e federal a promoção de alternativas de desenvolvimento em áreas rurais e urbanas.

IX – Sub-região Chapada dos Parecis

A Sub-região é o segmento mais ocidental da grande Chapada dos Parecis, que se estende desde o Sudoeste de Mato Grosso até o Sul de Rondônia, não apresentando municípios lindeiros à divisa internacional. O trecho mato-grossense é a principal área produtora de soja do país, destinando-se principalmente a exportação de grãos para o mercado internacional, com escoamento fluvial (Rio Madeira) e terrestre (porto de Paranaguá). Compreende 14 municípios, concentrando pouco mais de 10% da população do Arco Central, sendo 75% residente em área urbana. As três principais cidades - Tangará da Serra/MT, Pimenta Bueno/RO e Vilhena/RO - se destacam como pequenos pólos industriais e de comércio atacadista.

Especialização Produtiva

A diversificação da base produtiva é uma característica da Sub-região, apesar da especialização acentuada na soja. Esta representa 62% da produção agrícola sub-regional, seguido do algodão (19%) e do extrativismo vegetal (madeira em tora). O rebanho bovino de corte e leiteiro representa 16% do rebanho do Arco Central, com destaque para a produção leiteira (22% da produção total do Arco).

Localizada principalmente no trecho da Chapada em Rondônia, a indústria extrativa da madeira se alterna ao consórcio milho-arroz, cultivos característicos da formação e recuperação de pastagens. Plantações de cana-de-açúcar ocupam a encosta da Chapada em direção a Bacia do Alto Paraguai.

A produção industrial é a segunda em importância do Arco Central (depois de Dourados), concentrando-se principalmente em Tangará, seguido pelas duas outras principais cidades. Predominam indústrias de amido, alimentar, beneficiamento da madeira, movelaria, metal-mecânica e construção civil. Como em outras sub-regiões, a indústria de confecções e acessórios está fortemente associada aos núcleos urbanos, constituindo-se numa das principais fontes geradoras de emprego.

A mescla entre cultivos altamente mecanizados, extrativismo, e indústria, é responsável por um mercado de trabalho diversificado, tanto urbano como rural, sendo expressiva a proporção de mão-de-obra com vínculo empregatício.

Problemas e potencialidades

O principal problema da Sub-região é a concentração técnico-tecnológica e de serviços à produção nas três principais cidades mencionadas acima. Um segundo problema é o forte contraste entre municípios dinâmicos, com alta densidade social, e municípios com baixo nível de desenvolvimento social. O terceiro problema, parcialmente derivado do anterior, é o desequilíbrio interno, indicativo de concentração fundiária e de renda, inclusive em áreas dinâmicas, de cultivo de soja (Campos de Julho e Comodoro em Mato Grosso).

A diversificação produtiva, o elevado grau de empresariamento urbano e rural, a posição geográfica favorável, entre o eixo mato-grossense e o “corredor” da BR-364, e a capitalização das atividades são fatores potencialmente favoráveis à consolidação do desenvolvimento regional nos próximos anos.

X – Sub-região Alto Paraguai

A Sub-região se estende em semi-arco ao Sul da Chapada dos Parecis, divisor de águas entre a Bacia Amazônica e a Bacia do Paraguai-Paraná (Estado de Mato Grosso). Na Chapada estão as nascentes do Rio Paraguai e do Rio Guaporé, pertencente este último à Bacia Amazônica. No leste da Sub-região, a maior parte dos municípios é drenada pelo Rio Paraguai e afluentes, enquanto a Oeste estão os municípios drenados pelo Guaporé. Exceto por Vila Bela da Santíssima Trindade e Porto Esperidião, ambos lindeiros com a Bolívia, e Pontes e Lacerda, cortado pela BR-174, a maioria dos municípios do Alto Paraguai tem tamanho reduzido, com 9% da população total do Arco Central (193.576 habitantes em 2000). A Sub-região apresenta ainda baixa densidade demográfica, altos índices de urbanização, e somente uma cidade de maior porte, Pontes e Lacerda (28.560 habitantes, 2000), as outras não chegando a 20.000 habitantes. Antigo território das tribos *Nambikwara* e *Parecis*, as terras indígenas foram sendo invadidas

ao longo do século XX, parte em função da riqueza mineralógica local, parte pelas frentes pastoris que foram ocupando as savanas (cerrado), campos e florestas dos vales.

A diversidade é o traço característico da Sub-região. Diversidade geológica-geomorfológica, com chapadas de arenito, depressões sedimentares, serras de rochas cristalinas ricas em minério e metais preciosos, e uma extensa área alagadiça compartilhada com a Bolívia (Sul do município de Vila Bela, na área de Casalvasco). Diversidade da cobertura vegetal, com campos naturais nas áreas alagadiças, florestas semi-decíduais, ricas em madeira-de-lei, hoje em grande parte substituída por pastagens, “cerradão” (savana florestada) no alto das serras, cerrado (savana arbórea) nos vales. Diversidade cultural da população, com comunidades de antigos escravos introduzidos na época colonial para a mineração do ouro nos altos vales do Guaporé (Vila Bela da Santíssima Trindade) e do alto Paraguai (Lambari d’Oeste, Barra do Bugres); comunidades indígenas (*Nambikwara*, *Pareci*), cujas terras foram quase todas apropriadas, restando na Sub-região somente as Terras Indígenas Juininha e Sararé (Pontes e Lacerda); imigrantes de várias regiões brasileiras (Nordeste, Sudeste, Sul), que pouco se integraram com as comunidades mais antigas; e a mescla de indígenas brasileiros e bolivianos nos alagados de Casalvasco.

Na década de 1970, concomitante à construção das rodovias federais BR-364 e BR-174, grandes parcelas de terras foram apropriadas por pecuaristas do Sudeste e do Sul, incentivados pelo Governo Federal. Junto com as grandes companhias mineradoras, também elas grandes proprietárias de terra. Com a abertura das estradas, vieram massas de imigrantes, de início por colonização espontânea e, logo a seguir, em colonização dirigida, via assentamentos do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Muitos imigrantes que haviam voltado de Rondônia, aí se instalaram, acentuando os conflitos de terra. A década de 1980 se caracterizou pelo aumento do desmatamento, a difusão de serrarias, e novo ‘ciclo’ de extração de ouro (Alto Guaporé), principalmente por garimpeiros de origem nordestina.

A década de 1990 foi de transformações na base produtiva: as terras dos assentamentos foram sendo aglutinadas, tornando possível a difusão da criação de gado leiteiro, que por sua vez estimulou o aparecimento das primeiras pequenas indústrias de laticínios voltadas para o mercado regional; a engorda se expandiu nas grandes fazendas pecuaristas, permitindo a implantação dos primeiros frigoríficos (Araputanga, São João dos Quatro Marcos, Mirassol d’Oeste); diminuíram as serrarias e apareceram as primeiras movelarias (Mirassol d’Oeste, São João dos Quatro Marcos); em antigos e novos assentamentos, organizações não-governamentais e linhas de crédito federais para a pequena produção incentivaram a agroecologia.

Especialização Produtiva

A criação de gado bovino, tanto de corte como leiteiro é o principal uso do solo. Em termos de valor, a produção de leite está entre os três maiores do Arco Central (sendo as outras duas a Sub-região Fronteira do Guaporé e a Sub-região de Dourados), configurando uma bacia leiteira cuja produção se destina tanto ao abastecimento de leite *in natura* como às indústrias de laticínios locais. Já o rebanho bovino de corte, segundo do Arco Norte (ainda assim a metade do primeiro, a Sub-região do Pantanal) abastece frigoríficos locais, exportadores de carne para outras regiões do país. Mesmo em áreas de agricultura especializada em cana de açúcar (Barra do Bugres, Lambari d'Oeste, Poconé), consórcio milho e arroz (Vila Bela, Pontes e Lacerda, Salto do Céu), ou consórcio de mandioca, arroz e milho (Jauru, Porto Estrela), a criação de gado bovino se faz presente.

A extração de madeira em tora, bem menos importante que no passado, ainda se faz presente, assim como a extração de madeira para lenha e carvão vegetal. Plantações de hevea para a produção de látex coagulado tornam a Sub-região a principal produtora do Arco Central. Na fruticultura, a laranja e a banana se destacam, sendo que a Sub-região é a principal produtora de banana do Arco Central. (57%). Ainda em termos de valor da produção, a principal lavoura temporária é a cana de açúcar, segunda maior do Arco, depois da Sub-região de Dourados.

A cidade de Pontes e Lacerda concentra a maior parte das indústrias de transformação, desde pequenas fábricas de laticínios, desdobramento de madeira até pequenas confecções. Nos outros municípios, frigoríficos e pequenas fábricas de couro e calçados parecem delinear uma cadeia produtiva vinculada à criação de gado. Barra do Bugres tem uma pequena extração de caulim, sendo os principais compradores os produtores de soja da Chapada dos Parecis.

Problemas e potencialidades

No âmbito da economia regional, o principal problema é o baixo nível de investimento nas atividades agropecuárias, que se reflete em baixo valor da produção, e a baixa diversificação produtiva. A precariedade dos serviços à produção e a baixa densidade técnico-tecnológica são consistentes com o problema identificado. O município de Pontes e Lacerda é uma das exceções, apresentando maior diversidade produtiva, graças aos antigos e recentes projetos de colonização. O principal mercado de trabalho encontra-se em área urbana. Assim mesmo o crescimento de favelas no entorno de Pontes e Lacerda assinala a dificuldade de absorver a oferta de trabalhado e a precariedade dos tipos de emprego disponíveis. Comparando-se a densidade social com o índice de estabilidade local, observa-se que as áreas com melhores índices de densidade social

foram aquelas onde ocorreu emigração entre 1991 e 2000 (refluxo da população). Tal emigração sugere que está em curso um processo ‘seletivo’, onde antigos imigrantes vendem suas terras, e buscam as pequenas cidades ou emigram para outras regiões, e novos imigrantes não conseguem ser absorvidos por uma economia ‘fechada’ para novas oportunidades de emprego, tanto em área rural como urbana.

O maior potencial da Sub-região é sua posição geográfica, situada entre umas das áreas mais ricas do país: a Chapada dos Parecis e o Estado de Rondônia, em meio a cidades dos mais diversos tamanhos. Bem servida por rios navegáveis, sem nenhuma grande cidade polarizadora, apresentando grande variedade de solos, a Sub-região pode se tornar produtora de gêneros alimentícios e derivados do leite para as sub-regiões vizinhas.

XI – Sub-região Pantanal

A Sub-região do Pantanal é um dos lugares do Brasil mais conhecidos por uma “paisagem-símbolo”, o domínio fito-geográfico pantaneiro, que cobre a extensa planície de inundação do Rio Paraguai e seus afluentes da margem esquerda. Os afluentes da margem direita, em território boliviano, formam a grande região do Chaco na Bolívia.

Objeto de monitoramento por parte de organizações não-governamentais, nacionais e estrangeiras, grande parte da Sub-região ainda mantém as grandes fazendas de criação de gado, feito de modo extensivo sobre pastagens naturais. A metamorfose de muitas fazendas em áreas de lazer para o turismo ecológico tem atraindo grande número de visitantes estrangeiros e nacionais, uma fórmula inteligente de reverter a estagnação da economia regional, sem alterar em demasia o meio geográfico.

A Sub-região reúne nove municípios, de grande superfície, destacando-se Corumbá/MS, com quase 65 mil km². Os municípios do Pantanal Norte pertencem ao Estado de Mato Grosso (Cáceres, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Barão de Melgaço), e os do Pantanal Sul ao Estado de Mato Grosso do Sul (Corumbá, Aquidauana, Miranda, Anastácio e Porto Murtinho). Devido ao tamanho das unidades administrativas, somente três municípios são lindeiros, Cáceres e Corumbá com a Bolívia (Departamento de Santa Cruz), e o extremo Sul do município de Corumbá e Porto Murtinho com o Paraguai (Departamento do Alto Paraguai).

Domínio de grandes grupos indígenas no passado (*Terena, Kadiwéu*), a apropriação de terras pelos estancieiros e extratores da erva-mate (Porto Murtinho) reduziu de forma drástica os territórios indígenas. Hoje existem oito terras indígenas reconhecidas oficialmente, sendo de longe a maior, a Terra Indígena Kadiwéu (*Terena, Kadiwéu*) com cerca de 1.600 indígenas (distribuídos em cinco aldeias), na divisa com o Paraguai (Porto

Murtinho); as outras estão concentradas no eixo Aquidauana-Miranda, ao longo da BR-262, abrigando cerca de 12.000 indígenas, principalmente *terenas*. Ressalta-se que as usinas e plantações de cana existentes nesse eixo empregam mão-de-obra indígena, e que os índios Kadiwéu estão adquirindo fama internacional vendendo sua cerâmica, de desenho bastante elaborado.

Ao Norte de Corumbá, próximo ao Parque Nacional Pantanal Mato-grossense, na divisa com a Bolívia, a Terra Indígena Guató, ainda não demarcada, está sendo pressionada pelo ‘turismo de pesca’. Uma das tribos mais antigas do Pantanal, o grupo *Guató*, cujas terras originalmente chegavam até Poconé, é conhecido como os “canoeiros do Pantanal”, hoje com população muito reduzida.

Existem diferenças entre o Pantanal Norte e o Pantanal Sul (Alto Pantanal), no que se refere ao perfil de uso do solo, e à intensidade de interações transfronteiriças. Os municípios do Pantanal Norte, que tem em Cáceres a principal cidade (63.698 habitantes, 2000), apresentam maior associação da pecuária com a agricultura (Poconé, Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento), enquanto o Pantanal Sul é caracterizado por maior dominância da pecuária, com “ilhas” de agricultura. A intensidade das interações transfronteiriças é maior no Pantanal Sul, onde a cidade de Corumbá, a mais importante (84.456 habitantes, 2000), é cidade-gêmea de Porto Aguirre-Porto Suarez (fronteira seca), conectando-se através de rodovia (implantada) à segunda maior cidade da Bolívia, Santa Cruz de la Sierra.

O segmento fronteiro do Pantanal Sul pode ser classificado como *capilar*, com trabalhadores paraguaios e bolivianos no lado brasileiro, além de integração cultural através de casamentos entre paraguaios e brasileiros, e de hábitos alimentares. Em Porto Murtinho, a mão-de-obra paraguaia é utilizada no desmatamento, que cresce em virtude da implantação de grandes fazendas pecuaristas. A exploração de madeira-de-lei do Departamento do Alto Paraguai por brasileiros reforça a capilaridade na linha divisória. No Pantanal Norte, as interações transfronteiriças são do tipo *frente*, com propriedades de brasileiros superpostas a linha divisória com a Bolívia. Cáceres está a 80 km de San Matias, zona franca boliviana, mal articulada às áreas mais dinâmicas daquele país. Exceto pelo tráfico de pasta de coca e cocaína, as articulações transfronteiriças não são significativas.

Por outro lado, o Norte e Sul do Pantanal têm em comum várias características geográficas: o turismo (ecológico, pesca); baixa densidade demográfica; imigração irrisória procedente de outras regiões do país; concentração da população em poucos centros urbanos; e o predomínio de grandes propriedades-empresas criatórias, administradas a distância, articulando-se com o resto do país por via aérea (a Sub-região tem o maior número de aeródromos particulares de toda a Faixa de Fronteira).

Especialização Produtiva

O rebanho bovino da Sub-região é o segundo maior da Faixa de Fronteira brasileira, depois da Campanha Gaúcha. A produção leiteira tem importância regional, tanto no Norte como no Sul da Sub-região. A maior parte das pequenas indústrias de laticínios encontra-se no Pantanal Sul (Miranda, Aquidauana e Anastácio), porém o município de Cáceres também se destaca na produção de leite.

A fruticultura está se consolidando, principalmente a produção de banana, abacaxi, limão, laranja e uva (Miranda, Aquidauana, Anastácio, Barão de Melgaço). Em Aquidauana, a produção de manga orgânica já tem certificação, embora existam, nesse município e em Miranda, limão, manga e caju nativo, explorados também por comunidades indígenas. Entre as lavouras temporárias, os maiores valores da produção correspondem à mandioca, seguido pelo arroz e a cana-de-açúcar, cultivados principalmente no Pantanal Norte. No Pantanal Sul destacam-se a mandioca, o arroz e o milho, sendo a produção de mandioca destinada principalmente ao consumo local, como mostra o mapa de Arranjo Produtivo Local no capítulo sobre Estudos de Caso.

A extração de madeira em tora é importante em Porto Murtinho (em valor da produção), aproveitando-se da presença de formações florestais na área. Grande parte das reservas florestais do Pantanal Sul, no entanto, estão dilapidadas, exceto na Terra Indígena Kadiwéu. Apesar do desmatamento extenso, a presença de pequenas indústrias de desdobramento de madeira e movelaria no eixo Aquidauana-Miranda sugere que dependem de contrabando de madeira paraguaia, embora os maiores compradores venham do Paraná e Rio Grande do Sul. A extração de madeira para a produção de carvão é significativa (44% do valor total da extração vegetal na Sub-região), constituindo não só um incentivo ao desmatamento como um problema social importante, dado às más condições de trabalho da mão de obra envolvida.

Problemas e potencialidades

A baixa diversificação produtiva, os baixos valores da produção agrícola e extrativista, e a inexistência de uma cadeia produtiva vinculada à pecuária, são problemas a serem enfrentados na Sub-região. O mapeamento dos dados sobre mercado de trabalho, conectividade, densidade social, e dos indicadores de estabilidade e nível de desequilíbrio interno (concentração de renda e concentração fundiária) são de certa forma enganadores, tendo em vista que praticamente todos esses dados referem-se às sedes municipais, devido à baixíssima densidade demográfica das áreas rurais. O município de Corumbá, por exemplo, aparece com predominância da PEA urbana e do emprego assalariado, situação obviamente limitada à cidade-sede. O mesmo vale para os outros municípios: a maior

importância da PEA urbana no setor de serviços, como é o caso de Porto Murtinho e Anastácio, só pode ser entendida como referente a sede municipal. Os serviços à produção encontram-se quase que exclusivamente restritos às principais cidades, Cáceres e Corumbá. Tal polarização também pode ser observada em relação ao índice de conectividade e às densidades técnico-tecnológica e social (nível de alfabetização).

As reservas minerais da Sub-região não são desprezíveis, destacando-se o ferro e manganês no Maciço do Urucum (Corumbá), uma parte da qual já é explorada. Devem ser destacadas também as reservas de granito em Porto Murtinho; calcário em Miranda (pouco explorado) e Corumbá; ouro em Cáceres, Poconé (onde já foi mais importante que atualmente), Nossa Senhora do Livramento; prata e zinco em Cáceres; quartzo em Miranda. O turismo ecológico permanece como a melhor opção para resguardar a riqueza ambiental da Sub-região, embora a entrada de uma 'frente empresarial' do Sul-Sudeste do país, se consolidada, pode se tornar uma ameaça para o futuro do Pantanal. O Pantanal Sul tem condições de desenvolver arranjos produtivos vinculados à bovinocultura, assim como a fruticultura de pequena escala parece ser uma alternativa adaptada às condições regionais.

XII – Sub-região Bodoquena

Com sete municípios e menos de 5% da população do Arco Central, dois terços residentes em área urbana, a Sub-região da Bodoquena pode ser caracterizada como zona de transição entre a criação extensiva de gado do Pantanal e a expansão do cultivo mecanizado de soja (Sub-região de Dourados e Cone Sul-mato-grossense). Ocupa posição excêntrica a Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul.

A principal atividade agrícola em valor é a soja (sem expressão no conjunto do Arco), porém grande parte do uso do solo é destinada à criação de gado de cria para as fazendas de engorda de Dourados, no Cone Sul-mato-grossense, e da 'costa leste' do Estado (área limítrofe ao Estado de São Paulo e fora da Faixa de Fronteira). Apresenta 2% da produção total extrativa do Arco Central (madeira em tora) e 3% da indústria de transformação, a mais fraca de todo o Arco. Caracteriza-se também por baixo grau de empresariamento agrícola, ausência de praça atacadista, baixo nível técnico-tecnológico, porém média a alta densidade social.

Especialização produtiva

A agroindústria, embora inexpressiva em termos de número de empresas e valor da produção, está articulada tanto à soja (Bela Vista, Tacuru, Bonito) como à mandioca (procedente principalmente do Departamento paraguaio de Amambay, onde é plantada

por imigrantes brasileiros). Pequenas indústrias de cerâmica (Bela Vista, Bonito, Guia Lopes da Laguna) e uma unidade de tecelagem em Guia Lopes compõem o perfil industrial da região. A Sub-região faz parte da bacia leiteira de Dourados, destinando-se o leite às indústrias de laticínios da Sub-região vizinha.

É o turismo a principal fonte geradora de empregos (urbanos). Exceto em Nioaque, onde grandes fazendas são responsáveis por elevada concentração fundiária, os outros municípios apresentam médio nível de desequilíbrio interno local.

Problemas e potencialidades

O problema maior da Sub-região é o baixo grau de especialização e sua forte dependência em relação às sub-regiões vizinhas. A atividade turística poderia se tornar uma especialização da Sub-região. Embora a infra-estrutura turística existente (11% do Arco Central) em Jardim e Bonito seja razoável, a ausência de infra-estrutura aeroportuária nesses municípios prejudica o desenvolvimento. O Governo Estadual tem apoiado o turismo na Sub-região, só que não existe clareza quanto ao tipo de clientela que se quer atingir. O Parque Nacional da Serra da Bodoquena tem seu potencial turístico ainda pouco explorado.

Pequenos empresários da região apóiam fortemente o plano estadual de criar um corredor bi-oceânico entre Campo Grande e Porto Murtinho, conectando o Oeste do Estado aos países do Cone Sul através do Rio Paraguai e deles aos portos do Pacífico, o que poderia beneficiar, segundo eles, a Sub-região. Bela Vista deveria ser integrada ao plano de desenvolvimento do turismo, tendo o Governo Federal apoiado a reconstituição de prédios antigos (início do século XX) da pequena cidade, cidade-gêmea da cidade paraguaia de Bella Vista, a qual está articulada por pequena e precária ponte. Um ‘corredor turístico’ transnacional, desde o Parque da Bodoquena, Jardim, Bonito, Bela Vista até Ponta Porã (Sub-região Cone Sul-mato-grossense) e o Parque Nacional de Cerro Cora em Amambay (Paraguai), consolidaria a atividade na Sub-região. Além disso, seria importante incentivo à redução das plantações de *Cannabis sativa* (maconha) que atualmente dominam não só o Parque Nacional paraguaio como grande parte do Departamento de Amambay (responsável por 70% da produção de *Cannabis sativa* no Paraguai) e as áreas limítrofes brasileiras (ainda não mapeadas).

Municípios da Sub-região têm reservas mineralógicas ainda por ser exploradas. É o caso das reservas de calcário e mármore em Bonito, e de calcário e filito em Bodoquena.

XIII – Sub-região Dourados e
XIV – Sub-região do Cone Sul-mato-grossense

As duas Sub-regiões encontram-se descritas no capítulo referente aos Estudos de Caso.

B-1.3 Sub-regiões do Arco Sul

O Arco Sul é composto por 418 municípios representando 69% do total de municípios da Faixa de Fronteira, e foi subdividido em três sub-regiões.

XV - Sub-região Portal do Paraná

A Sub-região do Portal do Paraná situa-se no Noroeste do Estado, na zona de transição entre os Arcos Central e Sul. Em relação ao restante do Arco Sul, como já foi assinalado anteriormente, a região diferencia-se tanto por sua base produtiva quanto por sua identidade cultural, esta última marcada por afluxos migratórios predominantemente extra-regionais, provenientes das regiões Nordeste e Sudeste, e pela importância das colônias de imigrantes nipônicos. A paisagem é moldada pelos vales dos Rios Ivaí e Piquiri os quais, em grande medida, dividem a região em dois subespaços, com características próprias, a saber: 1) a área de influência de Umuarama e 2) o extremo Norte da Sub-região, ao Norte do Rio Ivaí (área de influência da cidade de Paranaíba).

É possível ainda distinguir um terceiro subespaço, representado pelas cidades-gêmeas de Guaíra e Salto del Guairá (Paraguai), e que ocupa uma posição relativamente excêntrica em relação ao restante da região. O efeito da distância deste subespaço em relação à Sub-região é minimizado pela presença do importante eixo rodoviário da PR-323 (rodovia Osvaldo Pacheco de Lacerda) que liga as cidades-gêmeas, e, portanto os Departamentos do Leste paraguaio, às cidades de Maringá e Londrina e ao Estado de São Paulo. Na região do Ivaí, destaca-se o eixo da PR-218, que conecta os municípios da região à cidade de Paranaíba. É de se notar também que a Sub-região do Portal do Paraná possui o segundo maior grau de urbanização do Arco Sul, inferior apenas àquele registrado na Sub-região da Campanha Gaúcha. A região é polarizada pela cidade de Umuarama, um dos principais centros sub-regionais do Estado, com 82.000 habitantes (população urbana), em torno da qual se situa uma miríade de pequenas aglomerações urbanas com população inferior a 10.000 habitantes.

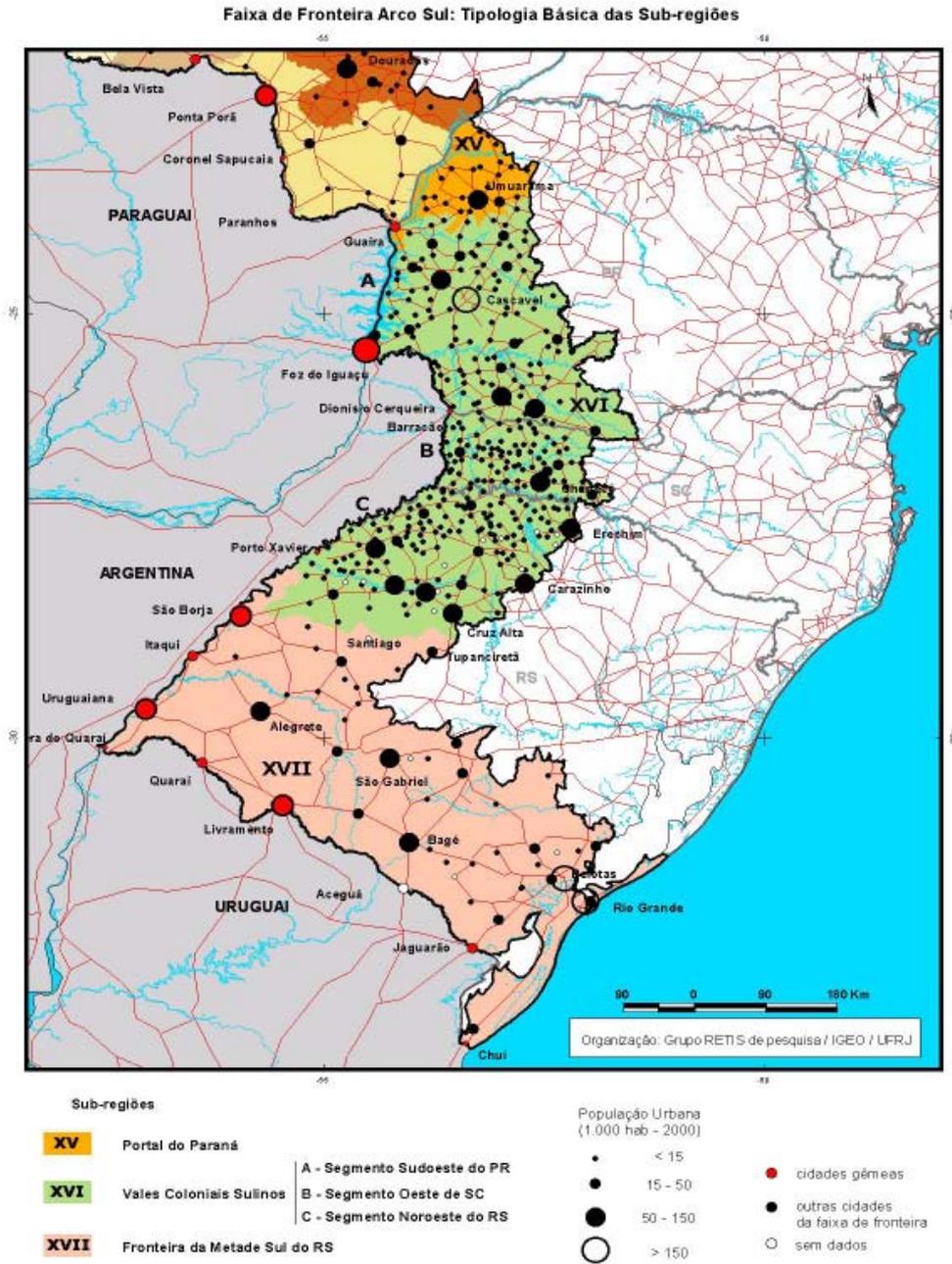


FIGURA 11: FAIXA DE FRONTEIRA ARCO SUL - TIPOLOGIA BÁSICA DAS SUB-REGIÕES

Especializações produtivas

No que se refere às atividades de extração vegetal, florestal e silvicultura, o conjunto dos municípios da Sub-região Portal do Paraná representa apenas 1,27% da produção total do Arco Sul. A extração madeireira é praticamente inexistente e a Silvicultura gera valores bastante inferiores ao restante do Arco (R\$ 1.149.000). Entretanto, a região apresenta um relativo dinamismo do setor industrial madeireiro/moveleiro, o que pode ser explicado por sua posição privilegiada em relação às áreas fornecedoras de insumos (em especial, Mato Grosso, Roraima e o Paraguai) e pela proximidade de importantes centros de consumo, situados tanto no Paraná (Maringá e Londrina) quanto em São Paulo (Presidente Prudente). Indústrias de desdobramento e fabricação de produtos de madeira concentram-se, sobretudo, ao longo da rodovia Osvaldo Pacheco de Lacerda, eixo que liga Guaíra à cidade de Maringá, especialmente nas cidades de Umuarama, Tapejara e Guaíra. A indústria moveleira, a qual produz para o consumo local, encontra-se concentrada em Umuarama (em 2001, 62 das 115 empresas da categoria estavam situadas no município).

A distribuição das atividades pecuárias (criação e derivados) da região apresenta similaridades com aquela observada para Sub-região de Dourados, no Arco Central. A bovinocultura de leite, voltada para o mercado local/subregional é praticada em todos os municípios da Sub-região (no total 1.2666.351 cabeças e 102.269.153 litros de leite), notadamente nos municípios de Santa Cruz do Monte Castelo, Querência do Norte, Santa Isabel do Ivaí (situados no Extremo Norte da Sub-região, na área de influência de Paranaíba) e em Umuarama. A predominância da bovinocultura de leite em relação à pecuária de corte reflete-se na presença de atividades conexas a ambas: em 2001, a região contava com 39 indústrias de laticínios e apenas 14 abatedouros/frigoríficos. Com relação à distribuição, observa-se uma alta concentração dos abatedouros/frigoríficos em Umuarama (50%) e uma maior dispersão das indústrias de laticínios, coincidindo em sua localização com os principais municípios produtores. Em parte pela mesma razão, a cadeia produtiva de couro e calçados não apresenta um desenvolvimento notável. As atividades de curtimento, fabricação de artefatos de couro e de calçados concentram-se em Umuarama, Guaíra e Tapejara (21 empresas, no total).

Outras atividades de criação animal são inexpressivas na sub-região, à exceção da avicultura (2.454.826 cabeças), também destinada ao abastecimento do mercado local. O Portal do Paraná distingue-se, porém, pela produção de casulos do bicho-da-seda: 1.696.080 unidades. É a maior produtora do gênero em toda a Faixa, rivalizando apenas com a Sub-região do Sudoeste Paranaense, cuja criação não atinge um milhão de unidades de casulos. Isto se deve, em grande medida, a presença de expressivo contingente asiático, especialmente nipônico, na região (ver mapas de % de amarelos na Faixa de Fronteira).

Trata-se de uma atividade desenvolvida por pequenos produtores, instalados principalmente na região Noroeste do Estado do Paraná (estado maior produtor do país, com 5,5 milhões de casulos), nas áreas de influência de Maringá, Umuarama e Paranavaí e voltada para o mercado externo (especialmente para o Japão).

A agroindústria é a principal atividade produtiva da Sub-região. Entretanto, no contexto do Arco Sul, observa-se que esta apresenta valores bastante inferiores aos das outras regiões. Agregando as atividades de produção agrícola em três grandes grupos, a saber, a fruticultura, as lavouras permanentes e as lavouras temporárias, temos os seguintes percentuais:

	Valor / Área	Percentual no Arco sul
Lavouras Temporárias	164.378.000 / 195.360	2,3 / 2,3
Fruticultura	7.960.000 / 1.907	3,6 / 3,0
Lavouras Permanentes	2.399.000 / 5.636	6,6 / 18,1

QUADRO 5: PORTAL DO PARANÁ: PRODUÇÃO AGRÍCOLA

As lavouras temporárias representam, indubitavelmente, a grande força motriz do desenvolvimento agrícola do Portal do Paraná, entretanto, ao contrário das outras sub-regiões do Arco Sul, sua base não está assentada na produção de grãos. Embora rivalizando em relação à extensão cultivada com as plantações de milho (53.800 ha), a lavoura de cana-de-açúcar (45.700 ha) é responsável por elevado valor da produção (R\$ 61.500.000, em 2001). Aproveitando a especialização produtiva da base primária, a região possuía, em 2001, duas indústrias de refino de açúcar (de um total de três no Arco Sul), em Ivaté e Tapejara, municípios que se situam nas duas principais áreas de cultivo de cana (ver os mapas da base produtiva para a Sub-região).

Por seu turno, os valores provenientes do cultivo de soja e milho e outros grãos na sub-região não podem ser comparados àqueles atingidos nas Sub-regiões dos Vales Coloniais do Sudoeste Paranaense e do Noroeste do Rio Grande do Sul (2 bilhões no ano de 2001). Em termos de valores e extensão territorial dos cultivos nos municípios do Portal do Paraná, outras culturas temporárias se destacam, como a mandioca e o algodão. Em relação à cadeia produtiva da mandioca, observa-se uma concentração da produção de amidos nas cidades situadas no eixo Guaíra-Maringá (22 das 33 empresas neste setor situam-se nas cidades de Guaíra, Umuarama, Cruzeiro do Oeste, Tapejara e Altônia) e,

em menor grau, nos centros situados na região de influência de Paranavaí (Querência do Norte e Santa Isabel do Ivaí). Finalmente, em relação às lavouras permanentes, a região possui a maior produção de café registrada no Arco Sul (R\$ 2.364.000/5.614 ha) com expressão nos municípios situados no Vale do Ivaí (Rondon, Cidade gaúcha, Santa Isabel do Ivaí e Tapira). Esta especialização produtiva, como notado anteriormente, tem raízes na expansão da frente cafeicultora paulista que alcançou a região a partir de Londrina e Maringá. Na região estavam localizadas, em 2001, oito empresas de beneficiamento e torrefação de café, cuja distribuição apresenta um padrão disperso, situando-se tanto em centros importantes como Umuarama e Altônia, quanto em municípios produtores (como São Jorge do Patrocínio e nos municípios do Vale do Ivaí acima citados).

O elo final da cadeia produtiva agroindustrial, a saber, a distribuição, encontra-se, como é de se esperar, extremamente concentrado: o comércio atacadista de produtos *in natura* situa-se preferencialmente em Guaíra e Altônia. No caso de Guaíra, tal padrão explica-se pela posição da cidade em relação ao mercado internacional. Já o comércio atacadista de produtos beneficiados concentra-se (60% das 50 empresas) em Umuarama, grande centro distribuidor da região.

No caso da indústria têxtil, a região beneficia-se da proximidade em relação a São Paulo, aos centros paranaenses Maringá e Londrina e ao pólo de confecções de Cianorte para o fornecimento de insumos industrializados. Outra característica pode ser apontada para o fortalecimento da cadeia produtiva têxtil na região, a saber, a expressiva produção de algodão (inferior apenas à produção das Sub-regiões do Sudoeste Paranaense e da Chapada dos Parecis) e a proximidade com outros municípios produtores de algodão do Mato Grosso do Sul (Sub-regiões de Dourados e Cone Sul-mato-grossense). Nota-se uma relativa verticalização desta cadeia produtiva na sub-região, com presença de empresas voltadas para o beneficiamento, a fiação, a tecelagem e a produção de artefatos têxteis, bem como um número expressivo de indústrias de confecção e acessórios (em todos os casos observa-se uma alta concentração em Umuarama, à exceção do setor de confecções, que possui expressão na maior parte dos municípios). Entretanto, o número de empresas voltadas para a produção de tecidos e malhas é ainda bastante insipiente devido à proximidade de importantes fornecedores localizados nos Estados de São Paulo e Paraná), fator que desestimula a implantação de empresas dedicadas a estes setores na região, ocorrendo uma especialização nos elos preliminares da cadeia (beneficiamento e fiação) e no setor menos capitalizado das confecções.

Finalmente, o setor da construção civil, pouco dinâmico se comparado ao restante do Arco Sul, é altamente evocativo do peso da economia urbana de Umuarama para a região. De um total de 159 empresas de construção de edifícios e obras de engenharia civil existentes na região em 2001, 113 situavam-se nesta cidade, 13 estavam localizadas em Guaíra e o restante encontrava disperso nos centros menores.

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

PORTAL DO PARANÁ: ESPECIALIZAÇÕES PRODUTIVAS - AGROINDÚSTRIA						
PRODUÇÃO						
Atividade	Categoria	Sub-categoria	Área de Ocorrência (Principais Municípios)	Valor (Reais)	Área Plantada (ha)	
Agricultura	Lavouras Temporárias	Cana	Tapejara, Rondon, Icaraíma, Ivaté, Cidade Gaúcha, Cruzeiro do Oeste, Perobal, Cafezal do Sul, Tapira, Nova Olímpia	61.421.000	45.699	
		Mandioca	Toda a Região	24.797.000	25.202	
		Algodão	Toda a Região (Guaira, Umuarama, Altônia)	9.940.000	8.324	
		Amendoim	Toda a Região	1.874.000	1.925	
	Grãos	Milho	Toda a Região (Guaira)	24.814.000	53.800	
		Soja	<u>Guaira</u> , Querência do Norte, Umuarama, Perobal, Altônia	24.084.000	30.116	
		Feijão	Toda a região (Altônia, Santa Isabel do Ivaí, Umuarama)	8.046.000	16.040	
		Arroz	<u>Querência do Norte</u> , <u>Santa Cruz do Monte Castelo</u> , <u>Santa Isabel do Ivaí</u> , Tapira, Santa Mônica, Guaira	7.283.000	8.917	
		Trigo	Guaira	1.811.000	5.123	
	Fruticultura	Laranja	<u>Cidade Gaucha</u> , <u>Santa Cruz do Monte Castelo</u> , <u>Santa Isabel do Ivaí</u> , Santa Mônica, Altônia, Rondon	3.782.000	944	
		Abacaxi	Santa Isabel do Ivaí	1.354.000	86	
		Uva	Altônia, Ivaté e Douradina	837.000	164	
	Lavouras Permanentes	Café	<u>São Jorge do Patrocínio</u> , <u>Xambrê</u> , <u>Rondon</u> , Santa Isabel do Ivaí, Tapira, Cidade Gaúcha, Altônia	2.364.000	5.614	
	TRANSFORMAÇÃO / DISTRIBUIÇÃO					
	Categoria			Número de Empresas		
Conservas			2			
Óleos e Gorduras			0			
Amidos e Rações			33			
Refino de Açúcar			2			
Torrefação de Café			8			
Produtos Alimentares			34			
Bebidas			3			
Produtos de Fumo			0			
Comércio Atacadista			65			

QUADRO 6: PORTAL DO PARANÁ : ESPECIALIZAÇÕES PRODUTIVAS

Algumas potencialidades podem ser destacadas para a região, a começar por sua própria especialização produtiva no setor agroindustrial. Este setor apresenta um alto grau de diferenciação no contexto do Arco Sul, o que pode ser explorado como uma vantagem competitiva em relação ao mercado nacional, especialmente a partir do desenvolvimento do cultivo e da industrialização da cana-de-açúcar. Grande impulso pode ser dado a este setor produtivo com o reaquecimento do programa de fomento à produção de álcool no país. Em relação à cotonicultura, a Sub-região desfruta de posição privilegiada tanto em relação ao mercado consumidor quanto às outras regiões produtoras, o que pode ser impulsionado com o fortalecimento da produção em todas as sub-regiões vizinhas. O mesmo ocorre com a cadeia produtiva da mandioca, a qual vem sendo estimulada por diversos governos estaduais a partir do incentivo à implantação de indústrias de amido, representando assim uma ampliação do valor agregado ao produto, outrora voltado quase exclusivamente para o consumo local.

No que se refere ao mercado de trabalho sub-regional, o Portal do Paraná caracteriza-se pelo perfil eminente urbano da População Economicamente Ativa, para a qual predominam os vínculos empregatícios no setor industrial. Claro está que as principais atividades industriais que absorvem a mão-de-obra regional são aquelas pouco especializadas como a indústria moveleira, de confecções e da construção civil. Entretanto deve-se destacar também a importância dos empregos sazonais gerados pelas lavouras de cana-de-açúcar. Certas características do mercado de trabalho local podem ser exploradas positivamente, ampliando as condições de geração de emprego e renda para a população, em especial, os altos índices de mobilidade da mão-de-obra, especialmente nos municípios vizinhos à Umuarama (fato que pode ser observado no mapa de índice de mobilidade, o qual representa os deslocamentos pendulares da população dentro da mesma unidade da federação).

Por outro lado, atividades produtivas emergentes como a produção de casulos de bichos-da-seda e a apicultura, ou mesmo atividades tradicionais como a fruticultura de laranja e de abacaxi, podem se beneficiar da estrutura agrária ainda persistente na região, caracterizada pela pequena propriedade rural, ainda que esta esteja sofrendo um processo de reorganização interna com a expulsão de importantes contingentes populacionais para as áreas urbanas. Acerca deste último ponto, é de se notar que no conjunto da faixa de fronteira, esta região é aquela que apresenta o maior número de municípios que apresentaram um refluxo populacional, tanto urbano quanto rural, na última década (consultar o mapa de nível de estabilidade econômica municipal). A extensão do fenômeno sugere um processo significativo de reestruturação da organização territorial da Sub-região, podendo sugerir um deslocamento populacional para a cidade de Umuarama e

outros centros médios da Sub-região (os quais apresentaram, nos últimos dez anos, um afluxo populacional urbano), ou mesmo para outras regiões do país.

No que se refere ao apoio à verticalização das cadeias produtivas e ao fomento aos Arranjos Produtivos Locais, a Sub-região carece de maiores investimentos no desenvolvimento técnico-tecnológico e institucional, ambos altamente concentrados na cidade de Umuarama. O mesmo entrave atinge a distribuição dos serviços à produção na região, a saber, a extrema concentração no centro de maior hierarquia da Sub-região. Entretanto, a existência de eixos logísticos estruturados e as distâncias relativamente pequenas entre os municípios devem minimizar os efeitos desta concentração. Importa, portanto, explorar de forma mais estruturada a proximidade com os mercados consumidores de São Paulo e do Paraná, investindo naquelas atividades produtivas que já se encontram relativamente desenvolvidas como os setores madeireiro e têxtil, sobretudo em função da sinergia que estes setores, assim como a agroindústria da cana-de-açúcar apresentam em relação às Sub-regiões do Cone Sul-mato-grossense e de Dourados, através do estímulo à rede de empresas que explorem conjuntamente os ativos e as vocações aí existentes. Neste cenário, centros como Dourados e Umuarama tendem a reforçar o seu papel de nós logísticos, especializando-se nos setores do terciário mais avançado.

XVI - Sub-região Vales Coloniais Sulinos

A: Segmento Sudoeste do Paraná

B: Segmento Oeste de Santa Catarina

C: Segmento Noroeste do Rio Grande do Sul

Especializações produtivas

No que se refere às atividades de extração vegetal, florestal e silvicultura, destaca-se o segmento do Oeste Paranaense no contexto da Sub-região, posto se tratar da área com maiores valores provenientes da extração de madeira em tora (R\$ 34.786.000) na Faixa de Fronteira. Nas atividades ligadas à silvicultura, os valores do segmento (R\$ 58.000.000, especialmente nos municípios de Mangueirinha, Quedas do Iguaçu e Rio Bonito do Iguaçu) são inferiores apenas aos da Sub-região do Oiapoque-Tumucumaque, onde se localiza o Projeto Jari. Por conseguinte, a cadeia produtiva madeireira/moveleira encontra-se aí amplamente desenvolvida (é de se notar que nos três segmentos que compõem a Sub-região este é setor que engloba o maior número de empresas voltadas para a atividade industrial). Empresas de Silvicultura estão localizadas nos três segmentos, especialmente no Oeste Catarinense, enquanto os demais elos da cadeia, a saber,

desdobramento/fabricação/movelaria, possuem maior representatividade no Sudoeste Paranaense (especialmente ao Sul do Rio Iguaçu e nos centros situados ao longo da BR-369) e no segmento do Oeste Catarinense.

Ainda no que se refere às atividades extrativas, destaca-se a tradicional produção ervateira. Os ervais naturais remanescentes concentram-se principalmente no Sudoeste Paranaense e o cultivo da espécie desenvolve-se, sobretudo, no segmento Noroeste do Rio Grande do Sul.

	Erva-Mate	
	Extração	Cultivo
Sudoeste do Paraná	11.162.000	5.087.000
Oeste de Santa Catarina	3.584.000	6.172.000
Noroeste do Rio Grande do Sul	4.635.000	20.239.000

QUADRO 7: VALES COLONIAIS SULINOS: PRODUÇÃO ERVATEIRA

A distribuição das atividades pecuárias (criação e derivados) na Sub-região dos Vales Coloniais denota a diversificação produtiva dos segmentos que a compõem. Explora-se tanto a bovinocultura de leite quanto de corte e, no Oeste Paranaense, a suinocultura. No caso da bovinocultura de corte, os três segmentos possuem empresas de abate/curtimento/couro e calçados. A rede de abatedouros/frigoríficos da Sub-região concentra-se especialmente na região das missões, Rio Grande do Sul, na área de influência de Chapecó/SC e nos municípios situados no corredor da BR-369/PR. A indústria de curtume situa-se preferencialmente em cidades como Toledo, Coronel Vivida, Concórdia e Erechim, assim como as empresas de calçados. A indústria de laticínios, por sua vez, concentra-se nos principais municípios produtores da Sub-região (como Concórdia, Francisco Beltrão, Toledo, Matelândia e Pato Branco), embora, no caso do Noroeste do Rio Grande do Sul observe-se uma maior dispersão destas empresas, compondo uma importante bacia leiteira sub-regional.

Como foi observado para a Sub-região do Portal do Paraná, a agroindústria também se destaca como uma das principais atividades produtiva da Sub-região dos Vales Coloniais. No caso dos segmentos do Sudoeste Paranaense e do Noroeste do Rio Grande do Sul (especialmente do segundo), a despeito da forte especialização produtiva na cultura de grãos, em especial na sojicultura, observa-se uma alta diversificação da produção agrícola. A distribuição dos percentuais de áreas cultivadas segundo as diferentes categorias da

produção agrícola denota as diferenças intrínsecas aos diferentes segmentos da Sub-região (ver tabela abaixo). No caso da fruticultura, há uma maior expressividade da área plantada nas regiões do Noroeste do Rio Grande do Sul e do Oeste de Santa Catarina, coincidindo com as regiões em que há predominância da pequena propriedade rural. A fruticultura na faixa de fronteira riograndense apresenta também um maior grau de diversificação em relação aos outros segmentos, nos quais dominam amplamente os cultivos de laranja e uva.

Em relação à produção de grãos destacam-se os segmentos no Noroeste Riograndense e do Sudoeste Paranaense (ambos com valores de produção superiores a 2 bilhões de reais no ano de 2001). Em ambos os casos observa-se a predominância da sojicultura consorciada com outros grãos como milho, trigo, cevada e aveia. No que se refere à produção de outras lavouras temporárias, há uma nítida diferenciação entre os segmentos: o sudoeste paranaense destaca-se como o segundo maior produtor de algodão da Faixa de Fronteira, enquanto o segmento do Oeste Catarinense sobressai pela produção de fumo, a qual atinge valores superiores a todas as outras sub-regiões fronteiriças. No caso do Noroeste Riograndense persiste o caráter diversificado da produção, com destaque para as lavouras de mandioca, batata-doce, amendoim e alho.

		Valor / Área	Percentual no Arco sul
Lavouras Temporárias	Sudoeste do Paraná	2.238.003.000 / 3.056.458	32,3 / 36,2
	Oeste de Santa Catarina	528.795.000 / 731.636	7,68,6
	Noroeste do Rio Grande do Sul	2.349.654.000 / 3.090.946	33,9 / 36,6
Fruticultura	Sudoeste do Paraná	53.073.000 / 8.904	24,4 / 14,2
	Oeste de Santa Catarina	18.653.000 / 10.594	8,6 / 16,9
	Noroeste do Rio Grande do Sul	80.546.000 / 19.103	37,1 / 30,5
Lavouras Permanentes	Sudoeste do Paraná	6.914.000 / 8.166	19,1 / 26,3
	Oeste de Santa Catarina	6.172.000 / 8.308	17,0 / 26,7
	Noroeste do Rio Grande do Sul	20.597.000 / 8.860	56,9 / 28,5

QUADRO 8: VALES COLONIAIS SULINOS: PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A indústria de transformação de produtos agrícolas apresenta também um perfil bastante diversificado, bem como diferenciado entre os segmentos: no Sudoeste Paranaense concentra-se a maior parte das indústrias de óleos e gorduras, amidos, torrefação e moagem de café e de produtos alimentares (em concordância com a especialização produtiva da região, com o peso do setor industrial, especialmente no corredor da BR-369, e com a importância do mercado consumidor urbano local). O

segmento Noroeste do Rio Grande do Sul, por seu turno, concentra o maior contingente de indústrias de conservas e bebidas (diretamente associado à fruticultura). Finalmente, o segmento do Oeste Catarinense concentra as indústrias fumageiras.

Finalmente é de se notar a importância de outros setores industriais na composição da base produtiva dos Vales Coloniais Sulinos. No setor metal-mecânico sobressai o papel dos principais centros do Sudoeste Paranaense, como Cascavel, Toledo e Francisco Beltrão, em virtude da presença de diversas categorias de indústrias voltadas para a fabricação de produtos de metal, o mesmo ocorrendo com as empresas dedicadas à fabricação de máquinas para fins diversos. A região Noroeste Riograndense apresenta, por sua vez, uma forte especialização na produção de maquinaria para uso agrícola, em especial nos municípios de Panambi, Ijuí e Carazinho. No oeste catarinense o setor industrial encontra-se fortemente concentrado no município de Chapecó, onde estão situadas 50% das empresas do setor (num total de 105).

A cadeia produtiva têxtil encontra o maior grau de verticalização no segmento do Sudoeste Paranaense. A presença de insumos (produção algodoeira) e a importância do setor, em todo o estado, no abastecimento do mercado sub-regional e nacional de tecidos e malhas para a emergente indústria de confecções fortalecem o dinamismo do setor. Todos os elos da cadeia, desde o beneficiamento ao setor de confecções encontram-se aí presentes, reforçando o papel dos principais centros urbanos da região. No Noroeste Riograndense encontra-se uma importante aglomeração de indústrias de fabricação de tecidos e artigos de malha nos municípios do entorno de Santa Rosa (20 empresas, de um total de 50 no segmento).

Potencialidades e Problemas

Com relação à dinâmica populacional, todos os segmentos situados nos Vales Coloniais Sulinos apresentaram, na última década, um forte afluxo para as áreas urbanas. Tal processo tende a diminuir a preponderância do setor agrícola na geração de empregos na região. Neste sentido torna-se fundamental o fomento às atividades urbanas capazes de absorver crescentes contingentes de mão-de-obra, em especial nos centros médios, a saber, os setores industriais de confecções, de movelaria e da construção civil, os quais já se encontram em franca expansão na Sub-região.

Entretanto, a despeito desta tendência, os segmentos do Noroeste Riograndense e Oeste Catarinense (este último especialmente no Extremo-Oeste), continuam a apresentar altos graus de concentração da População Economicamente Ativa nas áreas rurais, onde predomina o trabalho familiar na agricultura. Neste sentido, cumpre fomentar, para toda a Sub-região, atividades que agreguem valor aos produtos da fruticultura, em especial pela expansão dos setores industriais de bebidas e conservas. Ademais é necessário

explorar o potencial inerente ao cultivo da erva-mate em toda a Sub-região, posto que se trata de um produto tradicionalmente vinculado à base produtiva dos segmentos que a compõem, e que, além disso, possui ampla penetração nos mercados consumidores da Argentina, Paraguai e Uruguai.

Ainda em se tratando do segmento do Noroeste Riograndense, é de se notar que seu principal potencial para o desenvolvimento regional reside na existência de importantes aglomerações de empresas compatíveis com a emergência espontânea de arranjos produtivos locais, em especial nos setores de fabricação de produtos cerâmicos, insumos agrícolas (maquinaria) e fabricação de tecidos e artigos de malha.

Em relação ao segmento Sudoeste do Paraná, deve-se observar que a dinâmica do mercado de trabalho caracteriza-se pela predominância dos postos de trabalho gerados pelo setor industrial e pelo domicílio urbano da População Economicamente Ativa. Nos principais centros urbanos do segmento as relações de trabalho são caracterizadas preferencialmente pelo vínculo empregatício. Entretanto, nos municípios limítrofes ao lago de Itaipu observa-se uma dominância do trabalho por conta própria, o que pode ser explorado no sentido de estimular a formação de redes de pequenas e médias empresas voltadas para o setor industrial.

Associado ao perfil fortemente industrial deste segmento encontra-se seu enorme potencial logístico, visível pela alta concentração de serviços à produção nos principais centros urbanos aí situados. Este potencial deve ser explorado não apenas no sentido de ampliar o fornecimento de produtos industrializados para os municípios do arco central e para os vizinhos platinos, mas também através do incentivo à integração das atividades industriais do segmento àquelas desenvolvidas na região industrial do departamento do Alto Paraná (no Paraguai). É de se notar que esta região, situada na zona fronteira paraguaia, se desenvolveu em grande medida em função da proximidade em relação à Foz do Iguaçu e encontra-se hoje em amplo desenvolvimento ao longo do eixo que liga Ciudad del Este à capital Assunção.

XVII - Sub-região Fronteira da Metade Sul do Rio Grande do Sul

Posição

A Sub-região da Fronteira da Metade Sul do Rio Grande do Sul é caracterizada pelo alto grau de urbanização da maioria de seus municípios, representando o maior índice agregado no contexto do Arco Sul (82%). Destacam-se importantes centros médios, como aqueles situados ao longo do limite internacional, comumente geminados com aglomerações urbanas localizadas nos países vizinhos (Uruguai e Argentina), como Uruguaiana e Sant'Ana do Livramento. Destacam-se ainda aglomerações como Bagé e

São Gabriel e o centro regional de Pelotas. A Sub-região é composta por municípios de grande extensão, se comparados ao restante do Arco Sul, conectados por uma malha viária estruturada por corredores formados pelas Rodovias Federais 290, 293 e 392 (que conectam as cidades situadas no limite internacional à Pelotas e ao porto do Rio Grande) e pelo eixo Norte-Sul da BR-116 (ligando Pelotas a Porto Alegre).

Especializações produtivas

No que se refere à base produtiva da Sub-região, observa-se uma forte especialização no trinômio: bovinocultura de corte, ovinocultura e rizicultura - atividades voltadas para o abastecimento do mercado nacional e para a exportação.

Associadas à bovinocultura desenvolvem-se inúmeras atividades vinculadas à cadeia produtiva de couros. Trata-se da Sub-região com o maior número de abatedouros e frigoríficos da faixa, dispendo ainda de um contingente expressivo de empresas dedicadas ao curtimento e à produção de artigos do gênero. Pelotas e Sant'Ana do Livramento destacam-se pela presença de curtumes, enquanto os municípios de Quaraí e Nova Esperança do Sul concentram, respectivamente, o maior número de empresas de fabricação de produtos de couro e indústrias de calçados.

A indústria têxtil beneficia-se da expressiva produção de lã dos municípios situados na Campanha Gaúcha e, dentre os elos mais desenvolvidos desta cadeia, encontram-se o beneficiamento de fibras têxteis (Uruguiana e Pelotas) e a produção de tecidos e artigos de malha (Pelotas, São Lourenço do Sul, Canguçu, Alegrete e Bagé).

Superposto ao sistema produtivo da Campanha Gaúcha, encontra-se a região de influência de Pelotas, na qual o grau de diversificação da base produtiva é relativamente alto e onde há predominância da pequena propriedade rural. Neste subespaço, em relação à produção agrícola, predominam a fruticultura e lavouras temporárias como a batata-inglesa, cebola e fumo. Estas atividades possuem importante expressão territorial no Arco Sul, como pode ser observado na tabela abaixo que relaciona os percentuais das diferentes categorias da produção agrícola subregional ao conjunto da produção das sub-regiões sulinas. Na produção de grãos, o subespaço caracteriza-se pela maior expressividade das lavouras de milho em lugar da rizicultura.

O perfil das atividades de transformação da produção agrícola da sub-região apresenta-se bastante diversificado. Destacam-se as indústrias de amidos, de produtos alimentares, bebidas e conservas. No caso da última categoria há uma forte concentração das empresas em Pelotas, Rio Grande e municípios adjacentes. Indústrias de beneficiamento de fumo e café também estão preferencialmente situadas neste subespaço.

	Valor / Área	Percentual no Arco sul
Lavouras Temporárias	1.641.733.000 / 1.366.886	23,7 / 16,1
Fruticultura	56.603.000 / 22.014	26,1 / 35,2
Lavouras Permanentes	96.000 / 57	0,2 / 0,1

QUADRO 9: FRONTEIRA DA METADE SUL DO RIO GRANDE DO SUL: PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Potencialidades e problemas

O aproveitamento das atividades tradicionais como a bovinocultura (através do apoio à expansão da cadeia de couros e calçados) e o beneficiamento da lã para a indústria têxtil apresentam-se como importantes potencialidades da Sub-região. Entretanto, observa-se a emergência e o desenvolvimento de novas atividades agropecuárias as quais, no médio prazo, podem gerar alterações no perfil produtivo da Campanha Gaúcha. Em especial destaca-se a expansão das áreas de cultivo de soja a partir da região de planalto situada ao Norte do Rio Ibicuí e dos municípios de Rosário do Sul e São Gabriel, localizados na porção central da Sub-região. A apicultura é também uma atividade em expansão e, em 2001, a Sub-região produziu 1.790.882 kg de mel de abelha, montante superior ao de todas as sub-regiões da Faixa de Fronteira. A atividade é atualmente mais expressiva nos municípios de Bagé, Sant'Ana do Livramento, Dom Pedrito, Caçapava do Sul e Santiago. No caso de Bagé e Sant'Ana do Livramento, a apicultura pode ser fomentada como alternativa produtiva para as inúmeras famílias que foram assentadas na área rural dos municípios na última década.

Entretanto, uma das principais bases do desenvolvimento sub-regional reside no aproveitamento de seu potencial logístico e de integração com os países vizinhos. É de se notar que os centros de Uruguaiana e Sant'Ana do Livramento representam dois dos principais pontos de entrada e saída de mercadorias (em termos do volume de cargas) da fronteira continental brasileira. Cumpre, portanto fomentar a expansão dos serviços de apoio logístico (armazenamento, distribuição e intermediação comercial) nos centros sub-regionais, em especial em nós fronteiriços estratégicos como São Borja, Uruguaiana, Sant'Ana do Livramento, Chuí e Jaguarão, ampliando assim a competitividade dos produtos sub-regionais nos países do MERCOSUL. Por outro lado, a integração dos mercados de trabalho e consumo locais na zona de fronteira internacional pode ser ampliada por intermédio de legislação específica visando facilitar a circulação de produtos, serviços,

capitais e mão-de-obra, explorando assim a mobilidade da população (característica sobretudo dos centros geminados da fronteira seca com o Uruguai) e o dinamismo das atividades comerciais dos municípios, notável pela ampla predominância dos postos de trabalho gerados pelo setor na Sub-região.

No subespaço representado pela região de influência da cidade de Pelotas e do Pólo Industrial do Rio Grande, observa-se uma importante diversificação no perfil das principais atividades produtivas geradoras de postos de trabalho. Destaca-se, entretanto, a importância do trabalho autônomo nos municípios do entorno de Pelotas, em especial no setor agrícola. Este potencial pode ser explorado por intermédio do estímulo à expansão de pequenas e médias empresas no setor agroindustrial, especialmente de indústrias de processamento de alimentos e conservas.

B.1.4. Sub-regiões Culturais da Faixa de Fronteira

O Quadro 10 tem com o objetivo mostrar de forma mais particularizada as principais características sub-regionais em termos da constituição e caracterização de suas identidades culturais. Como já indicamos, o grande mérito da identidade territorial é, através de seus símbolos – moldados, por sua vez, em torno de determinados referenciais geográficos e históricos – fomentar um amálgama e/ou uma coesão social capaz de mobilizar a população em torno de determinados objetivos. É evidente que a criação e o fortalecimento desses vínculos promove ao mesmo tempo a solidariedade do grupo no seu conjunto, que pode ser altamente positiva em termos de mobilização social, e amálgamas mistificadores da realidade social extremamente desigual em que a maioria dos grupos está inserida.

Por isso, qualquer projeto de “mudança de imagem” (ou mesmo de “identidade”) não terá êxito se não vier acompanhado de uma transformação efetiva nas condições concretas de vida político-econômica das populações. A própria construção de novas imagens deve partir da valorização dos símbolos, da história e dos espaços efetivamente vividos pela maioria da população, ou seja, do reconhecimento das práticas e representações daqueles que constituem a base da pirâmide social, com identidades regionais construídas muito mais “de baixo para cima” do que impostas (politicamente) “de cima para baixo”.

Algumas áreas da Faixa de Fronteira têm muito maior potencial ou dispõem de muito mais elementos para a (re)construção identitária do que outras, favorecendo, a partir delas, mudanças da imagem da fronteira para as outras regiões da própria Faixa e do país.

Identificamos as diferentes sub-regiões culturais a partir dos seguintes atributos:

- o **nível de coesão** de suas identidades culturais, algumas forjadas sobre identidades territoriais mais uniformes e historicamente mais consolidadas, outras sobre identidades mais híbridas, resultantes da imbricação de identidades de diferentes grupos culturais;
- **referenciais geográficos** (espaços de referência identitária) e **históricos** que participam ou que podem participar mais intensamente na construção das identidades de cada sub-região;
- **bases produtivas** das sub-regiões, capazes, muitas vezes, de atuarem como mais um elemento de manifestação identitária;
- **composição étnica** predominante em cada sub-região – a relativa homogeneidade étnico-cultural ou uma composição específica entre diferentes grupos étnicos de identidade mais pronunciada como indicador da construção das identidades sub-regionais; e
- **migrações** – entendendo a mobilidade da população como mais um fator a ser incorporado na configuração identitária, locais mais estáveis em termos migratórios tendendo a manter identidades também mais estabilizadas mas, ao mesmo tempo, podendo tornar-se mais fechados e “impermeáveis” a outros grupos culturais.

Finalmente, numa última coluna, identificamos outros possíveis recortes regionais no interior das sub-regiões ou na interseção de algumas delas, mostrando de forma mais explícita outras possibilidades de recorte e/ou recomposição identitária, fruto da permanente heterogeneidade e multiplicidade das culturas regionais.

ARCOS	REGIÕES CULTURAIS	IDENTIDADE CULTURAL	ESPAÇOS DE REFERÊNCIA IDENTITÁRIA	REFERENCIAIS HISTÓRICOS DE IDENTIDADE	BASE PRODUTIVA	COMPOSIÇÃO ÉTNICA MAJORITÁRIA	MOBILIDADE DA POPULAÇÃO	SUBREGIÕES ISOLADAS OU SOBREPÓSITAS
NORTE	Arco Indígena Olapoque - Tumucumaque	Plural (índios, mestiços, negros, brancos)	Vales dos rios (Olapoque, Jari Trombetas)	Tradições indígenas	Recursos da floresta, silvicultura, rizicultura	Indígenas, Mestiços, negros	Média a forte imigração (especialmente no Amapá)	Vales do Olapoque, do Jari e do Trombetas
	Campos do Rio Branco	Plural (mestiços, índios, negros, "colonos")	Campos e vale do Rio Branco	Pecuária extensiva desde a época colonial	Agricultura e pecuária	Indígenas e Mestiços	Média a forte imigração (nordéstinos)	_____
	Arco Indígena Parima-Pacaraima	Forte e relativamente uniforme (índios Ianomâmis)	Pico Roraima e Serras Parima e Pacaraima	Tradições indígenas (lanomâmi)	Recursos da floresta, pesca	Indígenas	Fraca	Reservas indígenas
	Arco Indígena Alto Rio Negro	Forte e relativamente uniforme (índios Tucanos, Ianomâmis)	Floresta Amazônica, vale do Rio Negro e pico da Neblina	Tradições indígenas (tucano, arawak)	Recursos da floresta, pesca	Indígenas, mestiços	Fraca (menos de 5%)	Reservas indígenas
	Alto Solimões	Forte e mais uniforme (nas áreas indígenas ticuna) e plural (nas cidades)	Vale do Alto Solimões	Tradições indígenas, missões religiosas	Recursos da floresta, pesca	Mestiços, indígenas	Média a fraca	Reservas indígenas, vales dos rios
	Alto Juruá - Javari	Forte e relativamente uniforme (índios Pano)	Vale do Alto rio Juruá	Tradições indígenas	Produtos extrativos	Indígenas, mestiços	Fraca	_____
	Vale do Acre - Alto Purus	Plural (mestiços, brancos, índios)	Vale do rio Acre e do rio Purus, reservas extrativistas	Conquista do Acre (figura histórica do seringueiro)	Agropecuária e produtos extrativos	Mestiços	Média a fraca imigração (nordéstinos)	Vale do Acre, Vale do Purus amazense

QUADRO 10: SUB-REGIÕES CULTURAIS DA FAIXA DE FRONTEIRA

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

ARCOS	REGIÕES CULTURAIS	IDENTIDADE CULTURAL	ESPAÇOS DE REFERÊNCIA IDENTITÁRIA	REFERENCIAIS HISTÓRICOS DE IDENTIDADE	BASE PRODUTIVA	COMPOSIÇÃO ÉTNICA MAJORITÁRIA	MOBILIDADE DA POPULAÇÃO	SUBREGIÕES ISOLADAS OU SOBREPÓSITAS
CENTRAL	Madeira - Mamoré	Plural (mestiços, brancos, índios)	Vale dos rios Madeira-Mamoré	Estrada de Ferro Madeira-Mamoré	Agropecuária e produtos extrativos	Mestiços	Média a forte imigração (nordestinos)	Vale do Madeira, Vale do Mamoré
	Chapada dos Parecís	Plural com tendência a preponderância de "colonos" sulistas	Fazendas de soja e chapadões	Tradições indígenas	Agricultura (soja)	Branco, mestiços, índios	Forte imigração (sulistas e nordestinos)	Chapada de Mato Grosso e de Rondônia
	Alto Paraguai - Vale do Guaporé	Plural (negros, índios, etc.)	Alto rio Paraguai e rio Guaporé	"Ciclo" da mineração, quilombos, Vila Bela, Forte Príncipe da Beira	Pecuária, agro-indústria	Mestiços, índios, negros	Forte imigração (diversas origens)	Alto Paraguai, Vale do Guaporé
	Chaquenho - Pantaneira	Forte e relativamente uniforme ("pantaneiro")	Pantanal (incluindo flora e fauna específicas e grandes fazendas de pecuária extensiva)	Índios Guatcurus ("Índios cavaleiros")	Pecuária extensiva e turismo	Mestiços, índios	Estável	Pantanal de Nabileque, Bodoquena
	Cone Sul-Mato-Grossense	Plural ("colonos", nordestinos, paulistas, índios, paraguaios, brasiguaios)	Ervais e fazendas de pecuária extensiva	"Ciclo" da Erva-Mate	Pecuária, Agro-indústria	Mestiços, brancos, índios	Forte imigração (paulistas, sulistas, nordestinos, paraguaios)	Grande Dourados, Reservas Indígenas, Subregião da Erva Mate

QUADRO 10: SUB-REGIÕES CULTURAIS DA FAIXA DE FRONTEIRA (CONT.)

ARCOS	REGIÕES CULTURAIS	IDENTIDADE CULTURAL	ESPAÇOS DE REFERÊNCIA IDENTITÁRIA	REFERENCIAIS HISTÓRICOS DE IDENTIDADE	BASE PRODUTIVA	COMPOSIÇÃO ÉTNICA MAJORITÁRIA	MOBILIDADE DA POPULAÇÃO	SUBREGIÕES ISOLADAS OU SOBREPSTAS
SUL	Portal do Paraná	Plural e híbrida ("colonos" europeus de várias origens, nordestinos e japoneses)	Rio Paraná e seu delta interior	Companhia Matte Laranjeira (Guaira)	Agro-indústria	Branco, mestiços	Forte imigração (paulistas, nordestinos)	Reservas indígenas (MS), Subregião da Erva Mate
	Vales Coloniais Sulinos	Forte e relativamente uniforme ("colonos" descendentes de europeus)	Vales coloniais de agricultura familiar	Contestado (SC), Missões Jesuíticas (RS)	Agro-indústria e agricultura familiar	Branco (italo e teuto-brasileiros)	Estável no RS, forte emigração em SC e PR	Missões (RS)
	Campanha Gaúcha	Forte e relativamente uniforme ("gaúcho")	"Estância" de pecuária extensiva	Tradição militar, Guerra dos Farrapos (Piratini)	Pecuária extensiva e rizicultura	Branco (luso-brasileiros); minoria negra	Estável (apenas 5% migrantes)	—

QUADRO 10: SUB-REGIÕES CULTURAIS DA FAIXA DE FRONTEIRA (CONT.)

B-2 Especialização Produtiva: Estrutura e Principais Indicadores por Sub-região

A tabulação mapeamento de variáveis econômicas visando determinar a **base produtiva** dos municípios da Faixa de Fronteira representou uma das principais atividades de pesquisa para a definição da tipologia das sub-regiões. Esta tabulação está apresentada a seguir, enquanto o mapeamento das variáveis encontra-se no final deste documento.

- Para as atividades extrativas e silvicultura, foram tabulados os dados relativos ao valor total da produção (em reais), segundo grandes categorias (produtos alimentícios, borrachas, fibras, madeiras e silvicultura) e produtos principais (Tabelas 2, 3, 4 e Figura 12).
- Em relação às atividades pecuárias mapeou-se os efetivos totais (bovinos, caprinos, ovinos, bubalinos, galináceos e suínos) e a quantidade produzida de derivados (leite, mel, lã, casulos de bicho-da-seda) (Tabelas 5, 6 e 7)
- No que se refere às atividades agrícolas, foram tabulados os valores (em reais) da produção e a área plantada (em ha) por produto, e o grau de empresariamento formal das atividades (a partir do número de empresas constantes do Cadastro Central de empresas do IBGE). Em seguida as informações foram categorizados segundo grandes grupos de produto, a saber: fruticultura, lavouras permanentes e lavouras temporárias (Tabelas 8 a 16 e Figuras 13, 14 e 15)

Os dados da base produtiva foram então agregados por sub-região e comparados os pesos relativos das atividades produtivas nos arcos e no conjunto da Faixa de Fronteira, definindo assim as especializações produtivas subregionais. A análise destas especializações encontra-se na Seção II.B-2 deste documento.

A esta base foram associados os dados das **atividades com perfil industrial**, por município. Em função da maior concentração de estabelecimentos empresariais em alguns setores, a tabulação das informações acerca da distribuição dos mesmos foi realizada para as seguintes cadeias produtivas (e os sucessivos elos das mesmas): Agroindústria (Tabela 17 e Figuras 16 e 17); Bovinocultura de corte/leite (Tabela 18 e Gráfico 18); Madeireiro/Moveleiro (Tabela 19); Metal/Mecânico (Tabela 20); Construção Civil (Tabela 21); Têxtil (Tabela 22) e Turismo (Tabela 23).

As relações entre a base produtiva e as atividades com perfil industrial existentes foram aprofundadas nos estudos de caso (Capítulo V) visando a identificação de potenciais Arranjos Produtivos Locais.

B-2.1 Base Primária

EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA							
Categoria	Sub-categoria	Valor da Produção (em Reais)					
		ARCO NORTE					
		SR1	SR2	SR3	SR4	SR5	SR6
Alimentícios	Açaí	118.000	0	4.000	70.000	63.000	51.000
	Castanha do Pará	1.910.000	12.000	9.000	371.000	0	6.496.000
	Erva-Mate	0	0	0	0	0	0
	Palmito	0	0	0	0	0	0
Borrachas	Hevea (látex coagulado)	11.000	0	0	5.000	1.088.000	3.193.000
	Hevea (látex líquido)	24.000	0	0	0	0	0
Fibras	Piaçava	0	0	11.158.000	430.000	0	0
Madeiras	Carvão Vegetal	297.000	142.000	148.000	6.000	263.000	383.000
	Lenha	8.527.000	915.000	558.000	2.295.000	1.717.000	1.852.000
	Madeira em tora	13.005.000	301.000	1.945.000	8.059.000	657.000	17.938.000
Silvicultura	Carvão Vegetal	0	0	0	0	0	0
	Lenha	0	0	0	0	0	0
	Madeira em tora (p/ papel e cel)	54.905.000	0	0	0	0	0
	Madeira em tora (p/ outros fins)	19.571.000	0	0	0	0	0
TOTAL		98.368.000	1.370.000	13.822.000	11.236.000	3.788.000	29.913.000

Fonte: Produção Extrativa e Silvicultura - IBGE, 2001

TABELA 2: EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA ARCO NORTE

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA									
Categoria	Sub-categoria	Valor da Produção (em Reais)							
		ARCO CENTRAL							
		SR7	SR8	SR9	SR10	SR11	SR12	SR13	SR14
Alimentícios	Açaí	0	0	0	0	0	0	0	0
	Castanha do Pará	1.675.000	27.000	0	0	0	0	0	0
	Erva-Mate	0	0	0	0	0	0	262.000	1.028.000
	Palmito	0	7.000	47.000	107.000	0	0	0	0
Borrachas	Hevea (látex coagulado)	15.000	22.000	6.000	0	0	0	0	0
	Hevea (látex líquido)	0	0	0	0	0	0	0	0
Fibras	Piaçava	0	0	0	0	0	0	0	0
Madeiras	Carvão Vegetal	0	42.000	117.000	1.106.000	1.241.000	60.000	34.000	1.450.000
	Lenha	3.000	300.000	1.022.000	1.650.000	834.000	226.000	644.000	492.000
	Madeira em tora	1.134.000	14.164.000	11.985.000	2.164.000	694.000	150.000	198.000	632.000
Silvicultura	Carvão Vegetal	0	0	0	0	0	0	0	21.000
	Lenha	0	0	0	0	0	0	572.000	671.000
	Madeira em tora (p/ papel e cel)	0	0	0	0	0	0	0	0
	Madeira em tora (p/ outros fins)	0	0	0	49.000	61.000	0	125.000	225.000
TOTAL		2.827.000	14.562.000	13.177.000	5.076.000	2.830.000	436.000	1.835.000	4.519.000

Fonte: Produção Extrativa e Silvicultura - IBGE, 2001

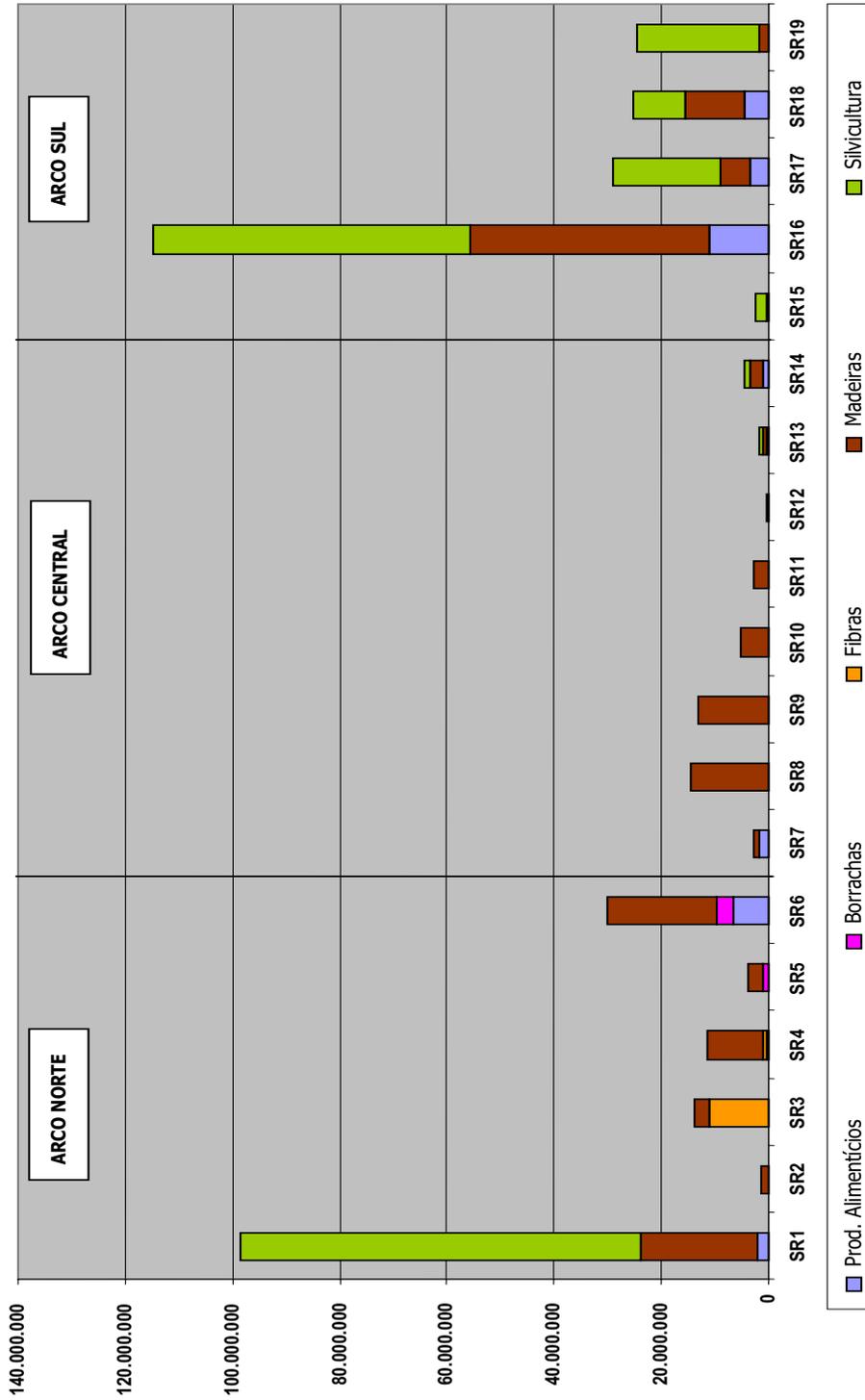
TABELA 3: EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA ARCO CENTRAL

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA						
Categoria	Sub-categoria	Valor da Produção (em Reais)				
		ARCO SUL				
		SR15	SR16	SR17	SR18	SR19
Alimentícios	Açaí	0	0	0	0	0
	Castanha do Pará	0	0	0	0	0
	Erva-Mate	0	11.162.000	3.584.000	4.635.000	15.000
	Palmito	3.000	14.000	0	0	0
Borrachas	Hevea (látex coagulado)	0	0	0	0	0
	Hevea (látex líquido)	0	0	0	0	0
Fibras	Piaçava	0	0	0	0	0
Madeiras	Carvão Vegetal	335.000	2.623.000	75.000	298.000	64.000
	Lenha	125.000	6.901.000	3.296.000	9.043.000	1.376.000
	Madeira em tora	5.000	34.786.000	1.899.000	1.732.000	327.000
Silvicultura	Carvão Vegetal	247.000	129.000	70.000	286.000	84.000
	Lenha	613.000	10.179.000	9.891.000	4.882.000	14.872.000
	Madeira em tora (p/ papel e cel)	0	5.885.000	3.131.000	1.000	6.259.000
	Madeira em tora (p/ outros fins)	1.149.000	42.971.000	6.933.000	4.346.000	1.413.000
TOTAL		2.477.000	114.650.000	28.879.000	25.223.000	24.410.000

Fonte: Produção Extrativa e Silvicultura - IBGE, 2001

TABELA 4: EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA ARCO SUL



Fonte: Produção Extrativa e Silvicultura - IBGE, 2001

FIGURA 12: EXTRAÇÃO (VEGETAL E FLORESTAL) E SILVICULTURA - VALOR DA PRODUÇÃO (EM REAIS)

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

PECUÁRIA							
Categoria	Sub-categoria	Quantidade (cabeças / kg / litros)					
		ARCO NORTE					
		SR1	SR2	SR3	SR4	SR5	SR6
Efetivos (cabeças)	Bovinos	480.130	247.000	126.322	11.444	272.296	1.575.935
	Suínos	40.229	31.500	18.215	10.033	108.883	78.005
	Galináceos	257.817	445.500	85.119	105.150	566.547	588.597
	Bubalinos	120.205	100	33	62	1.447	1.543
	Caprinos	6.626	4.600	1.713	85	1.925	4.037
	Ovinos	12.298	0	42	2.467	22.343	35.639
Derivados	Leite de Vaca (litros)	11.991.770	5.433.000	2.384.590	92.373	8.326.428	80.602.141
	Casulos do Bicho da Seda	0	0	0	0	0	0
	Lã (kg)	0	0	0	0	0	0
	Mel de Abelha (Kg)	720	2.800	1.700	0	0	3.305

Fonte: Produção Pecuária Municipal - IBGE, 2001

TABELA 5: PECUÁRIA - ARCO NORTE

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

PECUÁRIA									
Categoria	Sub-categoria	Quantidade (cabeças / kg / litros)							
		ARCO CENTRAL							
		SR7	SR8	SR9	SR10	SR11	SR12	SR13	SR14
Efetivos (cabeças)	Bovinos	635.866	1.679.612	1.719.755	2.997.760	4.543.263	1.696.190	2.495.675	2.522.525
	Suínos	31.524	133.209	64.930	65.545	51.950	27.643	240.558	70.488
	Galináceos	129.598	614.812	3.088.826	624.168	327.300	137.261	14.136.187	1.242.124
	Bubalinos	314	11.119	1.179	1.472	6.443	1.628	2.374	2.131
	Caprinos	3.348	4.244	2.408	3.414	5.869	4.084	3.005	3.751
	Ovinos	11.577	19.240	20.932	37.206	62.139	53.582	38.937	64.293
Derivados	Leite de Vaca (litros)	36.551.328	90.994.568	52.496.801	108.710.625	46.017.637	21.078.062	89.467.941	43.461.204
	Casulos do Bicho da Seda	0	0	0	0	160	0	196.202	215.733
	Lã (kg)	0	0	0	0	13.287	19.912	8.217	23.312
	Mel de Abelha (Kg)	9.454	23.315	88.222	5.543	32.849	16.504	117.714	63.662

Fonte: Produção Pecuária Municipal - IBGE, 2001

TABELA 6: PECUÁRIA - ARCO CENTRAL

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Quantidade (cabeças / kg / litros)				
		ARCO SUL				
		SR15	SR16	SR17	SR18	SR19
Efetivos (cabeças)	Bovinos	1.266.351	2.946.383	1.015.485	1.933.614	7.611.208
	Suínos	55.696	2.019.716	2.545.924	1.350.960	278.687
	Galináceos	2.454.826	64.530.101	49.494.075	7.321.747	1.721.988
	Bubalinos	2.267	5.339	1.038	9.548	34.598
	Caprinos	1.745	24.203	8.042	11.804	24.475
	Ovinos	26.369	140.421	35.676	235.205	3.517.208
Derivados	Leite de Vaca (litros)	102.269.153	816.271.105	533.982.350	896.122.865	264.907.906
	Casulos do Bicho da Seda	1.696.080	839.466	38.171	0	0
	Lã (kg)	13.629	154.303	16.132	427.792	9.638.489
	Mel de Abelha (Kg)	84.197	964.932	761.801	1.247.244	1.790.882

Fonte: Produção Pecuária Municipal - IBGE, 2001

TABELA 7: PECUÁRIA - ARCO SUL

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em Hectares)					
			ARCO NORTE					
			SR1	SR2	SR3	SR4	SR5	SR6
Fruticultura - Lavoura Permanente	Abacate	Valor	250.000		4.000	17.000	84.000	296.000
		Área	73		3	37	35	93
	Banana	Valor	6.785.000	2.288.000	3.433.000	8.886.000	3.131.000	10.995.000
		Área	3.678	1.430	2.676	6.267	2.737	6.669
	Caqui	Valor						
		Área						
	Coco da Baía	Valor	209.000		4.000		41.000	146.000
		Área	141		15		17	44
	Figo	Valor						
		Área						
	Goiaba	Valor						
		Área						
	Laranja	Valor	1.845.000	648.000	181.000	165.000	512.000	1.049.000
		Área	970	216	85	233	145	580
	Limão	Valor	156.000	75.000	30.000	3.000	16.000	149.000
		Área	57	143	55	13	9	64
	Maçã	Valor						
		Área						
	Mamão	Valor	178.000	1.166.000	849.000	45.000	104.000	481.000
		Área	46	303	210	161	68	215
Manga	Valor	10.000			9.000	6.000	82.000	
	Área	12			25	13	56	
Maracujá	Valor	44.000			1.000		250.000	
	Área	18			4		95	
Pera	Valor							
	Área							
Pessego	Valor							
	Área							
Tangerina	Valor	56.000			1.000	298.000	388.000	
	Área	49			13	95	91	
Uva	Valor							
	Área							
Fruticultura - Lavoura Temporária	Abacaxi	Valor	858.000	339.000	437.000	270.000	426.000	1.103.000
		Área	248	73	720	614	145	189
	Melancia	Valor	426.000	1.520.000	877.000	176.000	580.000	1.673.000
		Área	400	350	246	521	172	608
	Melão	Valor		324.000		2.000		
		Área		20		10		
	Tomate	Valor	225.000	2.838.000	748.000	45.000	110.000	1.000
		Área	41	280	80	112	3	3
	TOTAL	Valor	11.042.000	9.198.000	6.563.000	9.620.000	5.308.000	16.613.000
		Área	5.733	2.815	4.090	8.010	3.439	8.707

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 8: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO NORTE - FRUTICULTURA

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em Hectares)										
			ARCO CENTRAL										
			SR7	SR8	SR9	SR10	SR11	SR12	SR13	SR14			
Fruticultura - Lavoura Permanente	Abacate	Valor											
		Área											
	Banana	Valor	1.903.000	2.915.000	3.688.000	4.221.000	3.436.000	327.000	209.000	156.000			
		Área	758	1.203	991	774	2.216	130	25	30			
	Caqui	Valor											
		Área											
	Coco da Baía	Valor	190.000	339.000	1.329.000	141.000	427.000	125.000					
		Área	34	160	383	121	88	11					
	Figo	Valor							10.000				
		Área							2				
	Goiaba	Valor			2.000								
		Área			7								
	Laranja	Valor	13.000	322.000	600.000	1.865.000	651.000	42.000	45.000	1.000			
		Área	14	194	303	366	219	15	30	11			
	Limão	Valor	9.000	78.000	21.000	2.000	4.000			4.000			
		Área	3	38	13	6	16			1			
	Maçã	Valor											
		Área											
	Mamão	Valor		7.000	425.000	405.000							
		Área		7	44	30							
Manga	Valor		133.000	48.000		1.073.000		9.000					
	Área		33	10		71		3					
Maracujá	Valor	8.000	160.000	30.000			27.000	30.000	23.000				
	Área	3	44	20			3	7	4				
Pera	Valor												
	Área												
Pessego	Valor												
	Área												
Tangerina	Valor		7.000	23.000				18.000	8.000				
	Área		4	8				4	1				
Uva	Valor			332.000	54.000	114.000	43.000	534.000	5.000				
	Área			19	3	13	5	39	1				
Fruticultura - Lavoura Temporária	Abacaxi	Valor	555.000	32.000	1.351.000	255.000	1.079.000		164.000	68.000			
		Área	45	5	129	35	102		16	9			
	Melancia	Valor		1.036.000	603.000	280.000	474.000	33.000	420.000	1.851.000			
		Área		263	114	80	198	11	97	625			
	Melão	Valor					36.000		16.000	150.000			
		Área					45		5	10			
	Tomate	Valor		842.000	669.000	200.000	67.000		1.845.000	987.000			
		Área		65	70	13	7		78	44			
	TOTAL	Valor	2.678.000	5.871.000	9.121.000	7.423.000	7.361.000	597.000	3.300.000	3.253.000			
		Área	857	2.016	2.111	1.428	2.975	175	306	736			

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 9: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO CENTRAL - FRUTICULTURA

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em Hectares)				
			ARCO SUL				
			SR15	SR16	SR17	SR18	SR19
Fruticultura - Lavoura Permanente	Abacate	Valor	27.000	132.000		1.504.000	16.000
		Área	23	57		352	4
	Banana	Valor	230.000	3.406.000	32.000	1.558.000	61.000
		Área	88	927	24	454	38
	Caqui	Valor	47.000	221.000		1.087.000	76.000
		Área	13	66		266	25
	Coco da Baía	Valor	7.000				
		Área	4				
	Figo	Valor		400.000	57.000	1.246.000	391.000
		Área		56	23	604	259
	Goiaba	Valor		15.000	4.000	948.000	39.000
		Área		5	5	100	25
	Laranja	Valor	3.782.000	11.577.000	7.764.000	21.483.000	6.552.000
		Área	944	2.182	8.116	6.759	3.121
	Limão	Valor	181.000	548.000	42.000	1.238.000	99.000
		Área	50	164	20	378	68
	Maçã	Valor		8.979.000		219.000	849.000
		Área		805		108	196
	Mamão	Valor		597.000	6.000	1.325.000	6.000
		Área		57	1	245	1
Manga	Valor	133.000	442.000		160.000		
	Área	52	87		75		
Maracujá	Valor		439.000				
	Área		181				
Pera	Valor		146.000		2.902.000	161.000	
	Área		34		418	62	
Pessego	Valor		2.407.000	1.243.000	6.237.000	21.481.000	
	Área		524	320	1.467	8.308	
Tangerina	Valor	147.000	1.436.000	127.000	8.996.000	1.318.000	
	Área	69	689	256	2.377	558	
Uva	Valor	837.000	8.926.000	6.309.000	18.448.000	3.714.000	
	Área	164	1.287	951	3.392	1.123	
Abacaxi	Valor	1.354.000	1.614.000	54.000	817.000	2.000	
	Área	86	95	13	97	2	
Melancia	Valor	631.000	4.831.000	1.750.000	7.861.000	13.794.000	
	Área	384	1.324	719	1.250	7.506	
Melão	Valor		257.000	600.000	1.412.000	409.000	
	Área		73	105	420	305	
Tomate	Valor	584.000	6.700.000	665.000	3.105.000	7.635.000	
	Área	30	291	41	341	413	
TOTAL	Valor	7.960.000	53.073.000	18.653.000	80.546.000	56.603.000	
	Área	1.907	8.904	10.594	19.103	22.014	

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 10: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO SUL - FRUTICULTURA

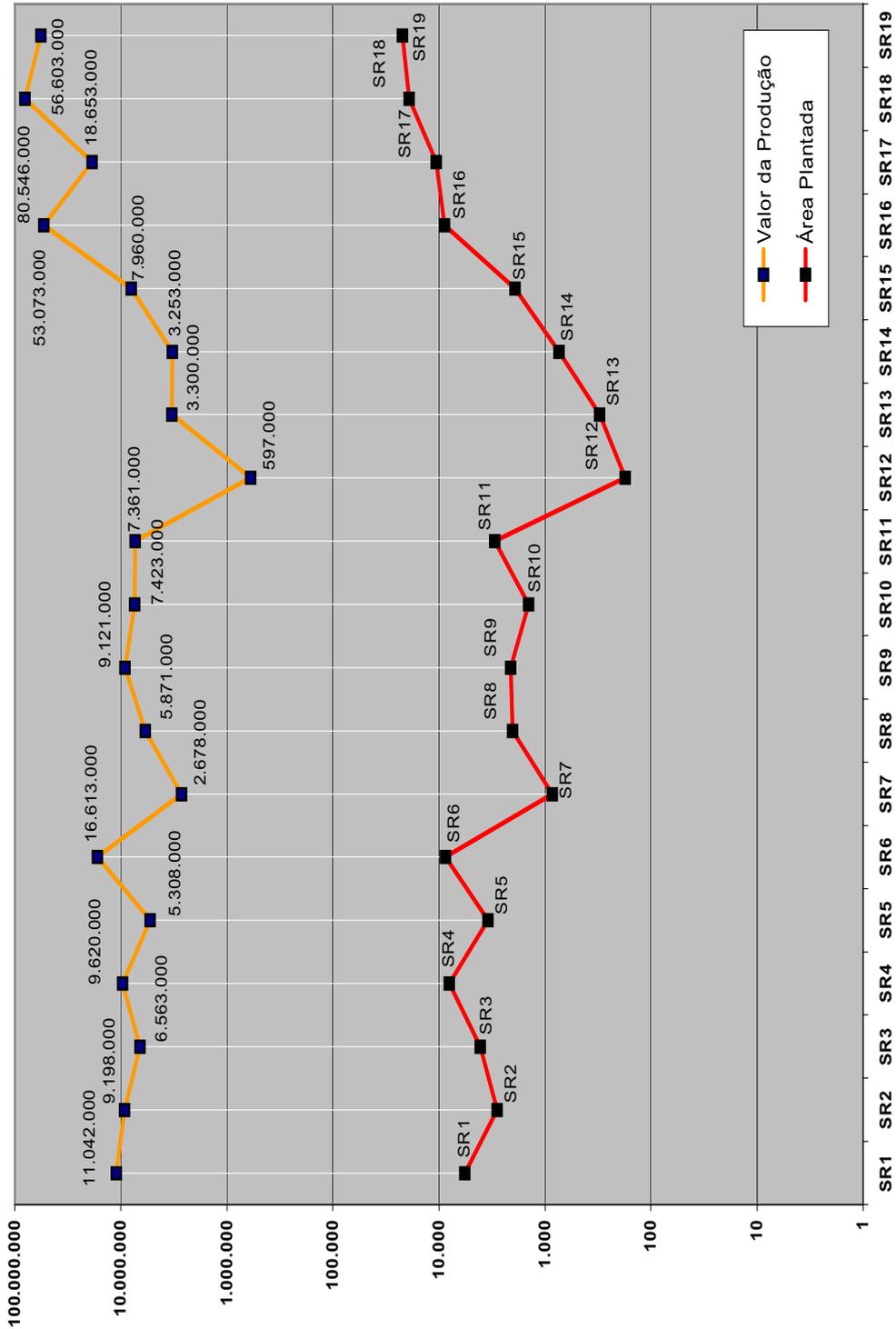


FIGURA 13: PRODUÇÃO AGRÍCOLA - FRUTICULTURA - VALOR DA PRODUÇÃO (EM REAIS) E ÁREA PLANTADA (EM HA)

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em ha)					
			ARCO NORTE					
			SR1	SR2	SR3	SR4	SR5	SR6
Outras Lavouras Permanentes	Borracha (Latex coagulado)	Valor	25.000					1.289.000
		Área	250					474
	Cacau	Valor	261.000			1.000		76.000
		Área	1.090			5		42
	Café	Valor	82.000			12.000	2.000	2.987.000
		Área	149			38	8	2.560
	Erva-Mate	Valor						
		Área						
	Guaraná	Valor	450.000				143.000	
		Área	400				164	
	Noz	Valor						
		Área						
Palmito	Valor					166.000	4.700.000	
	Área					32	894	
TOTAL	Valor	818.000	0	0	13.000	311.000	9.052.000	
	Área	1.889	0	0	43	204	3.970	

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 11: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO NORTE - LAVOURAS PERMANENTES

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em ha)							
			ARCO CENTRAL							
			SR7	SR8	SR9	SR10	SR11	SR12	SR13	SR14
Outras Lavouras Permanentes	Borracha (Latex coagulado)	Valor		88.000	437.000	3.411.000	661.000			
		Área		120	369	3.465	620			
	Cacau	Valor	597.000	129.000	355.000	5.000				
		Área	1.019	217	584	8				
	Café	Valor	1.650.000	25.979.000	5.808.000	1.679.000	39.000	1.000	123.000	406.000
		Área	7.300	73.528	11.601	1.955	42	5	155	292
	Erva-Mate	Valor							28.000	358.000
		Área							43	1.135
	Guaraná	Valor		8.000						
		Área		18						
	Noz	Valor								
		Área								
Palmito	Valor			14.000	35.000					
	Área			6	25					
TOTAL	Valor	2.247.000	26.204.000	6.614.000	5.130.000	700.000	1.000	151.000	764.000	
	Área	8.319	73.883	12.560	5.453	662	5	198	1.427	

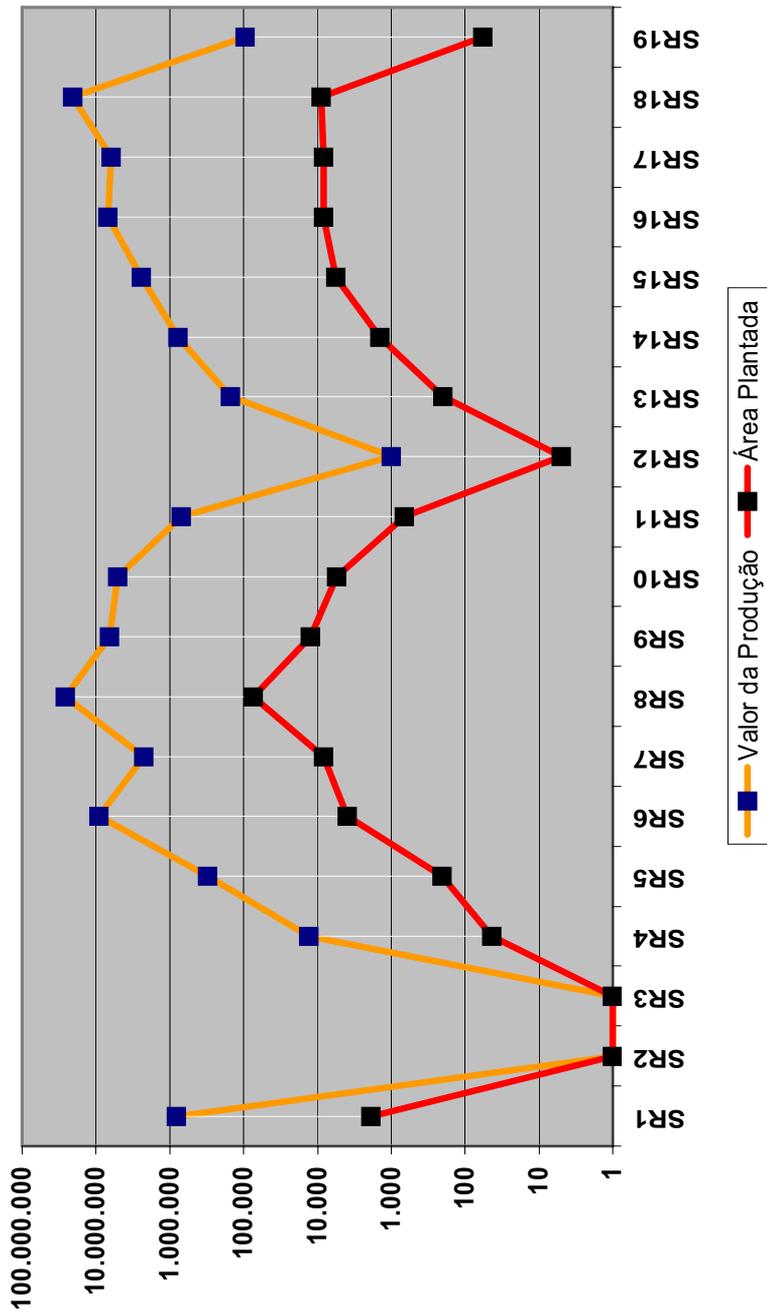
Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 12: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO CENTRAL - LAVOURAS PERMANENTES

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em ha)				
			ARCO SUL				
			SR15	SR16	SR17	SR18	SR19
Outras Lavouras Permanentes	Borracha (Latex coagulado)	Valor	14.000				
		Área	15				
	Cacau	Valor					
		Área					
	Café	Valor	2.364.000	1.330.000			
		Área	5.614	3.117			
	Erva-Mate	Valor		5.087.000	6.172.000	20.239.000	8.000
		Área		4.986	8.308	8.755	4
	Guaraná	Valor					
		Área					
	Noz	Valor	5.000	497.000		358.000	88.000
		Área	3	63		105	53
	Palmito	Valor	16.000				
		Área	4				
TOTAL	Valor	2.399.000	6.914.000	6.172.000	20.597.000	96.000	
	Área	5.636	8.166	8.308	8.860	57	

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 13: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO SUL - LAVOURAS PERMANENTES



Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

FIGURA 14: PRODUÇÃO AGRÍCOLA - LAVOURAS PERMANENTES - VALOR DA PRODUÇÃO (EM REAIS) E ÁREA PLANTADA (EM HA)

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em Hectares)					
			ARCO NORTE					
			SR1	SR2	SR3	SR4	SR5	SR6
Grãos	Arroz	Valor	4.137.000	22.005.000	1.522.000	34.000	4.347.000	9.784.000
		Área	6.168	9.880	1.600	62	8.392	17.678
	Aveia	Valor						
		Área						
	Cevada	Valor						
		Área						
	Feijão	Valor	1.728.000	168.000	48.000	30.000	2.830.000	7.842.000
		Área	1.990	399	90	209	3.504	18.409
	Milho	Valor	4.334.000	5.260.000	2.002.000	257.000	3.236.000	7.956.000
		Área	10.964	6.750	2.807	775	10.080	22.382
	Soja	Valor						1.000
		Área						4
	Sorgo	Valor						
		Área						
Trigo	Valor							
	Área							
TOTAL		Valor	10.199.000	27.433.000	3.572.000	321.000	10.413.000	25.583.000
		Área	19.122	17.029	4.497	1.046	21.976	58.473
Outras Lavouras Temporárias	Algodão	Valor	0	0	0	1.000	3.000	40.000
		Área	0	0	0	5	8	94
	Alho	Valor	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0
	Amendoim	Valor	0	0	0	0	3.000	45.000
		Área	0	0	0	0	1	20
	Batata Doce	Valor	43.000	0	7.000	0	8.000	74.000
		Área	32	0	6	2	26	24
	Batata Inglesa	Valor	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0
	Cana-de-Açúcar	Valor	549.000	106.000	677.000	537.000	736.000	2.797.000
		Área	303	276	203	112	209	330
	Cebola	Valor	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0
Fumo	Valor	19.000	0	0	0	178.000	12.000	
	Área	9	0	0	2	245	99	
Mandioca	Valor	46.361.000	8.700.000	6.436.000	9.372.000	20.430.000	46.464.000	
	Área	36.982	3.200	4.851	9.165	13.028	13.242	
TOTAL		Valor	46.972.000	8.806.000	7.120.000	9.910.000	21.358.000	49.432.000
		Área	37.326	3.476	5.060	9.286	13.517	13.809

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 14: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO NORTE - LAVOURAS TEMPORÁRIAS

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em Hectares)							
			ARCO CENTRAL							
			SR7	SR8	SR9	SR10	SR11	SR12	SR13	SR14
Grãos	Arroz	Valor	1.495.000	14.995.000	15.353.000	3.637.000	8.342.000	3.291.000	37.501.000	2.672.000
		Área	4.956	30.245	26.467	9.200	8.281	3.610	31.050	4.235
	Aveia	Valor							1.374.000	102.000
		Área							6.000	500
	Cevada	Valor								
		Área								
	Feijão	Valor	483.000	8.999.000	5.173.000	1.126.000	1.701.000	1.529.000	9.425.000	6.126.000
		Área	2.136	27.493	11.352	3.443	2.385	2.160	10.040	5.459
	Milho	Valor	1.710.000	9.799.000	20.522.000	9.130.000	2.755.000	7.531.000	126.057.000	45.888.000
		Área	7.825	37.420	62.050	22.980	8.640	19.650	292.740	94.108
	Soja	Valor		3.229.000	309.368.000	254.000		14.085.000	377.233.000	145.761.000
		Área		3.844	419.749	444		18.500	463.712	185.111
	Sorgo	Valor			1.197.000			89.000	4.333.000	1.077.000
		Área			11.400			435	15.350	3.536
Trigo	Valor						19.000	14.644.000	9.859.000	
	Área						100	27.113	26.227	
TOTAL	Valor	3.688.000	37.022.000	351.613.000	14.147.000	12.798.000	26.544.000	570.567.000	211.485.000	
	Área	14.917	99.002	531.018	36.067	19.306	44.455	846.005	319.176	
Outras Lavouras Temporárias	Algodão	Valor	5.000	300.000	95.571.000	1.478.000	111.000	1.183.000	9.047.000	9.128.000
		Área	20	390	45.303	2.080	190	1.470	6.413	7.315
	Alho	Valor	0	0	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0	0	0
	Amendoim	Valor	0	18.000	1.240.000	275.000	65.000	0	100.000	211.000
		Área	0	29	400	99	55	2	178	420
	Bat. Doce	Valor	0	0	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0	0	0
	Bat. Inglesa	Valor	0	0	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0	0	0
	Cana	Valor	42.000	997.000	18.085.000	47.327.000	4.594.000	36.000	51.570.000	41.529.000
		Área	15	264	13.959	36.686	4.999	49	32.398	17.814
	Cebola	Valor	0	0	0	0	0	0	14.000	23.000
		Área	0	0	0	0	0	0	3	1
	Fumo	Valor	0	0	0	0	0	0	0	0
		Área	0	0	0	0	0	0	0	0
	Mandioca	Valor	5.276.000	3.673.000	4.339.000	3.618.000	17.391.000	1.085.000	7.938.000	8.890.000
		Área	4.467	3.464	2.184	735	4.380	1.200	8.519	12.421
TOTAL	Valor	5.323.000	4.988.000	119.235.000	52.698.000	22.161.000	2.304.000	68.669.000	59.781.000	
	Área	4.502	4.147	61.846	39.600	9.624	2.721	47.511	37.971	

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 15: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO CENTRAL - LAVOURAS TEMPORÁRIAS

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

Categoria	Sub-categoria	Valor / Área	Valor da Produção (em Reais) / Área Plantada (em Hectares)				
			ARCO SUL				
			SR15	SR16	SR17	SR18	SR19
Grãos	Arroz	Valor	7.283.000	11.645.000	1.958.000	14.998.000	1.121.236.000
		Área	8.917	17.216	5.674	12.741	617.278
	Aveia	Valor		10.430.000	4.030.000	6.248.000	881.000
		Área		49.760	11.330	19.384	3.565
	Cevada	Valor		2.348.000		13.600.000	496.000
		Área		8.984		32.214	1.480
	Feijão	Valor	8.046.000	51.833.000	34.141.000	31.710.000	13.811.000
		Área	16.040	74.393	53.987	55.145	24.470
	Milho	Valor	24.814.000	697.751.000	279.931.000	481.070.000	87.124.000
		Área	53.800	1.111.761	489.480	684.349	244.510
	Soja	Valor	24.084.000	1.073.755.000	77.061.000	1.385.491.000	246.432.000
		Área	30.116	1.244.324	106.640	1.798.671	340.253
	Sorgo	Valor	102.000	495.000		3.605.000	13.310.000
		Área	170	1.020		8.243	41.804
Trigo	Valor	1.811.000	163.559.000	8.526.000	159.061.000	19.290.000	
	Área	5.123	397.758	28.504	410.330	53.734	
TOTAL	Valor	66.140.000	2.011.816.000	405.647.000	2.095.783.000	1.502.580.000	
	Área	114.166	2.905.216	695.615	3.021.077	1.327.094	
Outras Lavouras Temporárias	Algodão	Valor	9.940.000	51.020.000	0	0	0
		Área	8.324	34.171	0	0	0
	Alho	Valor	0	873.000	128.000	5.298.000	1.102.000
		Área	0	159	65	547	275
	Amendoim	Valor	1.874.000	1.843.000	40.000	5.254.000	613.000
		Área	1.925	1.690	37	2.296	576
	Bat. Doce	Valor	3.000	5.239.000	93.000	15.537.000	4.897.000
		Área	2	1.436	24	2.843	3.068
	Bat. Inglesa	Valor	0	18.983.000	1.343.000	11.718.000	38.370.000
		Área	0	1.733	652	3.328	10.462
	Cana	Valor	61.421.000	35.787.000	10.879.000	21.565.000	1.230.000
		Área	45.699	25.773	5.148	16.392	1.604
	Cebola	Valor	0	1.427.000	1.012.000	3.950.000	26.255.000
		Área	0	576	276	1.241	7.770
Fumo	Valor	203.000	35.470.000	84.257.000	25.036.000	57.462.000	
	Área	42	10.598	20.535	7.844	12.416	
Mandioca	Valor	24.797.000	75.545.000	25.396.000	165.513.000	9.224.000	
	Área	25.202	75.106	9.284	35.378	3.621	
TOTAL	Valor	98.238.000	226.187.000	123.148.000	253.871.000	139.153.000	
	Área	81.194	151.242	36.021	69.869	39.792	

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE, 2001

TABELA 16: PRODUÇÃO AGRÍCOLA ARCO SUL - LAVOURAS TEMPORÁRIAS

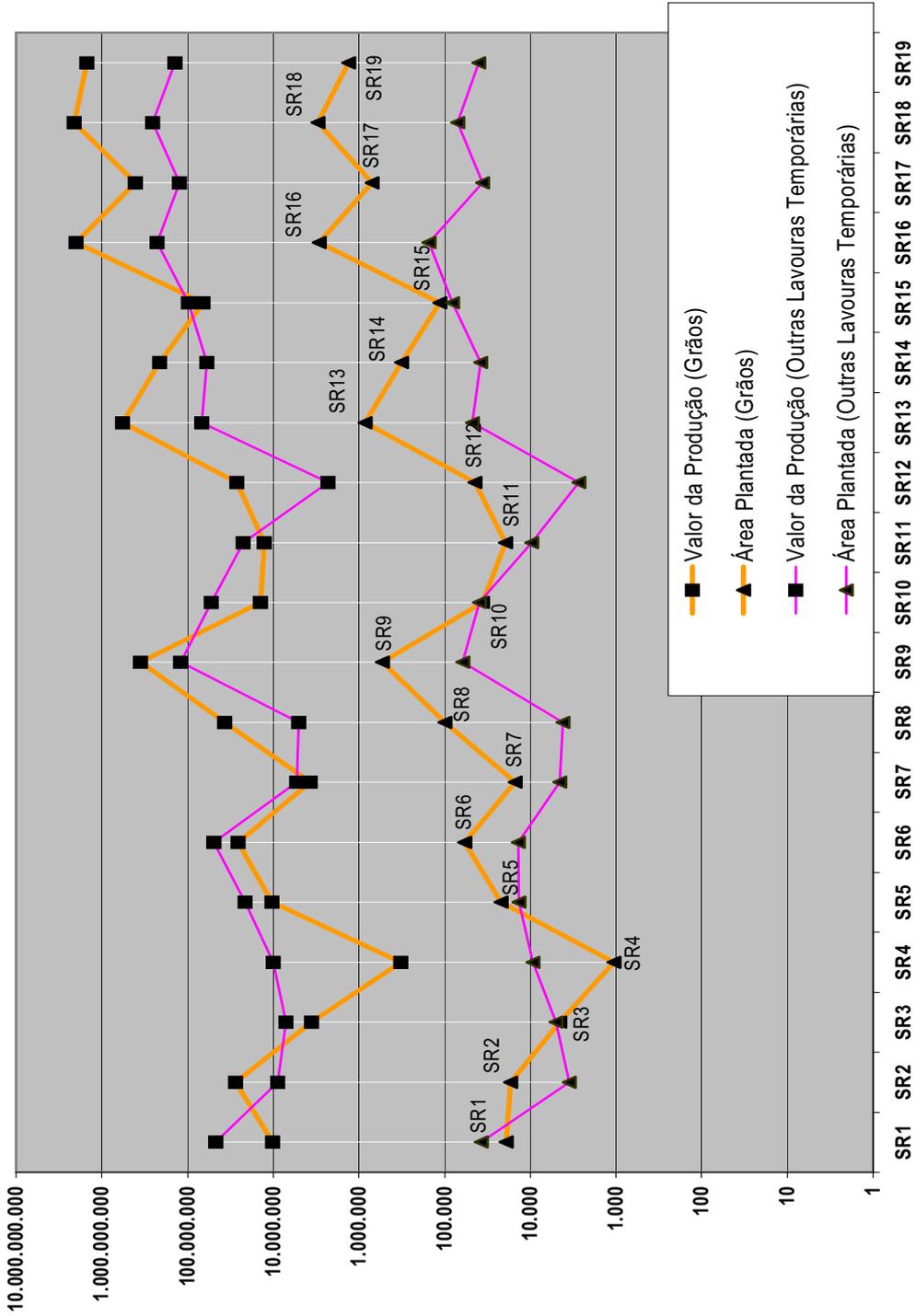


FIGURA 15: PRODUÇÃO AGRÍCOLA - LAVOURAS TEMPORÁRIAS - VALOR DA PRODUÇÃO (EM REAIS) E ÁREA PLANTADA (EM HA)

ARCO	SUBREGIÃO	PRODUÇÃO	INSUMOS	PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO										DISTRIBUIÇÃO	TOTAL	
				Conservas	Óleos e Gorduras	Amidos e Rações	Açúcar	Café	Produtos Alimentares	Bebidas	Produtos de Fumo	SUBTOTAL				
ARCO NORTE	SR1	3	0	1	0	1	0	0	1	8	0	0	0	11	16	30
	SR2	9	0	1	0	7	0	0	0	15	3	1	27	27	63	63
	SR3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	SR4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
	SR5	4	0	0	0	0	0	0	3	7	0	0	0	10	2	16
ARCO CENTRAL	SR6	38	0	3	0	4	0	0	4	33	7	2	53	45	136	136
	SR7	37	0	2	1	6	0	0	5	38	7	1	60	101	198	
	SR8	6	0	1	0	18	0	0	1	6	1	0	27	30	63	
	SR9	127	1	5	2	28	0	0	3	20	6	0	64	54	246	
	SR10	22	0	4	0	14	0	0	2	11	4	0	35	14	71	
ARCO SUL	SR11	26	1	0	0	12	2	4	4	11	3	0	32	38	97	
	SR12	23	1	0	1	7	0	0	0	3	0	0	11	8	43	
	SR13	637	4	1	7	40	2	4	4	10	4	0	68	80	789	
	SR14	127	0	0	3	22	0	3	3	15	4	0	47	41	215	
	SR15	78	5	2	0	33	2	8	8	34	3	0	82	65	230	
ARCO SUL	SR16	1363	53	18	26	151	1	15	255	19	0	0	485	605	2506	
	SR17	205	51	11	3	88	0	0	145	10	2	259	219	734		
	SR18	1075	81	21	16	92	0	5	232	20	2	388	656	2200		
	SR19	1327	14	34	6	226	0	12	224	24	6	532	506	2379		

Fonte: RAIS / MT, 2001

TABELA 17: AGROINDÚSTRIA (NÚMERO DE EMPRESAS) - 2001

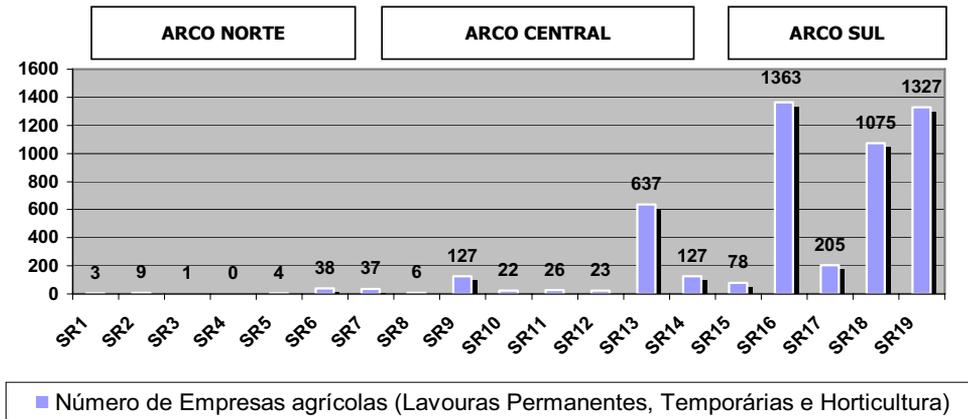


FIGURA 16: GRAU DE EMPRESARIAMENTO DA AGRICULTURA - 2001

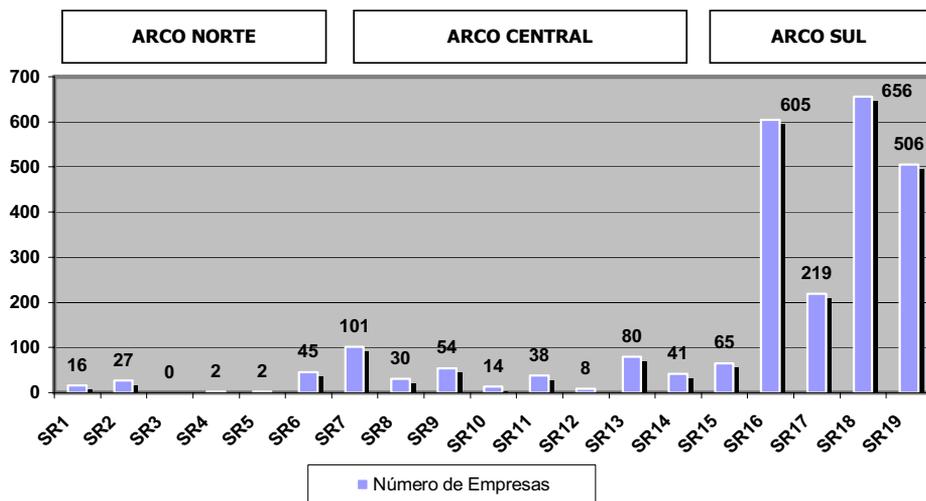


FIGURA 17: ATACADISTA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROINDUSTRIAIS - 2001

ARCO	SUBREGIÃO	PECUÁRIA / CORTE / LATICÍNIOS / COURO					TOTAL
		Criação	Abate	Laticínios	Curtimento / Couro / Calçados		
ARCO NORTE	SR1	30	3	1	0	34	
	SR2	16	0	3	4	23	
	SR3	3	0	0	0	3	
	SR4	0	0	0	0	0	
	SR5	35	2	3	0	40	
	SR6	220	8	18	1	247	
ARCO CENTRAL	SR7	59	3	8	2	72	
	SR8	167	4	11	1	183	
	SR9	364	16	12	4	396	
	SR10	474	9	25	10	518	
	SR11	1248	16	20	4	1288	
	SR12	726	5	4	0	735	
	SR13	1115	13	25	11	1164	
	SR14	885	12	12	3	912	
	SR15	881	14	39	21	955	
	SR16	717	101	114	57	989	
ARCO SUL	SR17	315	56	67	36	474	
	SR18	283	84	92	122	581	
	SR19	2136	108	64	84	2392	

Fonte: RAIS / MT, 2001

TABELA 18: BOVINOCULTURA DE CORTE E LEITE/ COUROS (NÚMERO DE EMPRESAS)

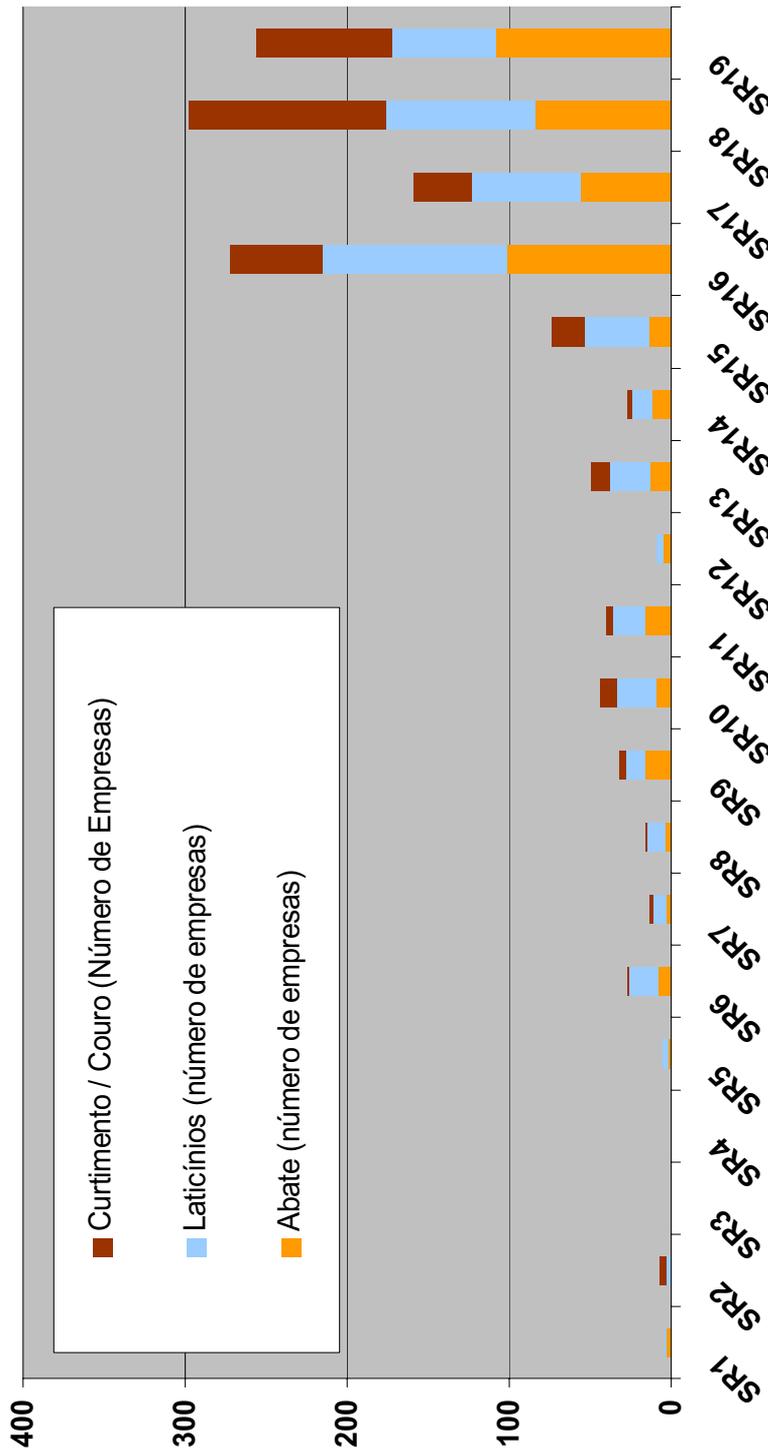


FIGURA 18: BOVINOCULTURA - PROCESSOS INDUSTRIAIS - 2001

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

ARCO	SUBREGIÃO	MADEIRA / MÓVEIS				
		Silvicultura	Desdobramento / Fabricação	Celulose / Papel	Industria Moveleira	TOTAL
ARCO NORTE	SR1	14	4	2	1	21
	SR2	6	23	2	5	36
	SR3	0	0	0	0	0
	SR4	0	0	1	0	1
	SR5	1	16	0	7	24
	SR6	4	54	2	22	82
ARCO CENTRAL	SR7	3	85	1	18	107
	SR8	0	133	0	32	165
	SR9	5	128	4	28	165
	SR10	2	46	0	13	61
	SR11	4	15	0	12	31
	SR12	1	8	0	1	10
	SR13	8	20	2	22	52
	SR14	2	40	0	26	68
ARCO SUL	SR15	0	46	1	115	162
	SR16	40	527	34	433	1034
	SR17	49	340	16	353	758
	SR18	23	349	19	295	686
	SR19	61	141	7	63	272

Fonte: RAIS / MT, 2001

TABELA 19: MADEIRA E MÓVEIS (NÚMERO DE EMPRESAS) - 2001

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

ARCO	SUBREGIÃO	METAL - MECÂNICA			
		Extração Mineral	Siderurgia / Metalurgia	Fabricação de Maquinas	total
ARCO SUL	SR1	4	1	1	6
	SR2	0	5	2	7
	SR3	0	0	0	0
	SR4	0	0	0	0
	SR5	0	1	0	1
	SR6	1	8	4	13
ARCO CENTRAL	SR7	5	23	4	32
	SR8	0	3	0	3
	SR9	3	21	2	26
	SR10	1	2	1	4
	SR11	15	7	5	27
	SR12	6	1	0	7
	SR13	0	17	5	22
	SR14	2	6	1	9
ARCO SUL	SR15	0	17	6	23
	SR16	5	245	89	339
	SR17	9	126	105	240
	SR18	2	208	78	288
	SR19	18	87	27	132

Fonte: RAIS / MT, 2001

TABELA 20: METAL/MECÂNICA (NÚMERO DE EMPRESAS) - 2001

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

ARCO	SUBREGIÃO	CONSTRUÇÃO CIVIL						
		Extração de areia, argila e pedra	Fabricação de cimento, concreto, etc.	Fabricação de produtos cerâmicos	Fabricação de Estruturas Metálicas	Construção	Obras	TOTAL
ARCO NORTE	SR1	0	2	1	0	17	15	35
	SR2	4	7	6	8	124	13	162
	SR3	0	0	0	1	2	0	3
	SR4	2	0	0	0	0	0	2
	SR5	0	0	6	1	27	1	35
	SR6	6	5	15	6	181	21	234
ARCO CENTRAL	SR7	9	13	12	6	242	32	314
	SR8	0	3	12	1	38	3	57
	SR9	5	15	15	24	126	18	203
	SR10	6	2	13	4	32	6	63
	SR11	5	4	16	6	40	13	84
	SR12	2	5	3	1	9	2	22
	SR13	9	11	6	18	132	16	192
	SR14	10	8	9	8	53	8	96
ARCO SUL	SR15	9	18	14	17	159	5	222
	SR16	39	152	97	201	1396	160	2045
	SR17	15	72	39	162	529	149	966
	SR18	44	110	122	157	1062	152	1647
	SR19	69	48	94	80	1058	180	1529

Fonte: RAIS / MT, 2001

TABELA 21: CONSTRUÇÃO CIVIL (NÚMERO DE EMPRESAS) - 2001

II - Nova Base Territorial para o Programa Faixa de Fronteira

ARCO	SUBREGIÃO	TÊXTIL						
		Beneficiamento	Fiação	Tecelagem e Artefatos têxteis	Malharia	Artefatos têxteis e Acabamento	Confecção e Acessórios	TOTAL
ARCO NORTE	SR1	0	1	0	0	0	2	3
	SR2	0	0	0	1	0	10	11
	SR3	0	0	0	0	0	0	0
	SR4	0	0	0	0	0	0	0
	SR5	0	0	0	0	0	0	0
	SR6	1	0	0	0	6	10	17
ARCO CENTRAL	SR7	0	0	0	1	3	20	24
	SR8	0	0	0	0	1	10	11
	SR9	2	0	0	1	2	22	27
	SR10	2	0	0	0	0	5	7
	SR11	1	0	0	0	1	8	10
	SR12	0	0	1	0	0	0	1
	SR13	3	0	2	1	1	31	38
	SR14	2	1	1	0	0	16	20
ARCO SUL	SR15	6	4	4	1	14	174	203
	SR16	15	7	20	40	52	470	604
	SR17	0	3	11	19	34	213	280
	SR18	0	1	16	50	30	364	461
	SR19	5	3	4	36	8	147	203

Fonte: RAIS / MT, 2001

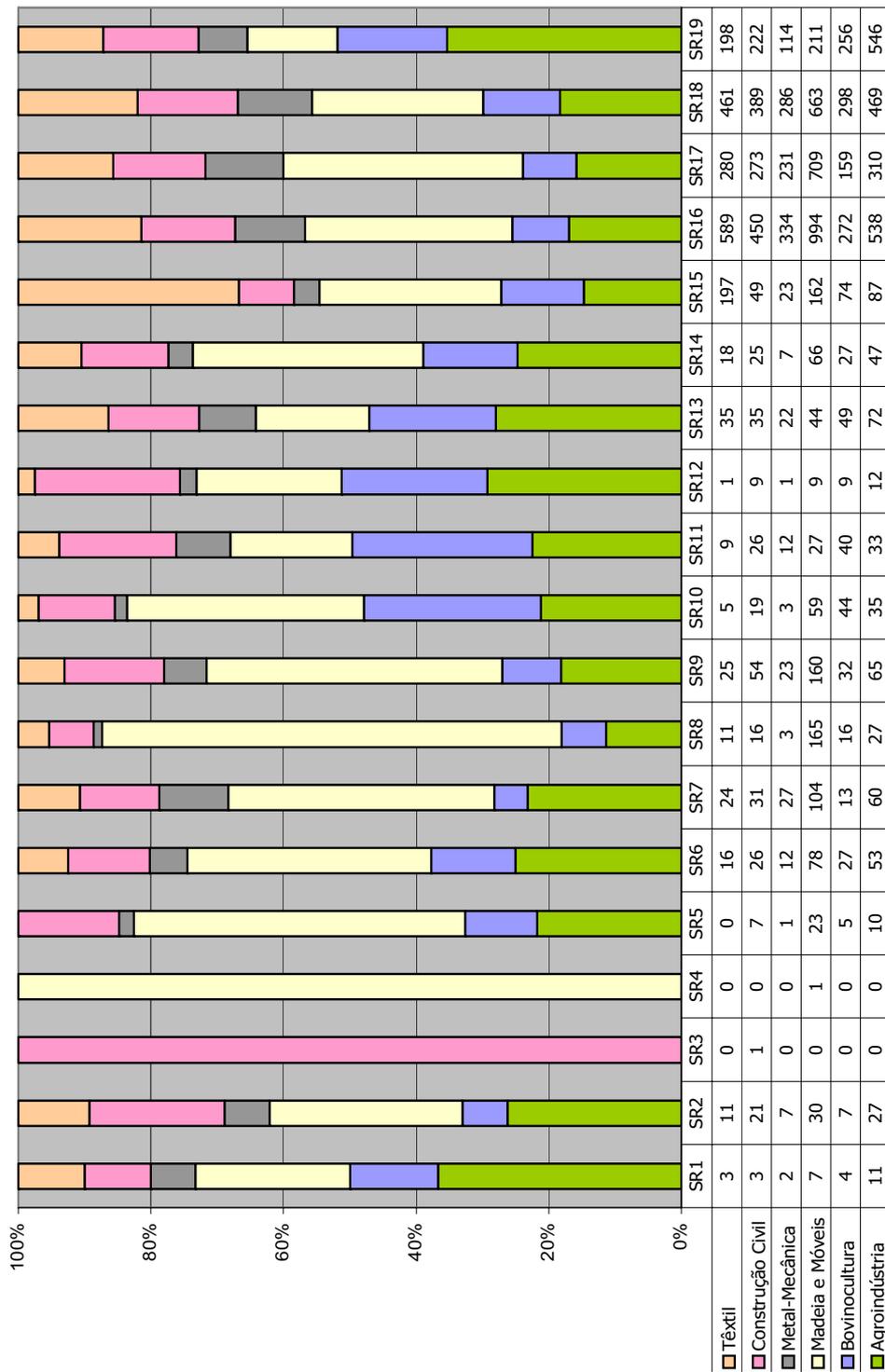
TABELA 22: TÊXTIL (NÚMERO DE EMPRESAS) - 2001

Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira

ARCO	SUBREGIÃO	TURISMO		
		Rede Hoteleira	Agências de Viagem (serviços)	total
ARCO SUL	SR1	6	3	9
	SR2	21	12	33
	SR3	0	0	0
	SR4	3	0	3
	SR5	6	0	6
	SR6	46	11	57
ARCO CENTRAL	SR7	57	27	84
	SR8	16	2	18
	SR9	43	11	54
	SR10	19	0	19
	SR11	107	23	130
	SR12	39	12	51
	SR13	48	8	56
	SR14	32	4	36
ARCO SUL	SR15	32	7	39
	SR16	338	143	481
	SR17	106	37	143
	SR18	173	49	222
	SR19	259	67	326

Fonte: RAIS / MT, 2001

TABELA 23: TURISMO (NÚMERO DE EMPRESAS) - 2001



Fonte: RAIS / MT, 2001

FIGURA 19: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS - ATIVIDADES INDUSTRIAIS